

Curso Básico de Espiritismo

Apresentação

Colocamos à disposição dos companheiros o **Curso Básico de Espiritismo**, do Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora - MG (IDE-JF) em parceria com o ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita) da FEB (Federação Espírita Brasileira).

Os capítulos apresentados não substituem as Obras Básicas da Codificação, de Allan Kardec, que devem ser lidas e meditadas continuamente. Após cada aula, apresentamos uma breve bibliografia que deve ser consultada sempre que possível.

Esperamos que este trabalho seja proveitoso a todos.

IDE-JF
Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora - MG

FEB
Federação Espírita Brasileira

Divulgação

AUTORES ESPÍRITAS CLÁSSICOS
www.autoresespiritasclassicos.com

Índice

Capítulo 1 – Doutrina Espírita: Allan Kardec e as Obras Básicas	6
1.1 - Introdução	6
1.2 - Precursores Imediatos	6
1.3 - Os Fenômenos Hydesville e as Mesas Girantes.....	6
1.4 - Allan Kardec	7
1.5 - As Obras Básicas	8
1.6 - Princípios básicos da Doutrina Espírita	10
Bibliografia e referências	10
Capítulo 2 – As Três Revelações	11
2.1 - Introdução	11
2.2 - Primeira Revelação: Moisés	11
2.3 - Segunda Revelação: Jesus	12
2.4 - Terceira Revelação: Espiritismo.....	14
Bibliografia e referências	16
Capítulo 3 – O Tríplice Aspecto do Espiritismo	17
3.1 - Introdução	17
3.2 - Espiritismo e Ciência	17
3.3 - Espiritismo e Filosofia	17
3.4 - Espiritismo e Religião	18
Bibliografia e referências	18
Capítulo 4 – Deus e os atributos da Divindade	19
4.1 - Introdução	19
4.2 - O Que é Deus?	20
4.3 - Atributos da Divindade	20
4.4 - A Providência Divina.....	21
Bibliografia e referências	21
Capítulo 5 – Os elementos gerais do universo: Espírito e Matéria.....	22
5.1 - O Espírito	22
5.2 - A Matéria	22
5.3 - Os Fluidos	23
Bibliografia e referências	23
Capítulo 6 – Origem, Natureza e Forma dos Espíritos: Perispírito	24
6.1 - Introdução	24
6.2 - O Espírito	24
6.3 - O Perispírito	25
Bibliografia e referências	25
Capítulo 7 – O Mundo Espiritual	26
7.1 - Esferas Espirituais.....	26
7.2 - As Colônias Espirituais	27
7.3 - O Homem após a Morte	28
Bibliografia	29
Capítulo 8 – Escala Espírita: Progressão dos Espíritos.....	30
8.1 - Progressão dos Espíritos.....	30
8.2 - Escala Espírita.....	30
Bibliografia	32

Capítulo 9 – Mediunidade / Ocupação e Missões dos Espíritos	33
9.1 - Introdução	33
9.2 - Mediunidade	33
9.3 - Tipos de Médiuns.....	34
9.4 - Objetivos da Mediunidade.....	34
9.5 - Influência dos Espíritos em Atos e Pensamentos.....	35
9.6 - Ocupações dos Espíritos.....	36
9.7 - Espíritos Protetores	37
Bibliografia	37
Capítulo 10 – Percepções e Sensações dos Espíritos / Sono e Sonhos	38
10.1 - As Percepções	38
10.2 - As Sensações.....	39
10.3 - Sono e sonhos.....	39
10.4 - Classificação dos Sonhos	40
Bibliografia	42
Capítulo 11 – Reencarnação.....	43
11.1 - Pluralidade X Unicidade das Encarnações	43
11.2 - Reencarnação nos Evangelhos.....	43
11.3 - Evidências Científicas	44
11.4 - Objetivos da reencarnação.....	45
Bibliografia	47
Capítulo 12 – Lei de Causa e Efeito	48
12.1 - Introdução	48
12.2 - Princípios Fundamentais	48
Bibliografia	51
Capítulo 13 – O Processo Encarnatório	52
13.1 - Tipos de Encarnação	52
13.2 - Fases da Encarnação.....	53
13.3 - Aspectos Psicológicos	54
Bibliografia	55
Capítulo 14 – O Esquecimento do Passado	56
14.1 - Introdução	56
14.2 - Razões do Esquecimento.....	56
14.3 - Instrumentos do Presente.....	57
Bibliografia	58
Capítulo 15 – Desencarnação: Fluido Vital e Perispírito	59
15.1 - A Causa da Morte.....	59
15.2 - O Desligamento.....	60
15.3 - O Fluido Vital	60
15.4 - Desencarnação e Perispírito: Transplantes	61
Bibliografia	62
Capítulo 16 – O Estado de Perturbação	63
16.1 - Introdução	63
16.2 - Estado de Perturbação	63
16.3 - Atitudes perante a Morte e o Morto.....	66
Bibliografia	67
Capítulo 17 – Morte Prematura: Crianças no Mundo Espiritual	69
17.1 - Causas das Mortes Prematuras	69
17.2 - Crianças no Plano Espiritual	70

Bibliografia	70
Capítulo 18 – Suicídio.....	72
18.1 - Introdução	72
18.2 - Causas	72
18.3 - Conseqüências.....	72
18.4 - Agravantes e Atenuantes.....	73
18.5 - Papel do Espiritismo	73
Bibliografia	74
Capítulo 19 – Diferentes categorias de mundos habitados.....	75
19.1 - Introdução	75
19.2 - Diferentes Mundos.....	75
19.3 - Encarnação nos Diferentes Mundos	76
19.4 - A Transformação da Terra	77
19.5 - O Papel do Brasil	79
Bibliografia	79
Capítulo 20 – Lei natural e Lei de Adoração	80
20.1 - Conhecimento e divisão da Lei Natural.....	80
20.2 - Lei de Adoração	81
Bibliografia	83
Capítulo 21 – Lei do Trabalho	84
21.1 - Necessidade do Trabalho.....	84
21.2 - Limite do Trabalho - Repouso.....	85
Bibliografia	85
Capítulo 22 – Lei de Reprodução: Casamento E Divórcio.....	86
22.1 - Monogamia e Poligamia.....	86
22.2 - Tipos de Casamento	86
22.3 - O Divórcio	87
Bibliografia	88
Capítulo 23 – Lei de Reprodução: Anticoncepção e Aborto	89
23.1 - Anticoncepção.....	89
23.2 - Aborto	90
Bibliografia	92
Capítulo 24 – Lei de Reprodução: Amor e Sexo	93
24.1 - Amor: Alimento da Alma.....	93
24.2 - Sexo e Evolução.....	93
24.3 - Mente-Corpo.....	93
24.4 - Inversão Sexual.....	94
24.5 - Sexo e Equilíbrio.....	96
24.6 - Desvios da Sexualidade.....	96
24.7 - Homossexualismo	98
Bibliografia	99
Capítulo 25 – Lei de Conservação.....	101
25.1 - Introdução	101
25.2 - O Necessário e o Supérfluo	101
25.3 - Privações Voluntárias.....	102
Bibliografia	102
Capítulo 26 – Lei de Destruição	103
26.1 - Destruição Necessária e Destruição Abusiva	103
26.2 - Flagelos Destruidores - Guerras	104

26.3 - Violência	105
26.4 - Pena de Morte	106
26.5 - Eutanásia	107
Bibliografia	108
Capítulo 27 – Lei de Sociedade, Laços de Família	109
27.1 - Simpatias e Antipatias	109
27.2 - As Almas gêmeas	110
27.3 - A Importância da Família	110
27.4 - Laços Corporais e Laços Espirituais	111
Bibliografia	111
Capítulo 28 – Lei de Igualdade	112
28.1 - Igualdade Natural e Desigualdades de Aptidões	112
28.2 - Igualdade do Homem e da Mulher	113
28.3 - As Provas da Riqueza e da Miséria	113
Bibliografia	114
Capítulo 29 – Lei de Liberdade	115
29.1 - A Liberdade Natural e a Escravidão	115
29.2 - Liberdade de Pensar e de Consciência	116
29.3 - Livre-arbítrio e Determinismo	117
Bibliografia	119
Capítulo 30 – Lei de Justiça, Amor e Caridade	120
30.1 - Respeito às Leis, às Religiões e aos Direitos Humanos	120
30.2 - A Caridade Segundo a Doutrina Espírita	121
Bibliografia	122
Capítulo 31 – O Conhecimento de Si Mesmo	123
31.1 - A Reforma Íntima	123
31.2 - O Conhecimento de Si Mesmo	123
Bibliografia	126
Capítulo 32 – Os Vícios	127
32.1 - Introdução	127
32.2 - Os Vícios Sociais	127
32.3 - Os Vícios Morais	132
Bibliografia	133
Capítulo 33 – As Paixões	135
33.1 - Introdução	135
33.2 - Como Vencê-las	135
Bibliografia	137
Capítulo 34 – Felicidade e infelicidade relativas	138
34.1 - A Medida da Felicidade	138
34.2 - Felicidade e Jesus	138
34.3 - Felicidade e Espiritismo	139
Bibliografia	139

Capítulo 1

Doutrina Espírita: Allan Kardec e as Obras Básicas

1.1 - Introdução

Os fatos atinentes às revelações dos Espíritos ou fenômenos mediúnicos remontam à mais recuada Antigüidade, sendo tão velhos quanto o nosso mundo. A História, a esse propósito, está pontilhada desses fenômenos de comunicação espiritual. A respeito desses fenômenos, muitos homens ilustres manifestaram-se favoravelmente, como Sócrates, Platão, Pitágoras, Empédocles, Apolônio de Tiana, Buda, Hermes Trimegisto, etc.

As evocações de Espíritos existiram sempre, tanto no Ocidente quanto no Oriente, como se observa pelos relatos do Código dos Vedas e do Código de Manu.

Paulo, o Apóstolo, em suas cartas, reconhecia a prática das manifestações espirituais, alertando-nos quanto à procedência dessas comunicações. Na Idade Média, destaca-se a figura admirável de Joana D'Arc, a grande médium, recusando sempre a renegar as vozes espirituais.

1.2 - Precursores Imediatos

Numa época mais moderna é que podemos melhor situar a fase precursora do Espiritismo. A diferença entre os fatos desta fase e os fenômenos da “Pré-História”, como bem acen-tua Arthur Conan Doyle, está em que estes últimos episódios eram esporádicos, sem uma seqüência metódica, enquanto aqueles têm a característica de uma “invasão organizada”. É nessa época mais moderna que vamos encontrar alguns notáveis antecessores do Espiritismo, como o famoso clarividente sueco, Emmanuel Swedenborg, dotado de largo potencial de forças psíquicas.

Um outro notável precursor foi Andrew Jackson Davis, magnífico sensitivo e considerado como “O Profeta da Nova Revelação”.

1.3 - Os Fenômenos Hydesville e as Mesas Girantes

Hydesville era uma pequena cidade no interior do estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Poucas casinhas de madeira, alguns estabelecimentos comerciais e muita calma. Até que transfere-se para lá, no ano de 1846, a família Fox. O primeiro ano da família Fox em Hydesville correu sem incidentes, embora vez por outra, observassem ruídos estranhos à semelhança de “arranhaduras” nas paredes.

Em meados de março de 1848, tais ruídos atingiram proporções gigantescas: pancadas, arrastar de móveis e tremores nas camas. A família estava decidida a mudar-se, quando na noite de 31 de março de 1848 (data que os americanos consideram como de fundação do “Novo Espiritualismo”), a menina Kate, de 11 anos, decide “interrogar as pancadas”. Diz:

“- Senhor Pé Rachado, faça o que eu faço.” e bateu 3 palminhas.

Imediatamente ouviu 3 pancadas.

Margarete, sua irmã de 14 anos, achou interessante e disse:

“Agora sou eu; faça assim.” E bateu 4 palmas. Quatro pancadas ressoaram.

A partir daí centenas de pessoas foram chamadas a presenciar o fenômeno e, através de um alfabeto, representando as letras através de pancadas, eles descobriram que estavam conversando com um “morto”. Chamava-se Charles Rosnan, havia sido assassinado naquela casa há 5 anos. Indicou o local onde seu corpo estava enterrado, o que posteriormente foi confirmado.

Os fenômenos de Hydesville, abriram a porta para muitos outros, que levou Conan Doyle a considerá-los como “*a coisa mais importante que deu a América para o mundo.*”

Após os acontecimentos de Hydesville, tornou-se “*a coqueluche da sociedade francesa*”, aquilo que ficou conhecido com o nome de **Mesas Girantes**.

Consistiam em mesas comuns, de madeira, de três pés, onde as pessoas sentavam-se em torno para dialogarem com os Espíritos. Utilizando-se de recursos mediúnicos de uma ou mais das pessoas presentes, as entidades desencarnadas, através de pancadas nas mesas ou movimentos, respondiam inteligentemente às perguntas dos curiosos.

Informam os historiadores que nos anos de 1853 a 1855, as mesas girantes constituíam, em Paris, verdadeiros passatempo, sendo diversão quase obrigatória nas reuniões sociais.

Todavia, ninguém poderia imaginar que dessa brincadeira de salão brotaria o impulso inicial para a Codificação do Espiritismo.

1.4 - Allan Kardec

1.4.1 - O Homem

Na cidade de Lion, na França, nasceu no dia 3 de outubro de 1804, aquele que se celebrizaria sob o pseudônimo de Allan Kardec. De tradicional família francesa de magistrados e professores, filho de Jean Baptiste Antoine Rivail e Jeane Louise Duhamel, foi batizado com o nome de Hippolyte Léon Denizard Rivail.

Em Lion fez os seus primeiros estudos, seguindo depois para Yverdon, na Suíça, a fim de estudar no Instituto do célebre professor Pestalozzi. O instituto desse abalizado mestre era um dos mais famosos e respeitados em toda a Europa. Desde cedo Hippolyte Léon tornou-se um dos mais eminentes discípulos de Pestalozzi, estando inclusive, com a idade de 14 anos, ensinando aos condiscípulos menos adiantados, tudo o que aprendia.

Concluídos os estudos em Yverdon, regressou a Paris, onde se tornou conceituado mestre não só em Letras, como na Ciência, distinguindo-se como notável pedagogo e divulgador do Método Pestalozziano. Conhecia diversas línguas, entre elas o italiano e alemão, tendo traduzido várias obras para o francês. Contraiu matrimônio com a professora Amelie Gabrielle Boudet, conquistando uma preciosa colaboradora. O casal não teve filhos.

Como pedagogo, Rivail publicou numerosos livros didáticos. Apresenta na mesma época, planos e métodos referentes à reforma do ensino francês.

1.4.2 - O Codificador

Começa a missão de Allan Kardec quando, em 1854, ouviu falar pela primeira vez nas mesas girantes através do amigo Fortier, um pesquisador emérito do Magnetismo (Kardec a época interessava-se também pelo estudo desta ciência). Em princípio, Kardec revelou-se cético, face à sua posição de livre pensador, de homem austero, sincero e observador. Exigindo provas, mostrou-se inclinado à observação mais profunda dos ruidosos fatos amplamente divulgados pela imprensa francesa.

No ano seguinte, 1855, aceita o convite para assistir a uma sessão de mesas girantes, e vendo o fenômeno, ele se interessa profundamente. Vê ali um fenômeno inusitado que deveria merecer um exame cuidadoso. Ele decide então, aos 51 anos de idade, estudar o fenômeno mediúnico. Passa a freqüentar a residência de diversos médiuns, recebe cadernos contendo anotações de mensagens recebidas anteriormente, discute, analisa, apresenta questões de grande profundidade aos Espíritos, convencido que está da realidade do mundo extrafísico.

O grande material estudado por ele, mais as centenas de questões propostas às Entidades Luminosas, deram condições ao professor Rivail de publicar a sua primeira obra, *O Livro dos Espíritos*, em 18 de abril de 1857. Esta data passou a ser considerada como a de fundação do Espiritismo.

Decide adotar o pseudônimo de Allan Kardec por dois motivos: primeiro para que o seu nome real, conhecidíssimo em Paris, não viesse a interferir na grandeza do livro, que segundo ele, deveria florescer pelo seu valor e, não pelo autor que o subscrevia. Segundo, em homenagem a uma existência que ele tivera nas Gálias, no primeiro século antes de Cristo, onde fora um sacerdote druida denominado Allan Kardec.

Fundou em 1º de janeiro de 1858 a *Revista Espírita*, órgão mensal que deveria assumir um papel importantíssimo na divulgação da Doutrina, e no mesmo ano, no dia 1º de abril, ele funda a primeira sociedade espírita com o nome de *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos*. No dia 15 de janeiro de 1861 lança *O Livro dos Médiuns*, e depois, sucessivamente, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno*, e *A Gênese*.

Kardec vem a deixar o mundo físico na manhã do dia 31 de março de 1869, em função da ruptura de um aneurisma cardíaco.

1.5 - As Obras Básicas

O conteúdo das obras publicadas por Allan Kardec expõem e consolidam os princípios e os elementos constitutivos da Doutrina Espírita, em sua totalidade, segundo o ensino dos Espíritos, sistematizados pelo codificador. Representam um patrimônio ético, científico e filosófico de valor incalculável, pois traduz o esforço concentrado de uma imensa falange de Espíritos sábios e bons, que sob a assistência amorosa de Jesus acompanharam o trabalho incansável de Allan Kardec.

Constituem-se, na realidade, o alicerce insuperável, através do qual informações outras, de autores recentes, vão sendo paulatinamente assimiladas.

Emmanuel, examinando a grandiosidade das obras básicas do Codificador assevera:

“Após dezenove séculos de teologia arbitrária, não chegaríamos a compreender o Evangelho e Jesus Cristo, sem Allan Kardec.”

As obras básicas da Codificação são as seguintes, por ordem cronológica de edição:

1. O Livro dos Espíritos - 18 de abril de 1857
2. O Livro dos Médiuns - janeiro de 1861
3. O Evangelho Segundo o Espiritismo - abril de 1864
4. O Céu e o Inferno - 1865
5. A Gênese, os milagres e as predições - janeiro de 1868

Allan Kardec escreveu ainda dois outros livros de menor extensão: “O Que é o Espiritismo” e “O Principiante Espírita”, e no ano de 1890, P.G. Leymarie publica o livro *Obras Póstumas*, contendo artigos de Kardec ainda não conhecidos do público.

1.5.1 - O Livro dos Espíritos

A primeira obra publicada por Kardec é, na essência, um tratado de perguntas e respostas de caráter filosófico. Em 1019 itens, o Codificador apresenta os princípios basilares da Doutrina que, posteriormente, serão desenvolvidos nos outros livros.

Na primeira parte: o autor estuda as causas primárias, Deus, o espírito e a matéria. O princípio vital e da criação.

Na parte segunda: o Mundo dos Espíritos; a encarnação, a desencarnação, a missão e ocupação dos Espíritos e seu inter-relacionamento com os homens.

A terceira parte tem um caráter eminentemente moral, pois Kardec vai examinar a Lei Natural, subdividida em dez Leis Morais que regem as relações humanas: Adoração, Trabalho, Reprodução, Conservação, Destruição, Sociedade, Progresso, Igualdade, Liberdade e Justiça, Amor e Caridade.

Na última parte, o codificador se preocupa com as Esperanças e Consolações e a Lei de Causa e Efeito.

1.5.2 - O Livro dos Médiuns

O segundo livro, por ordem cronológica de lançamento, no seu frontispício, apresenta o subtítulo: “Guia dos Médiuns e dos Evocadores” e resume o seu conteúdo assim:

“Ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo.”

O Livro dos Médiuns é considerado, ainda hoje, como o mais completo tratado de fenomenologia paranormal de todos os tempos, e, por esse motivo, é de leitura obrigatória a todos aqueles que trabalham na área mediúnica.

1.5.3 - O Evangelho Segundo o Espiritismo

Com esta obra, o Espiritismo vai assumir um caráter nitidamente religioso, pois Kardec se propõe a examinar cuidadosamente as diversas palavras do Cristo e as passagens mais significativas do Novo Testamento, no seu aspecto moral.

Em sua folha de rosto, lê-se a síntese de seu conteúdo:

“A explicação da máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida.”

O seu estudo se desdobra em 28 capítulos de rara beleza e de profunda sabedoria.

1.5.4 - Céu e o Inferno

Este quarto livro tem como subtítulo “A Justiça Divina segundo o Espiritismo.”

Na primeira parte: Céu, Inferno, Anjos e Demônios, e a Lei de Ação e Reação mostrando as inúmeras nuances que cercam este princípio universal.

Na segunda parte, apresenta o Codificador mensagens de Espíritos desencarnados que se comunicaram na Sociedade Espírita de Paris.

1.5.5 - Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo

Um ano antes de sua morte, Allan Kardec publicou seu último grande livro. Cabia-lhe interpretar o Antigo e o Novo Testamento segundo a ciência espírita. Nas primeiras linhas da introdução, escreveu:

“A nova obra constitui mais um passo à frente, nas conseqüências e nas aplicações do Espiritismo; tem por fim o estudo de três pontos que foram até hoje, diversamente interpretados e comentados: A Gênese, os Milagres de Jesus e as predições encontradas nos Evangelhos.”

1.6 - Princípios básicos da Doutrina Espírita

A força da Doutrina Espírita está em seus princípios e na sua permanente possibilidade de comprovação. São eles: a existência de Deus; a imortalidade; a comunicabilidade dos espíritos; a reencarnação e a evolução universal e infinita.

Cada um destes princípios será objeto de estudo nos próximos capítulos.

Bibliografia e referências

- Allan Kardec (Volume I, II e III) - Zêus Wantuil e Francisco Thiesen
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Introdução - Allan Kardec
- Obras Póstumas - Allan Kardec
- As Mesas Girantes - Zêus Wantuil
- A História do Espiritismo - Arthur Conan Doyle

Capítulo 2

As Três Revelações

2.1 - Introdução

Revelar, do latim “revelare”, significa, literalmente, sair sob o véu, e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida.

A característica essencial de qualquer revelação tem de ser a verdade. Revelar o segredo é tornar conhecido um fato; se é falso, já não é um fato e, por conseqüência, não existe revelação.

No sentido especial da fé religiosa, a revelação se refere, mais particularmente, das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por meio da inteligência, nem com o auxílio dos sentidos, e cujo conhecimento lhe dá Deus através de Seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens predispostos, designados sob o nome de profetas ou messias.

Todas as religiões tiveram seus reveladores, e estes, embora longe estivessem de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam, e aos quais, eram relativamente superiores.

Allan Kardec, em *A Gênese*, cap. I, assevera que três foram as grandes revelações da Lei de Deus: a primeira representada por Moisés, a segunda por Jesus e a terceira e última revelação pelo Espiritismo.

Em *O Consolador*, o benfeitor Emmanuel tange ao tema da seguinte forma:

“Até agora a Humanidade da era cristã recebeu a grande Revelação em três aspectos essenciais: Moisés trouxe a missão da Justiça; o Evangelho, a revelação insuperável do Amor e o Espiritismo, em sua feição de Cristianismo redivivo, traz, por sua vez, a sublime tarefa da Verdade.”

2.2 - Primeira Revelação: Moisés

Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único e soberano Senhor e orientador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e lançou as bases da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa primitiva fé, purificando-se, havia de espalhar-se por sobre a Terra.

Examinando o missionário, Emmanuel assim se refere:

“Moisés trazia consigo as mais elevadas faculdades mediúnicas, apesar de suas características de legislador humano. É inconcebível que o grande missionário dos judeus e da Humanidade pudesse ouvir o espírito de Deus. Estais, porém habilitados a compreender que a Lei, ou a base da Lei (os Dez Mandamentos), foi-lhe ditada pelos emisários de Jesus.

Examinando-se os seus atos enérgicos de homem, há a considerar as características da época em que se verificou sua grande tarefa. Com expressões diversas, o grande enviado não poderia dar conta exata de suas preciosas obrigações, em face da Humanidade ignorante e materialista.”

2.2.1 - A Lei Mosaica

Há duas partes distintas na lei mosaica: a lei de Deus, promulgada sobre o Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, estabelecida pelo próprio Moisés. Uma é invariável; a outra é apropriada aos costumes e ao caráter do povo e se modifica com o tempo.

A primeira, é lei de todos os tempos e de todos os países, e tem, por isso mesmo, um caráter divino. A segunda, foi criada pelo missionário para manter o temor de um povo naturalmente turbulento e indisciplinado, no qual tinha de combater abusos arraigados e preconceitos adquiridos durante a servidão do Egito.

André Luiz, referindo-se a parte divina da Lei Mosaica, diz:

“Os Dez Mandamentos recebidos mediunicamente pelo profeta, brilham ainda hoje por alicerce de luz na edificação do Direito, dentro da ordem social.”

Quadro 1 - O Decálogo

1. Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás deuses estrangeiros diante de mim. Não farás para ti imagens de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima no Céu, e do que há embaixo na terra, nem de coisa que haja nas águas, debaixo na terra. Não andarás, nem lhes darás culto.
2. Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão.
3. Lembra-te de santificar o dia de sábado.
4. Honrarás a teu pai e a tua mãe, para teres uma dilatada vida sobre a Terra.
5. Não matarás.
6. Não cometerás adultério.
7. Não furtarás.
8. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.
9. Não desejarás a mulher do próximo.
10. Não cobiçarás a casa do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem outra coisa alguma que lhe pertença.

Fonte: [ESE - cap. I]

2.3 - Segunda Revelação: Jesus

A segunda grande revelação da Lei de Deus, na concepção de Kardec, foi apresentada por Jesus.

Segundo o benfeitor André Luiz (*Evolução em Dois Mundos*):

“Com Jesus, a religião, como sistema educativo, alcança eminência inimaginável. Nem templos de pedras, nem rituais. Nem hierarquias efêmeras, nem avanço ao poder humano. O Mestre desferrolha as arcas do conhecimento enobrecido e distribui-lhe os tesouros.”

Allan Kardec, examinando a Revelação Cristã, lembra que

“O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a revelação da

vida futura, de que Moisés não falara, assim como a das penas e recompensas que aguardam o homem depois da morte.”

Acrescenta Kardec que a filosofia cristã estava sedimentada em uma concepção inteiramente nova da Divindade. Esta já não era mais a concepção de um Deus terrível, ciumento, vingativo, como O apresentava Moisés, mas um Deus clemente, soberanamente bom e justo, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao vicioso e dá a cada um segundo as suas obras. Enfim, já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

2.3.1 - Quem é Jesus?

Lembra o Espírito Emmanuel, que

“De forma alguma poderíamos fazer um estudo minucioso da psicologia de Jesus, por nos faltar maturidade espiritual para tanto.”

No entanto, a respeito do Messias, sabe-se que foi Ele o Enviado de Deus, a representação do Pai junto ao rebanho de filhos transviados de seu amor e de sua sabedoria. Diretor angélico do orbe terreno, acompanhou todo o processo de formação da Terra, o primórdio da vida no planeta, e vem seguindo, com a mais extremada atenção, a todos os espíritos que vinculados a este orbe.

Mostra Emmanuel que Jesus não pode ser compreendido como um simples filósofo, tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, conseguidos à custa de inúmeras encarnações em mundos, hoje já inexistentes.

Esteve encarnado em nosso planeta uma única vez, e tornou-se, na expressão do Codificador, o “*modelo e guia para a humanidade*”, haja vista ter sido Jesus o único Espírito Puro a envolver-se na materialidade da Terra.

2.3.2 - Os Evangelhos

A Mensagem Cristã encontra-se distribuída nos quatro evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João), nas Epístolas apostólicas, nos Atos dos Apóstolos e no Apocalipse de João.

Uma análise crítica dos Evangelhos e das Cartas Apostólicas, leva-nos, naturalmente, ao encontro de algumas passagens pouco aceitáveis, ilógicas ou até mesmo absurdas: “A tentação no deserto”, “A expulsão dos vendilhões do templo” e muitos pensamentos colocados na boca de Jesus, não resistem a uma análise racional por encontrarem-se em evidente contradição com os mais elementares princípios da lógica, da justiça e da caridade.

Estes desencontros evangélicos em nada desmerecem a obra, que é, segundo Kardec, “*código universal da moral*”, mas despertam nossa atenção para alguns detalhes vinculados a ela:

- a) As Adultrações Involuntárias: Jesus nada escreveu. Acredita-se que as primeiras anotações tenham surgido muito tempo depois da sua morte. Marcos, Lucas e Paulo não chegaram a conhecer o Messias e, portanto, colheram informações de outras fontes. Todos essas evidências levam-nos a acreditar que determinadas colocações apresentadas nos Evangelhos não correspondem à realidade absoluta dos fatos. Certamente, ocorreram adultrações involuntárias.
- b) Os Enxertos dos Evangelistas: Notamos, que uma preocupação básica ocupava a mente dos evangelistas: provar que Jesus era de fato o Messias aguardado pelos judeus. Para que a Mensagem cristã viesse a vingar na Palestina, esta idéia deveria prevalecer. Acredita-se então, que algumas passagens da Boa Nova não ocorreram realmente, mas foram acrescentadas às anotações com esse objetivo. “O nascimento

de Jesus em Belém”, “a hipotética viagem ao Egito”, a “Tentação no deserto” e muitas outras passagens teriam sido enxertadas para provar a tese de que Jesus era o Salvador dos Judeus, o Enviado de Jeová.

- c) As Adultrações Posteriores da Igreja: muitas anotações verificadas nos textos bíblicos de hoje não são identificadas nas versões originais, mostrando que foram acrescentadas posteriormente. Para justificar certos dogmas, alguns sacramentos e determinadas práticas religiosas, certos representantes da Igreja, ainda nos primeiros séculos da era Cristã, acrescentaram aos textos originais idéias, princípios e passagens que na realidade não ocorreram.

2.4 - Terceira Revelação: Espiritismo

Allan Kardec apresenta o Espiritismo como sendo a Terceira Revelação da Lei de Deus, o Consolador prometido aos homens por Jesus, conforme anunciado por [João-XIV:15-17,26]:

“Se me amais, guardai os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco, o Espírito da Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece. Mas vós o conhecereis, porque ele ficará convosco e estará em vós. - Mas o Consolador, a quem o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.”

Kardec, examinando o tema, afirma:

“O Espiritismo vem, no tempo assinalado, cumprir a promessa do Cristo. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas, fazendo compreender o que o Cristo só disse em parábolas. O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos porque ele fala sem figuras e alegorias.”

Da mesma maneira que Jesus não veio destruir a lei mosaica, apresentada 15 séculos antes dele por Moisés, assim também o Espiritismo não vem derrogar a lei cristã mas completá-la, desenvolvê-la, enriquecê-la.

Nesse sentido, o Espiritismo se propõe a revelar tudo aquilo que Jesus não pode dizer àquela época em função da pouca maturidade espiritual de sua gente. Ele é, portanto, obra do Cristo, que o preside e o acompanha, objetivando a recuperação moral da humanidade.

2.4.1 - O Caráter da Revelação Espírita

Do ponto de vista de uma revelação religiosa, o Espiritismo apresenta algumas características particulares:

Estruturação Coletiva

A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não a tem em indivíduo algum; as duas primeiras foram individuais, a terceira coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por consequência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala.

Lembra Kardec:

“Que as duas primeiras revelações, sendo fruto do ensino pessoal ficaram forçosamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a idéia se pro-

pagou pouco a pouco; mas foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo o invadirem inteiramente. A terceira tem isto de particular: não estando personificada em um só indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação.”

Origem Humano-Espiritual

Surgindo o Espiritismo numa época de emancipação e maturidade espiritual, em que a inteligência, já desenvolvida, não se resigna a representar papel passivo; em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa - tinha ela de ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre exame. Assim sendo, os Espíritos propõem-se a ensinar somente aquilo que é mister para guiar o homem no caminho da verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à sua custa. Fornecem-lhe o princípio, os materiais; cabe-lhe, a ele, aproveitá-los e pô-los em obra.

O Espiritismo, portanto, tem uma dupla origem: espiritual, pois sua estrutura doutrinária foi em grande parte ditada por Espíritos Superiores preparados para este mister; e nesse sentido ele é uma revelação. Mas tem também uma origem humana, pois foi e continua sendo enriquecido, trabalhado e burilado por espíritas cultos e dedicados que dão o melhor de si no aperfeiçoamento da obra.

Caráter Progressivo

Um último caráter da revelação espírita é que, apoiando-se em fatos, tem de ser, essencialmente progressiva como todas as ciências de observação. Por sua substância, alia-se à Ciência que, sendo a exposição das leis da natureza com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária às leis de Deus, autor daquelas leis.

O Espiritismo pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas.

Kardec, a respeito desse caráter, emite vários pensamentos notáveis:

“Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.” [Gên - cap. I, it 55]

“A melhor religião será a que melhor satisfaça à razão e às legítimas aspirações do coração e do espírito; que não seja em nenhum ponto desmentida pela ciência positiva, que em vez de se imobilizar, acompanhe a humanidade em sua marcha progressiva, sem nunca deixar que a ultrapassem.” [Gên - cap. XVII, it 32]

“Se uma nova lei for descoberta, tem a Doutrina Espírita que se por de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as idéias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicos ou metafísicos, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias de sua perpetuidade.” [OP - 2ª parte]

Bibliografia e referências

- [ESE] O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- [Gên] A Gênese - Allan Kardec
- [OP] Obras Póstumas - Allan Kardec
- A Caminho da Luz - Emmanuel/Chico Xavier
- O Consolador - Emmanuel/Chico Xavier
- Evolução em Dois Mundos - André Luiz/Chico Xavier - Waldo Vieira
- Cristianismo e Espiritismo - Leon Denis
- Cristianismo: A mensagem esquecida - Hermínio Miranda

Capítulo 3

O Tríplice Aspecto do Espiritismo

3.1 - Introdução

No prólogo de [O Que é o Espiritismo], Allan Kardec define o Espiritismo como sendo:

“Uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo espiritual.”

Em outra passagem, ainda na obra citada, o Codificador acrescenta:

“O Espiritismo é ao mesmo tempo ciência experimental e Doutrina Filosófica. Como ciência prática, tem a sua essência nas relações que se podem estabelecer com os espíritos. Como filosofia compreende todas as conseqüências morais decorrentes dessas relações.”

Pode-se observar do pensamento do Codificador, que o Espiritismo reveste-se de três aspectos distintos, mas complementares:

- a) Ciência Experimental;
- b) Doutrina Filosófica;
- c) As conseqüências morais decorrentes das duas anteriores.

Emmanuel, em [O Consolador] diz:

“Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado como um triângulo de forças espirituais. A ciência e a filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a religião é o ângulo divino que a liga ao céu.”

Em outra mensagem mediúnica, o benfeitor acrescenta:

“Não será justo em nosso movimento libertador da vida espiritual, prescindir da ciência que estuda, da filosofia que esclarece e da religião que sublima.”

3.2 - Espiritismo e Ciência

No aspecto científico, o Espiritismo demonstra a existência da alma e sua imortalidade, principalmente através do intercâmbio mediúnico entre os encarnados e desencarnados.

Preocupa-se em estudar a intimidade do fenômeno mediúnico, suas conseqüências na vida das pessoas, bem como as características do ser espiritual, sua origem, sua natureza e seu destino.

O aspecto científico do Espiritismo foi desenvolvido em duas obras de Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns* e *A Gênese*.

3.3 - Espiritismo e Filosofia

Quando o Homem pergunta, interroga, cogita, quer saber o “como” e o “porquê” das coisas, dos fatos, dos acontecimentos, nasce a filosofia que mostra o que são as coisas e porque são as coisas.

No aspecto filosófico, o Espiritismo vai preocupar-se com os problemas do Homem, suas dúvidas, seus questionamentos, sua condição de ser eterno em busca da Divindade, através de múltiplas existências físicas. Vai examinar os atributos da Divindade, suas relações com o Homem e vai apresentar um código de moral através do qual a criatura se identificará, um dia, com seu Criador. O aspecto filosófico se encontra enfocado n’*O Livro dos Espíritos*.

3.4 - Espiritismo e Religião

Ao ser indagado quanto ao aspecto religião do Espiritismo, o médium Francisco Cândido Xavier assim se manifestou [Entrevistas - item 97]:

“Poderíamos figurar, por exemplo, a Ciência como sendo a verdade, a Religião, como sendo a vida e a Filosofia como sendo a indagação da criatura humana entre a Verdade e a Vida. Todos os três aspectos são muito importantes, porque a Filosofia estuda sempre, a Ciência descobre sempre, mas a Vida atua sempre. Todos esses aspectos são essenciais, mas a Religião é sempre a mais importante, porque a verdade é uma luz que a todos chegaremos, a indagação é um processo do que todos participamos, mas a vida não deve ser sacrificada nunca e a Religião assegura a vida, assegurando a ordem da vida.”

Como religião, o Espiritismo preocupa-se com as conseqüências morais do ensino científico-filosófico, buscando, na ética pregada por Jesus, os elementos que deverão nortear a conduta do Homem.

No entanto, não se trata o Espiritismo de uma Religião constituída, tradicional, estruturada através de rituais, sacramentos, dogmas e classes sacerdotais. Mas sim, uma religião no sentido etimológico do termo, como “religare”, ou seja, elemento de ligação da criatura com o Criador. Religião como atitude de vida, como modo de proceder, buscando uma identificação com Deus, não através de atitudes exteriores, artificiais, mecanizadas, mas através de uma vida reta, digna e fraterna.

O Espiritismo não se constitui de uma religião a mais, visto que não tem cultos instituídos, nem imagens, nem rituais, nem mitos, nem credences, nem tão pouco sacerdotes remunerados. Podemos porém, considerá-lo em seu aspecto religioso quando estabelece um laço moral entre os homens, conduzindo-os em direção ao Criador, através da vivência dos ensinamentos morais do Cristo. É no seu aspecto religioso que repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual.

O aspecto religioso foi desenvolvido por Kardec nas obras *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e no Céu e Inferno.

Bibliografia e referências

- O que é o Espiritismo - Allan Kardec
- Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- Allan Kardec (Vol. III) - Zêus Wantuil e Francisco Thiesen
- O Consolador - Emmanuel/Chico Xavier
- Entrevistas - Emmanuel/Chico Xavier

Capítulo 4

Deus e os atributos da Divindade

4.1 - Introdução

[LE - cap. I] trata exclusivamente de Deus. Allan Kardec pretendeu demonstrar, com isso, que o Espiritismo tem na existência de Deus o seu primeiro princípio basilar.

Deus, porém, não pode ser percebido pelo homem em sua divina essência. Mesmo depois de desencarnado, dispoindo de faculdades perceptivas menos materiais, não pode ainda o espírito perceber totalmente a natureza divina.

Pode, entretanto, o homem, ainda no estágio de inferioridade em que se encontra, ter convincentes provas de que espírito existe. Estas provas se assentam na razão e no sentimento.

Racionalmente, a prova da existência de Deus temo-la neste axioma: *“Não há efeito sem causa.”* Vemos constantemente uma imensidade de efeitos cuja causa não está na humanidade, pois a humanidade é impotente para produzi-los. A causa, portanto, está acima da humanidade. É esta causa que se chama Deus, Jeová, Alá, Fo-Hi, etc.

Outro princípio igualmente elementar e que de tão verdadeiro passou a axioma é o de que *“todo efeito inteligente tem que decorrer de uma causa inteligente.”*

Os efeitos referidos acima absolutamente não se produzem ao acaso, fortuitamente e em desordem. Desde a organização do mais pequenino inseto e da mais insignificante semente, até a lei que rege os mundos que circulam no espaço, tudo atesta uma idéia diretora, uma combinação, uma providência que ultrapassa todas as combinações humanas. A causa é, pois, soberanamente inteligente.

Alguns atribuem a formação primária das coisas a uma combinação da matéria, isto é, ao acaso. Isto constitui uma insensatez, pois o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente já não seria acaso.

Kardec lembra um provérbio que diz: *“Pela obra se reconhece o autor.”* Vejamos a obra e procuremos o autor. O homem orgulhoso nada admite acima de si. Procurando a causa primária da obra do Universo, se reconhece no seu autor uma inteligência suprema, superior à humanidade.

Para crer-se em Deus, basta se lance o olhar sobre as obras da Criação. O universo existe, logo tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e adiantar que o nada pode fazer alguma coisa.

Pelo sentimento, pode o homem, ainda compreender a existência de Deus, porque há no homem, desde o mais primitivo até o mais civilizado, a idéia inata da existência de Deus. Acima pois, do raciocínio lógico, prova-nos a existência de Deus a intuição que dele temos.

O sentimento instintivo que todos os homens têm da existência de Deus é, sem dúvida, uma forte evidência de Sua realidade. Esse sentimento não é fruto de uma educação, resultado de idéias adquiridas pois ele é universal, encontra-se mesmo entre os selvagens a que nenhum ensino a respeito foi ministrado. Os povos selvagens nenhuma revelação tiveram, entretanto, crêem instintivamente na existência de um poder sobre-humano.

4.2 - O Que é Deus?

Com respeito à conceituação de Deus segundo o Espiritismo, sabendo-se que limitar Deus a uma definição é impossível.

Allan Kardec [LE - qst 1] indaga aos Espíritos sobre a Divindade. De forma lógica, não usa a forma “Quem é Deus?” que daria um sentido de personificação, uma idéia antropomórfica, mas busca ele a natureza íntima, a essência das coisas, formulando a proposição desta forma: “Que é Deus?”; ao que os Espíritos respondem:

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.”

Mas quando Kardec procura desenvolver esta definição dos espíritos indagando se poderíamos aprofundar no entendimento da Divindade, os benfeitores afirmam:

“Não. Falta-lhe, para tanto, um sentido.”

E acrescentam:

“Quando o seu espírito não estiver mais obscurecido pela matéria, e pela sua perfeição tiver se aproximado Dela, então A verá e A compreenderá.” [LE - qst 10,11]

4.3 - Atributos da Divindade

Afirma Allan Kardec, baseado no pensamento dos Espíritos Superiores, que não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. Para compreendê-lo, ainda nos falta o sentido próprio, que só se adquire por meio da completa depuração do espírito.

Mas, se não pode penetrar na essência de Deus, o homem pode, pelo raciocínio, chegar a conhecer-lhe os atributos necessários, suas qualidades básicas, porquanto, vendo o que ele absolutamente não pode ser, sem deixar de ser Deus, deduz daí o que ele deve ser.

Sem o conhecimento dos atributos de Deus, impossível seria compreender-se a obra da Criação. Esse o ponto de partida de todas as crenças religiosas e é por não se terem reportado a isso, como ao farol capaz de as orientar, que a maioria das religiões errou em seus dogmas. As que não atribuíram a Deus a onipotência imaginaram muitos deuses, as que não lhe atribuíram soberana bondade fizeram dele um Deus cioso, colérico, parcial e vingativo.

Podemos assim dizer que Deus é a **Suprema e Soberana Inteligência, Eterno, Imutável, Imaterial, Onipotente, Soberanamente Justo e Bom, Infinitamente Perfeito e Único.**

- a) **Suprema e Soberana Inteligência:** é limitada a inteligência do homem, pois que não pode fazer, nem compreender tudo o que existe. A de Deus, abrangendo o infinito, tem de ser infinita. Se a supuséssemos limitada num ponto qualquer, poderíamos conceber outro ser mais inteligente, capaz de compreender e fazer o que o primeiro não faria e assim por diante, até ao infinito.
- b) **Eterno:** Deus não teve começo e não terá fim. Se tivesse tido princípio, houvera saído do nada. Ora, não sendo o nada coisa alguma, coisa nenhuma pode produzir. Ou, então, teria sido criado por outro ser anterior, nesse caso, este ser é que seria Deus. Se lhe supuséssemos um começo ou fim, poderíamos conceber uma entidade existente antes dele e capaz de lhe sobreviver, e assim por diante, ao infinito.
- c) **Imutável:** se estivesse sujeito a mudanças, nenhuma estabilidade teriam as leis que regem o universo.
- d) **Imaterial:** a natureza de Deus difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

- e) **Onipotente**: se não possuísse o poder supremo, sempre se poderia conceber uma entidade mais poderosa e assim por diante, até chegar-se ao ser cuja potencialidade nenhum outro ultrapassasse. Então esse é que seria Deus.
- f) **Soberanamente Justo e Bom**: a providencial sabedoria das leis divinas se revela nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, não permitindo essa sabedoria que se duvide da sua justiça, nem da sua bondade.
- g) **Infinitamente Perfeito**: é impossível conceber-se Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, pois sempre se poderia conceber um ser que possuísse o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, faz-se mister que ele seja infinito em tudo.
- h) **Único**: a unicidade de Deus é conseqüência do fato de serem infinitas as suas perfeições. Não poderia existir outro Deus, salvo sob a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, visto que se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro, subordinado ao poder desse outro e então, não seria Deus. Se houvesse entre eles igualdade absoluta, isto equivaleria a existir de toda eternidade, um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder. Confundidos assim, quanto a identidade, não haveria, em realidade, mais que um único Deus.

4.4 - A Providência Divina

A providência é a solicitude de Deus para com as suas criaturas, o cuidado permanente e o interesse infinito que o Criador tem pela sua obra maior, que é o espírito.

Deus está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas. É nisto que consiste a ação providencial.

Deus, em relação as suas criaturas, é a própria Providência, na sua mais alta expressão, infinitamente acima de todas as possibilidades humanas. Manifesta-se em todas as coisas, está imanente no universo e se exerce através de leis admiráveis e sábias. Tudo foi disposto pelo amor do Pai, soberanamente bom e justo, para o bem de seus filhos, desde as mais elementares providências para a manutenção da vida orgânica até a dispersão da faculdade superior do livre arbítrio, que dá ao homem o mérito da conquista consciente da felicidade.

Deus tudo fez e tudo faz para o bem das criaturas. Imprimiu-lhes na consciência todas as leis morais e, em relação à humanidade terrestre, ainda se manifestou quando nos confiou a Jesus.

Bibliografia e referências

- [LE] O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- [Gên] A Gênese - Allan Kardec

Capítulo 5

Os elementos gerais do universo: Espírito e Matéria

5.1 - O Espírito

Allan Kardec [LE - qst 27] afirma que todas as coisas que existem no universo podem ser sintetizadas em três elementos fundamentais, que ele denomina de Trindade Universal. Esses elementos são: Deus, espírito e matéria.

O **espírito**, na definição da Doutrina Espírita, é o princípio inteligente do universo, individualizado, com moralidade própria. O espírito é distinto de Deus, seu criador, e da matéria, a qual se une para que possa se manifestar.

5.2 - A Matéria

Define-se **matéria**, como tudo o que tem massa e que ocupa lugar no espaço. De acordo com essa conceituação, tudo aquilo que pode ser pesado, medido, etc., é matéria. Existem outros elementos, porém, como o som, a luz, o calor. Estes são denominados **energia**. Classicamente, costuma-se dizer que energia é a capacidade dos corpos para produzir um trabalho ou desenvolver uma força. Sabe-se que a energia não pode ser “criada” e nem “destruída”, mas sim transformada. Toda forma de energia que existe no Universo é transformação de uma outra anterior.

A partir da Teoria da Relatividade de Einstein tem-se observado que, na realidade, matéria e energia são as duas faces de uma mesma moeda. A matéria é energia condensada e a energia uma forma de apresentação da matéria.

Na definição espírita matéria é “*tudo sobre o qual o espírito exerce a sua ação*”. André Luiz [Mecanismos da Mediunidade] referindo-se ao tema diz:

“A matéria é energia tornada visível e toda energia, originariamente, é força divina de que nos apropriamos para interpor os nossos propósitos aos propósitos da criação.”

5.2.1 - Tipos de matéria

Ponderável

É a matéria física, que preenche o mundo dos encarnados e dá origem aos corpos e elementos.

Imponderável

Também denominada matéria psi (Hernani Guimarães Andrade), matéria mental (André Luiz) ou matéria quintessenciada (Allan Kardec), é a matéria do mundo espiritual, num tônico vibratório mais elevado.

Fluido Cósmico Universal (FCU)

Também chamado fluido universal, exerce o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita. Podemos entender o FCU como sendo a matéria-energia elementar primitiva, dispersa por todos os cantos do Universo. Uma matéria extremamente sutil, cujas modificações e transformações vão constituir a inumerável variedade dos corpos da natureza.

André Luiz [Evolução em Dois Mundos] afirma que

“O Fluido Cósmico é o plasma divino, hausto do Criador, força nervosa do Todo-Sábio. Nesse elemento primordial vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano. O Fluido Cósmico é a força em que todos vivemos, nos ângulos variados da Natureza.”

5.3 - Os Fluidos

Segundo a Física, fluidos são corpos cujas moléculas cedem a mínima pressão, movendo-se entre si com facilidade e separando-se quando entregues a si mesmos. A Física atual restringe o conceito de fluidos apenas aos líquidos e gases.

Na Doutrina Espírita os fluidos têm o mesmo sentido de matéria. Os fluidos podem variar seu estado desde a eterização até a materialização. É comum a utilização da expressão **fluidos espirituais** para designar a matéria imponderável, embora segundo Kardec [Gên - cap. XIV] esta denominação não seja exata.

Todo um processo dinâmico e complexo envolve a formação dos fluidos espirituais. Ao ser absorvido pelo Espírito, o Fluido Cósmico será manipulado na mente. A mente humana é um brilhante laboratório de forças sutis, onde o Pensamento e a Vontade estarão aglutinando as partículas do Fluido Cósmico e dando a elas características próprias. André Luiz dá o nome de **raio da emoção** ou **raio do desejo** a essa força que opera a transformação do Fluido Universal.

Os fluidos, desta forma, possuem várias características. Sua pureza varia ao infinito, na dependência da evolução moral do Espírito que os produziram. Possuem também propriedades, tais como odor, coloração e temperatura. Sob o ponto de vista físico, podem ser vivificantes, calmantes, anestésiantes, curativos, alimentícios, soníferos, enfermiços, etc.

Bibliografia e referências

- [LE] O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- [Gên] *A Gênese* - Allan Kardec
- Mecanismos da Mediunidade - André Luiz/Chico Xavier
- Evolução em Dois Mundos - André Luiz/Chico Xavier - Waldo Vieira

Capítulo 6

Origem, Natureza e Forma dos Espíritos: Perispírito

6.1 - Introdução

Segundo a visão materialista somos apenas o corpo com que vivemos neste mundo. Ora, tudo indica - e a análise química o comprova - que o nosso corpo é formado exclusivamente de matéria, como os demais corpos da natureza.

Mas a análise consciente e uma observação mais profunda mostram que no homem existe mais do que matéria. O homem pensa e tem consciência plena de sua existência; relaciona idéias, estabelece conceitos, elabora juízos, constrói raciocínios, tira conclusões, e, servindo-se de um instrumento maravilhoso, que é a linguagem, comunica tudo isto aos seus semelhantes. Nada que a isto sequer se pareça ocorre no mineral, na rocha ou num monte de matéria inanimada.

A matéria por si mesma não pensa; logo, existe em nós, além do corpo material, algo mais, que é o agente do nosso pensamento, e que se chama alma ou espírito.

Esse raciocínio, perfeitamente lógico e conforme a mais pura razão humana, deveria bastar para que nenhuma dúvida existisse no homem a respeito de que nele vive essencialmente um espírito.

Entretanto, muitos há que não crêem na realidade da própria existência, em si como Espírito imortal. Então Deus, na sua infinita bondade e amor, concedeu ao homem, com as manifestações espíritas, as provas cabais de que nele vive um espírito, que pré-existe ao corpo e sobrevive à morte física.

6.2 - O Espírito

Em [LE - qst 76] os Espíritos são definidos como *sendo “os seres inteligentes da Criação”*. São criados por Deus permanentemente, e, em sua essência, se apresentam como *“uma chama, um clarão ou centelha etérea”* [LE - qst 88]. Os Espíritos são eternos e indestrutíveis, mantendo sempre a sua individualidade.

Quanto à natureza íntima dos Espíritos podemos compreender que a **inteligência** é o seu atributo essencial.

Todos são criados iguais, *“simples e ignorantes”* e dotados de faculdades a serem desenvolvidas através das experiências reencarnatórias.

Em [Gên] Allan Kardec externa mais claramente o seu pensamento evolucionista, afirmando que:

“O espírito não chega a receber a iluminação divina, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores.”

Quanto a sua apresentação exterior, o espírito propriamente dito não a tem, pois é imaterial, mas se encontra revestido, sempre, de um corpo energético, fluídico, que Kardec denominou de perispírito. O perispírito dará forma ao espírito, permitindo sua identificação.

6.3 - O Perispírito

Estudando as religiões e filosofias vê-se que muitos homens procuraram um elemento energético que pudesse servir de união entre o corpo físico e o espírito, numa harmônica gradação vibratória. Por exemplo: No Egito acreditava-se na existência de um corpo chamado KA. Na Índia, denominavam de “Linga Sharira”. Os filósofos gregos chamavam-no de “Veículo Leve”, “Corpo Luminoso” e “carro sutil da alma”. Para Leibnitz, chamava-se “corpo fluídico” e para Paulo de Tarso, “Corpo Espiritual”.

No exame de suas principais características, o perispírito deverá ser analisado sob os seguintes aspectos:

- a) Função: quando encarnado, é o intermediário entre o espírito e o corpo somático, tendo como função transmitir as sensações do corpo para o espírito e as impressões do espírito para o corpo. É ainda o *“campo modelador da forma”*, pois, durante a gestação, será o perispírito o responsável pela estruturação do embrião, através de um campo magnético criado por ele. No Espírito desencarnado o perispírito corresponde ao seu envoltório, possuindo em sua estrutura eletromagnética órgãos e sistemas celulares à semelhança do corpo físico;
- b) Forma: geralmente a forma do perispírito corresponde a aparência do corpo somático. Ao desencarnarmos, o corpo espiritual, na maioria das vezes, mantém a forma que tinha quando encarnado, entretanto muitos Espíritos estão aptos a promoverem transformações em sua organização perispiritual, podendo assumir uma aparência de encarnações anteriores;
- c) Densidade: a densidade do perispírito é rarefeita nos Espíritos já evoluídos e pastosa ou opaca nos Espíritos ainda imperfeitos;
- d) Coloração: o perispírito não está preso no corpo como se estivesse dentro de uma caixa; ele se irradia e se projeta além do corpo físico, formando a Aura. Esta estrutura vai assumir colorações diferentes em função do estágio evolutivo do indivíduo. Brilhante e luminosa nos Espíritos superiores e sem nenhum brilho, sem luminosidade e sem beleza nas entidades muitos materializadas;
- e) Centros de Força: o perispírito é constituído de vários centros energéticos que concentram e coordenam a assimilação e distribuição de energias. São denominados de chakras ou centros de força.

Segundo André Luiz [Missionários da Luz, Evolução em Dois Mundos] os principais chakras são: coronário (alto da cabeça), cerebral (na frente), laríngeo (pescoço), cardíaco (no peito), gástrico (abdômen), esplênico (região do baço) e genésico (sobre o aparelho genital).

Bibliografia e referências

- [LE] O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- [Gên] A Gênese - Allan Kardec
- Evolução em Dois Mundos - André Luiz/Chico Xavier - Waldo Vieira
- Psi Quântico - Hernani Guimarães Andrade
- Espírito, Perispírito e Alma - Hernani Guimarães Andrade
- Psicologia Espírita - Jorge Andréa
- [OP] Obras Póstumas - Allan Kardec
- Missionários da Luz - André Luiz/Chico Xavier

Capítulo 7

O Mundo Espiritual

7.1 - Esferas Espirituais

As esferas espirituais são as diversas subdivisões vibratórias do Mundo dos Espíritos. Estão para a vida extrafísica assim como os continentes e os países estão para o mundo físico.

Os antigos já aceitavam a idéia da existência de muitos céus superpostos, de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas e tendo a Terra por centro. Essa idéia, que foi a de todas as teogonias, faziam do céu os diversos degraus da bem-aventurança; o último deles era abrigo da suprema felicidade.

Segundo a opinião mais comum, havia sete céus e daí a expressão estar no sétimo céu - para exprimir perfeita felicidade. Os muçulmanos admitem nove céus, em cada um dos quais se aumenta a felicidade dos crentes. A teologia cristã reconhece três céus; é conforme esta crença que se diz que Paulo foi alçado ao terceiro céu.

A obra Kardequiana, pelo fato de ser muito mais de síntese do que de análise, ocupou-se pouco com o exame do Mundo dos Espíritos. Estudando as diversas obras do Codificador, notamos que os Espíritos foram muito econômicos em informações à respeito de seu mundo.

Foi a partir de 1943, com o livro [Nosso Lar], de autoria mediúnica do Espírito André Luiz, pelas mãos de Chico Xavier, que nós passamos a compreender, com maior profundidade, as regiões extrafísicas.

Sabemos hoje, que o mundo dos Espíritos é subdividido em várias faixas vibratórias concêntricas, tendo a Terra como centro geométrico. A atmosfera espiritual das diversas esferas será tanto mais pura e eterizada quanto mais afastadas da crosta elas estiverem. Os Espíritos de maior luminosidade habitarão, naturalmente, as esferas mais afastadas, embora tenham livre trânsito entre elas e com freqüência visitem as esferas inferiores em tarefas regenerativas e esclarecedoras. Em cada esfera, o solo tem consistência material, e acima se vê o céu e o sol. Diversas cidadelas espirituais, postos de socorro, ou instituições hospitalares estão distribuídas nas diversas esferas, abrigando Espíritos em condições evolutivas semelhantes.

André Luiz dá o nome de Umbral às três primeiras esferas, contadas a partir da crosta, e segundo este autor, a região umbralina é habitada por Espíritos que ainda necessitam reencarnarem no planeta Terra, comprometido que estão com vida neste orbe.

Sobre o umbral, André Luiz [Nosso Lar] dá o seguinte depoimento:

“É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram atravessar as portas dos deveres sagrados, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. Funciona como região de esgotamento de resíduos mentais. Pelo pensamento os homens encontram no Umbral os companheiros que afinam com as tendências de cada um. Cada Espírito permanece lá o tempo que se faça necessário.”

Informa também André Luiz que os Espíritos que estão nas esferas superiores podem transitar pelas esferas que lhes estão abaixo, mas os Espíritos que estão nas esferas inferiores não podem, sozinhos, passar para as superiores.

7.2 - As Colônias Espirituais

Os livros de André Luiz dão-nos informações detalhadas a respeito da vida nas três primeiras esferas espirituais. Segundo ele, estas faixas vibratórias são formadas de inúmeras cidadelas espirituais, umas maiores, outras menores, onde se reúnem Espíritos em condições evolutivas semelhantes.

As condições de sociabilidade das esferas mais purificadas nos são totalmente desconhecidas, no entanto, a vida nas regiões mais próximas da crosta desenvolvem-se de maneira semelhante:

Habitação: há semelhança com a que existe na Terra. No plano extrafísico vamos identificar casas, hospitais, escolas, templos, etc.

Ernesto Bozzano [A Crise da Morte] afirma que a paisagem astral se compõe de duas séries de objetivações do pensamento. A primeira é permanente e imutável, por ser objetivação do pensamento e da vontade de entidades espirituais muito elevadas, prepostas ao governo das esferas espirituais. A outra é, ao contrário, transitória e muito mutável; seria a objetivação do pensamento de cada entidade desencarnada, criadora do seu próprio meio imediato.

Examinando o pensamento deste autor, podemos aceitar que as construções das colônias espirituais enquadram-se na primeira série, enquanto a paisagem das regiões umbralinas pertencem a segunda;

Vestuário: a apresentação externa dos Espíritos depende de sua força mental e de seu desejo, pois eles são capazes de modificarem a sua aparência por um processo denominado ideoplastia.

Nem todos os Espíritos, no entanto, têm condição evolutiva suficiente para plasmarem suas vestes perispirituais, donde a necessidade de roupas confeccionadas por especialistas na área. André Luiz [Nosso Lar] mostra departamentos reservados a esta tarefa;

Alimentação: nem todos os Espíritos são capazes de retirar do Fluido Cósmico Universal a energia reparadora para as suas células, daí a necessidade dos Espíritos materializados, alimentarem-se de recursos energéticos mais consistentes. Por esse motivo, observam-se no mundo espiritual alimentos a base de sucos, sopas e frutas;

Sono e Repouso: quanto mais evoluído o Espírito, menos necessita de repouso, para reparar as suas energias. Espíritos inferiores dormem à semelhança do homem encarnado;

Transporte: os Espíritos superiores se locomovem através de um processo denominado volitação, onde transforma a sua energia latente em energia cinética, deslocando-se no espaço em altas velocidades. No entanto, Espíritos existem, que ainda não desenvolveram esta faculdade, daí a necessidade de veículos para transporte nas faixas espirituais mais próximas da Terra;

Linguagem: a linguagem oficial entre os Espíritos é a do pensamento. No entanto, muitas almas ainda involuídas, não conseguem se comunicar através do pensamento, donde a necessidade de palavra articulada.

Assim sendo, vamos observar colônias onde se fala o português, o inglês, etc.;

Vida Social: a vida social nas colônias espirituais é intensa e tem como objetivo a preparação dos Espíritos para o seu retorno a Terra em nova roupagem física. Estudam, trabalham, repousam e se divertem. Há relatos de casamento, festas e jogos, segundo hábitos e costumes da colônia. O Maria João de Deus [Cartas de Uma Morta] afirma:

“Os saxões, os latinos, os árabes, os orientais, os africanos, formam aqui grandes falanges à parte, e em locais diferentes uns dos outros. Nos núcleos de suas atividades

conservam os costumes que os caracterizavam e é profundamente interessante verificar como essas colônias diferem umas das outras.”

Manoel Philomeno de Miranda [Loucura e Obsessão] lembra-nos:

“Católicos, protestantes e outros religiosos após a morte, não se tornam espíritas ou conhecedores da realidade ultra-tumular; ao revés, dão curso aos seus credos, reunindo-se em grupos e igrejas afins.”

Cabe-nos lembrar que nem todas as cidadelas espirituais têm uma orientação sadia, voltada para o bem e para o equilíbrio das criaturas. André Luiz [Libertação] diz:

“Incapacitados de prosseguir, além do túmulo, a caminho do Céu que não souberam conquistar, os filhos do desespero organizam-se em vastas colônias de ódio e miséria moral, disputando entre si a dominação da Terra.”

Mas lembra também o benfeitor que, a Misericórdia Divina não os desampara pois, são observados e assistidos por entidades luminosas;

Animais e Plantas: o solo do mundo espiritual, à semelhança do solo do planeta é coberto por uma infinidade de plantas, flores e hortaliças que são cultivadas, com muito esmero, por mãos bondosas.

Os animais, como regra geral, reencarnam quase imediatamente após a morte, no entanto, em certas ocasiões, eles podem vir a ser preparados por entidades especializadas para serem utilizados em tarefas específicas.

Muitas vezes, no entanto, as descrições da paisagem espiritual, quando falam de “formas animalescas”, estão se referindo a Espíritos humanos em processo de deterioração de seus corpos espirituais (licantropia ou zoantropia), como também de “formas ideoplásticas”, fruto do pensamento e da vontade de entidades viciosas do astral inferior.

7.3 - O Homem após a Morte

Lembra-nos Kardec que “*após a morte, cada um vai para o lugar que lhe interessa*”, pois cada individualidade vai deslocar-se, após o desencarne, para a região espiritual que está em concordância com o seu modo de ser e viver. E complementa [ESE]:

“Enquanto uns, não podem afastar-se do meio em que viveram, outros se elevam e percorrem o espaço. Enquanto certos Espíritos culpados erram nas trevas, os felizes gozam de uma luz resplandecente.”

De forma didática, podemos sistematizar as opções do homem após a morte física em três situações:

- a) Continuar vivendo na Crosta:** são Espíritos excessivamente apegados a vida física e que não conseguem assumir a sua condição de desencarnados, continuando a viver nos locais onde se habituaram, às vezes sem ao menos darem-se conta de que já não mais pertencem ao mundo material. Alguns fatores que podem condicionar a este apego a vida material:
- ignorância, confusão e medo;
 - apegos excessivos a pessoas e lugares;
 - inclinações pelas drogas, álcool, fumo, comida e sexo;
 - vinculação a negócios não concluídos;
 - desejo de vingança.

- b) Deslocarem-se para certas regiões do Umbral:** muitos Espíritos culpados ou viciosos, após o desencarne, são levados por uma força magnética automática ou por entidades do mal, para uma das regiões umbralinas e lá permanecerão até que o arrependimento e a vontade de reparar o passado modifiquem a sua psicofera pessoal;
- c) Recolhimento a uma Colônia Espiritual:** onde deverão integrar-se à Vida Extra-Física.

Bibliografia

- Coleção Nosso Lar (16 obras) - André Luiz/Chico Xavier
- Cartas de Uma Morta - Maria João de Deus/Chico Xavier
- Voltei - Irmão Jacob/Chico Xavier
- A Vida Além da Morte - Otília Gonçalves/Divaldo Franco
- Cidade no Além - Heigorina Cunha
- Loucura e Obsessão - Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo Franco

Capítulo 8

Escala Espírita: Progressão dos Espíritos

8.1 - Progressão dos Espíritos

Os Espíritos são criados simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, porém perfectíveis e com igual aptidão para tudo adquirirem e tudo conhecerem, com o tempo. A princípio eles se encontram numa espécie de infância, carentes de vontade própria e sem a consciência perfeita de sua existência.

A medida que o Espírito se distancia do ponto de partida, desenvolvem-se-lhe as idéias, como na criança, e com as idéias o livre-arbítrio, isto é, a liberdade de fazer ou não fazer, que é um dos atributos essenciais do Espírito.

O objetivo final de todos consiste em alcançar a perfeição de que é suscetível a criatura. O resultado dessa perfeição está no gozo da suprema felicidade.

Com este objetivo, os Espíritos revestem transitoriamente um corpo material.

A vida espiritual é a vida normal do Espírito: é eterna; a vida corporal é transitória e passageira: não é mais do que um instante na eternidade.

O aperfeiçoamento do Espírito é fruto do seu próprio labor, ele avança na razão de sua maior ou menor atividade ou da boa vontade em adquirir as qualidades que lhe faltam.

Não podendo, numa só existência, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais, ele chega a essa aquisição por meio de uma série de existências, em cada uma das quais dá alguns passos para frente, na senda do progresso e se liberta de algumas imperfeições.

Para cada nova existência, o Espírito traz o que ganhou em inteligência e em moralidade nas suas existências pretéritas, assim como os germens das imperfeições de que ainda não superou. Não perde jamais uma vitória alcançada: um vício vencido jamais lhe será problema. Tampouco poderá retrogradar, pois os Espíritos não degeneram. Podem permanecer estacionários, mas jamais retrogradam.

Quando o Espírito empregou mal uma existência, isto é, quando nenhum progresso realizou na senda do bem, essa existência lhe resulta sem proveito: ele tem que a recomeçar em condições mais ou menos penosas.

É indeterminado o número de existências; depende da vontade do Espírito reduzir esse número, trabalhando ativamente pelo seu progresso moral.

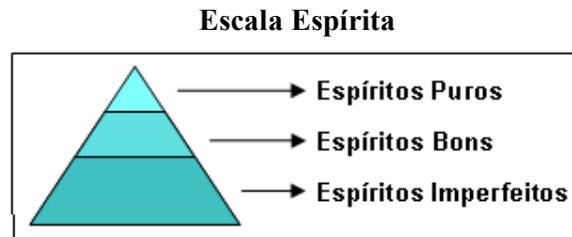
No intervalo das existências corpóreas, o Espírito vive a vida espiritual, que Kardec chama de **erraticidade**.

Quando os Espíritos realizam a soma de progresso que o estado do mundo onde estão lhes faculta efetuar, eles o deixam, passando a encarnar noutra mais adiantado, onde entesouraram novos conhecimentos. Prosseguem assim, até que nenhuma utilidade mais tenha a encarnação em corpos materiais. Entram, então, a viver exclusivamente a vida espiritual, em que progredem noutra sentido e por outros meios. Galgando o ponto culminante do progresso gozam da felicidade suprema.

8.2 - Escala Espírita

Allan Kardec [LE - qst 100] vai apresentar uma classificação prática dos diversos Espíritos, de acordo com seu progresso intelecto-moral. Lembra o Codificador que esta classifica-

ção não é estanque, existindo inúmeras variações entre uma classe e outra, e que Espírito algum permanecerá eternamente na mesma classe, pois o progresso é uma fatalidade na Lei Divina.



Primeira Ordem: Espíritos Puros

Os Espíritos que compõe a primeira ordem percorreram todos os degraus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais de sofrer provas e expiações. Não estão mais sujeitos às reencarnações, mas podem, ocasionalmente, reencarnarem como grandes missionários. Gozam de inalterável felicidade e sua superioridade intelectual e moral em relação aos outros Espíritos é absoluta. São os mensageiros de Deus, na direção dos mundos, sistemas planetários e galáxias.

O único Espírito puro a encarnar no nosso orbe foi Jesus.

Esta ordem apresenta uma única classe (1ª classe).

Segunda Ordem: Espíritos Bons

Observa-se nesses Espíritos, predomínio do Espírito sobre a matéria, desejo do bem; buscam Deus conscientemente, mas ainda terão de passar por provas; uns possuem a ciência, outros a sabedoria e a bondade; os mais adiantados juntam ao seu saber as qualidades morais.

Esta ordem apresenta quatro classes principais:

2ª Classe - Espíritos Superiores: reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade; buscam comunicar-se com os que aspiram à verdade; encarnam-se na Terra apenas em missão de progresso e caracterizam o tipo de perfeição a que podemos aspirar neste mundo;

3ª Classe - Espíritos Prudentes: elevadas qualidades morais e capacidade intelectual que lhes permitem analisar com precisão os homens e as coisas;

4ª Classe - Espíritos Sábios: amplitude de conhecimentos aplicados em benefício dos semelhantes; têm mais aptidão para as questões científicas do que para as morais;

5ª Classe - Espíritos Benévolos: seu progresso realizou-se mais no sentido moral do que no intelectual; a bondade é a qualidade dominante.

Terceira Ordem: Espíritos Imperfeitos

Predomínio da matéria sobre o Espírito. Propensão ao mal. Têm a intuição de Deus, mas não o buscam através de atos e pensamentos. Apresentam idéias pouco elevadas.

Apresenta cinco classes:

6ª Classe - Espíritos Batedores ou Perturbadores: sua presença manifesta-se por efeitos sensíveis e físicos, como pancadas e deslocamento de corpos sólidos;

7ª Classe - Espíritos Neutros: apegados às coisas do mundo, não são bons o suficiente para praticarem o bem, nem maus o bastante para fazerem o mal;

8ª Classe - Espíritos Pseudo-Sábios: possuem grande conhecimento, mas julgam saber mais do que sabem; sua linguagem tem caráter sério, misturando verdades com suas próprias paixões e preconceitos;

9ª Classe - Espíritos Levianos: são ignorantes e inconstantes, mais maliciosos do que propriamente maus; linguagem alegre, irônica e superficial;

10ª Classe - Espíritos Impuros: o mal é o objeto de suas preocupações; sua linguagem é grosseira e revela a baixaza de suas inclinações.

Bibliografia

- Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- Obras Póstumas - Allan Kardec

Capítulo 9

Mediunidade / Ocupação e Missões dos Espíritos

9.1 - Introdução

Allan Kardec, ao apresentar o resumo da Doutrina Espírita [LE - Introdução] assevera:

“Os Espíritos exercem sobre o mundo uma ação incessante. Agem sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das forças da natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até agora inexplicados ou mal explicados, que não encontram solução racional. Com os homens, as relações dos Espíritos são constantes. Os bons Espíritos nos convidam ao bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação; os maus nos convidam ao mal: é para eles um prazer ver-nos sucumbir e cair no seu estado.”

Examinando a forma de atuação dos Espíritos, Kardec vai dizer que as comunicações podem ser ostensivas ou ocultas.

As comunicações ostensivas realizam-se por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, na maioria das vezes através de médiuns que lhes servem de instrumento.

As comunicações ocultas verificam-se pela influência boa ou má que eles exercem sobre nós, sem o sabermos, utilizando-se do nosso pensamento.

9.2 - Mediunidade

Allan Kardec usa a expressão latina “**médium**”, que significa “intermediário” ou “meio”, para designar aquelas pessoas portadoras da faculdade mediúnica, ou seja, indivíduos capazes de colocarem em contato mais direto os dois planos de vida - o plano dos encarnados e dos desencarnados.

O médium, pelo fato de ser portador de certos recursos orgânicos, torna-se a ponte, o meio, o intermediário entre os Espíritos e os homens.

Segundo Kardec:

“Todo aquele que sente, num grau qualquer a influência dos Espíritos, é, por esse motivo, médium.”

Lembra, ainda o Codificador, que

“Esta faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuem alguns rudimentos.”

Kardec orienta para que se reserve a expressão “médium” apenas para aquelas pessoas em quem a

“Faculdade mediúnica se mostre bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade.”

9.3 - Tipos de Médiuns

Com relação ao tipo de fenômeno produzido, os médiuns podem ser classificados em vários tipos:

- a) Médiuns de Efeitos Físicos: são particularmente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos de corpos inertes ou ruídos, materialização de Espíritos, etc. Foram muito comuns no passado e tinham a finalidade de chamar a atenção para os fenômenos espíritas, mas hoje, são cada vez menos freqüentes;
- b) Médiuns Falantes ou Psicofônicos: permitem a comunicação dos Espíritos através da fala;
- c) Médiuns Escreventes ou Psicógrafos: permitem a comunicação dos Espíritos através da escrita;
- d) Médiuns Audientes: ouvem os Espíritos;
- e) Médiuns Videntes: vêem os Espíritos;
- f) Médiuns Intuitivos: captam o pensamento dos Espíritos;
- g) Médiuns de Desdobramento: são capazes de se afastarem de seu corpo físico e desenvolverem atividades espirituais;
- h) Médiuns de Cura: são capazes de aliviar ou curar doenças pela prece ou pela imposição das mãos;
- i) Médiuns Psicômetras: são aptos a detectar a vibração existente em objetos e locais.

9.4 - Objetivos da Mediunidade

A comunicabilidade dos Espíritos com os encarnados não é um fato recente, mas antiqüíssimo, com a única diferença que, no passado, era apanágio dos chamados iniciados e na atualidade, com o advento do Espiritismo, tornou-se fenômeno generalizado a todas as camadas sociais.

Segundo a Doutrina Espírita, as principais finalidades da comunicabilidade dos Espíritos são:

- a) Esclarecimento, Instrução e Orientação aos Homens: Lembra Kardec, que a mediunidade assume hoje o papel que assumiram, no passado, duas grandes descobertas, o telescópio e o microscópio. O primeiro deveria fornecer ao homem informações concernentes ao macrocosmo e ao segundo detalhar, o mundo infinitamente pequeno, o microcosmos. Cabe a mediunidade estudar o Psicocosmo, o mundo dos Espíritos. Assim sendo, através da faculdade mediúnica, os benfeitores da humanidade, vivendo no plano dos desencarnados, poderão veicular informações importantes relacionadas ao nosso progresso intelecto-moral;
- b) Socorro a Espíritos em sofrimento: muitos indivíduos ao desencarnarem, por não terem desenvolvido uma consciência de eternidade, encontram dificuldades na sua adaptação ao mundo extrafísico. Ansiedade, medo, sofrimentos morais diversos, perturbação, inconsciência da morte podem ser identificados em muitos desencarnados. A prática mediúnica é um dos recursos utilizados pela Espiritualidade Maior para socorrer e assistir a estes Espíritos;
- c) Contribuir no aprimoramento moral do médium: aprendemos com a Doutrina Espírita que a faculdade mediúnica por si só não basta. O importante está na conduta moral daquele que é seu portador. Porque na base do intercâmbio espiritual está a

lei de sintonia que diz que cada um será assistido por Espíritos em afinidade com seus sentimentos e suas emoções;

Achando-se a mente na estrutura de todas as manifestações mediúnicas, torna-se imprescindível ao medianeiro enriquecer o pensamento, incorporando-lhe os tesouros morais e culturais.

9.5 - Influência dos Espíritos em Atos e Pensamentos

A influência dos Espíritos sobre os nossos pensamentos e atos é tão grande que *“muito freqüentemente são eles que vos dirigem.”* [LE - qst 459]

Esta influência pode ser boa ou má, fugaz ou duradoura e se estabelece através de uma corrente mental. O Espírito identifica o seu pensamento com o nosso e vai introduzindo em nosso campo mental as suas idéias, sugestões e emoções.

É fundamental a compreensão de que esta influência só se concretiza através da sintonia mental, estando o Espírito e o encarnado em condições morais equivalentes.

Lembram os autores espíritas que pensar é vibrar, é entrar em relação com o universo espiritual que nos envolve, e, conforme a espécie das emissões mentais de cada ser, elementos similares se lhe imanizarão, acentuando-lhes as disposições e cooperando com ele em seus esforços ascensionais ou em suas quedas e deslizes.

Quando Kardec perguntou aos Espíritos [LE - qst 467] se o homem poderia se afastar da influência dos Espíritos que os incitam ao mal, elas responderam:

“Sim, porque eles só se ligam aos que os solicitam por seus desejos ou os atraem por seus pensamentos.”

A influência dos Espíritos sobre o homem vai depender também da natureza desses Espíritos.

Os Espíritos infelizes, de mente ultrajada, misturam-se em nossas atividades comuns, perambulam no ninho doméstico, participam das conversações, seguem com os comensais, de quem muitas vezes se irmanizam em processos de dependência mútua. Perturbam-se e perturbam; sofrem e fazem sofrer; odeiam e geram ódios; amesquinhadados em si mesmos, amesquinham os outros; infelicitados, infelicitam.

Já a ação dos Espíritos superiores é outra. Os bons Espíritos só aconselham para o bem, suscitam bons pensamentos, desviam os homens da senda do mal, protegem na vida os que se lhes mostram dignos de proteção e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos.

Podemos observar pelo exposto, que muitos pensamentos que povoam a nossa mente não têm origem em nós mesmos, mas sim em entidades desencarnadas. Disseram os Espíritos [LE - qst 460]:

“Vossa alma é um Espírito que pensa; não ignorais que muitos pensamentos vos ocorrem, a um só tempo, sobre o mesmo assunto e freqüentemente bastante contraditórios. Pis bem: nesse conjunto há sempre os vossos e os nossos, e é isso o que vos deixa na incerteza, porque tendes em vós duas idéias que se combatem.”

Com relação à maneira de distinguirmos o nosso pensamento do pensamento estranho, as entidades disseram [LE - qst 461]:

“Quando um pensamento vos é sugerido, é como uma voz que vos fala. Os pensamentos próprios são, em geral, os que vos ocorrem no primeiro impulso. De resto, não há grande interesse para vós essa distinção, e é freqüentemente útil não o saberdes:

o homem age mais livremente; se decidir pelo bem, o fará de mais boa vontade; se tomar o mau caminho, sua responsabilidade será maior.”

Observamos então que os Espíritos só têm o poder que nós lhes damos, pois só conseguem atuar em nós se nos encontrarem em situação favorável, seja positiva, no caso dos bons Espíritos, ou negativa, em se referindo às entidades infelizes.

Para neutralizar a influência dos maus Espíritos, Kardec orienta:

“Fazendo o bem e colocando a vossa confiança em Deus, repelis a influência dos Espíritos inferiores e destruis o império que desejam ter sobre vós.” [LE - qst 469]

9.6 - Ocupações dos Espíritos

Os Espíritos têm ocupações e missões a desempenhar. Além do trabalho de se melhorarem pessoalmente, incumbe-lhes executar a vontade de Deus, concorrendo, assim, para a harmonia do Universo. A ocupação dos Espíritos é contínua. Essa ação contínua, contudo, nada tem de penosa para os Espíritos Superiores, uma vez que eles não estão sujeitos à fadiga e, segundo Allan Kardec, repousam mudando o tipo de tarefa, sem deixarem de produzir.

Os Espíritos inferiores e imperfeitos também desempenham função útil, embora, muitas vezes, não se apercebam disso. Mostra Kardec que muitos fenômenos da natureza, como as tempestades e outros, surgem, muitas vezes, a partir da atuação de Espíritos primitivos que, agindo em massa, sob a coordenação de outras entidades mais elevadas, permitem que o fenômeno ocorra.

Os Espíritos devem percorrer todos os diferentes graus da escala evolutiva para se aperfeiçoarem. Assim, todos devem habitar em toda parte e adquirir o conhecimento de todas as coisas. Mas há tempo para tudo. Dessa forma, a experiência e o aprendizado pelos quais o Espírito está passando hoje, um outro já passou e outro ainda passará.

Existem Espíritos que não se ocupam de coisa alguma, conservam-se totalmente ociosos. Todavia, esse estado é temporário e cedo ou tarde o desejo de progredir os impulsiona para uma atividade.

Os Espíritos de maior envergadura são incumbidos de auxiliar o progresso da humanidade, dos povos e indivíduos, dentro de um círculo de idéias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais e de velar pela execução de determinadas coisas. Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como assistir enfermos, os aflitos, velar por aqueles de quem se constituíram guias e protetores, dirigi-los, dando-lhes conselhos ou inspirando-lhes bons pensamentos.

Pode-se dizer que há tantos gêneros de missões quanto as espécies de interesses a resguardar.

Os Espíritos se ocupam com as coisas deste mundo de acordo com o grau de evolução em que se achem. Os superiores só se ocupam do que seja útil ao progresso. Já os inferiores se sentem ligados às coisas materiais e delas se ocupam.

As missões mais importantes são confiadas somente àqueles que Deus julga capazes de as cumprir e incapazes de desfalecimento ou comprometimento.

Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores, há outras de importância relativa em todos os graus, concedidas a Espíritos de todas as categorias.

Todas as inteligências concorrem, pois, para a obra geral, qualquer que seja o grau atingido, e cada uma na medida de suas forças, seja no estado de encarnação ou no espiritual. Por

toda a parte há atividade, desde a base ao ápice da escala, instruindo-se, coadjuvando-se, em mútuo apoio, dando-se as mãos para alcançarem o zênite.

9.7 - Espíritos Protetores

Todos nós temos bons Espíritos vinculados a nós, muitas vezes, desde o nascimento, que nos tomaram sob a sua proteção. Cumprem junto a nós a missão de um pai junto ao filho: a de nos conduzir no caminho do bem e do progresso, através das provas da vida. Eles se sentem felizes quando correspondemos a sua solicitude e sofrem quando nos vêem sucumbir. Lembra Kardec que seus nomes pouco importam, mas que, na maioria das vezes, são almas vinculadas a nós pelos laços afetivos, estruturados em vivências em comum nas diversas reencarnações.

São sempre superiores, do ponto de vista evolutivo, aos seus tutelados e estão sempre junto deles nos momentos de necessidade.

Várias denominações existem para estes Espíritos: guias espirituais, Espíritos protetores, mentores espirituais, bom gênio, anjo da guarda, etc. Kardec utiliza a expressão “Anjo Guardião” quando deseja referir-se a um Espírito protetor de alta envergadura moral, que tem sob a sua tutela todo um grupo de almas afins.

Alguns Espíritos protetores especializam-se em determinadas áreas e exercem a sua ação de forma mais efetiva nesses setores. Assim, temos Espíritos protetores das artes, dos esportes, das ciências diversas, das cidades, dos bairros, dos centros espíritas, etc.

André Luiz, examina o tema de forma bem racional. Apresentamos uma síntese:

“Os anjos da sublime vigilância, seguem-nos a longa estrada evolutiva; desvelam-se por nós, dentro das Leis que nos regem.

Anjo, segundo a acepção justa do termo, é mensageiro. Há mensageiros de todas as condições e de todas as procedências.

Anjo da guarda, é uma expressão que define o Espírito celeste que vigia a criatura em nome de Deus. Em qualquer religião convivem conosco os Espíritos familiares de nossa vida e de nossa luta. Dos seres mais embrutecidos aos mais sublimados, temos a corrente de amor, cujos elos podemos simbolizar nas almas que se querem ou que se afinam umas com as outras, dentro da infinita gradação do progresso. A família espiritual é uma constelação de Inteligências, cujos membros estão na Terra e nos céus. Aquele que já pode ver mais um pouco auxilia a visão daquele que ainda se encontra em luta por desvencilhar-se da própria cegueira. Todos nós, por mais baixos nos revelemos na escala da evolução, possuímos, não longe de nós, alguém que nos ama, a impelir-nos para a elevação.”

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- Entre a Terra e o Céu - André Luiz/Chico Xavier
- Livro dos Médiuns - Allan Kardec

Capítulo 10

Percepções e Sensações dos Espíritos / Sono e Sonhos

10.1 - As Percepções

Informa Allan Kardec que o Espírito, uma vez no mundo extrafísico, além de manter as percepções que tinha na vida física, adquire outras mais sutis e, às vezes, mais aprimoradas, pois já não mais desfruta de um corpo pesado, denso, material.

Disseram os Benfeitores que:

“A inteligência, como atributo do Espírito se manifesta mais livremente quando não tem entraves.”

Porque o corpo físico é um obstáculo à manifestação da inteligência.

Certamente que estas percepções estarão dependendo intimamente do progresso já ameaçado pela entidade desencarnada, pois há Espíritos que nada sabem a mais que os homens, em função de seu atraso intelecto moral.

Vejamos algumas observações de Kardec:

Tempo: muitos Espíritos vivem fora do tempo, tal como o compreendemos. Os Espíritos superiores, pelo fato de se encontrarem profundamente desmaterializados, colocam-se acima das noções habituais do tempo. Os Espíritos inferiores, podem também não compreender a duração como nós, em função de seu estado consciencial, ou de cristalização em pessoas, lugares e emoções. No entanto, as entidades mais esclarecidas, vinculadas diretamente à Terra, podem manter-se orientadas em relações ao nosso horário, com perfeita compreensão da duração das coisas e do tempo.

Conhecimento do passado e do futuro: será com relação ao conhecimento do passado e do futuro que o grau de desmaterialização do Espírito terá uma maior influência. Os Espíritos superiores conhecem intimamente o seu passado, e têm, muitas vezes, uma antevisão do futuro a partir da análise do presente. Será sempre uma antevisão relativa, de um futuro provável, pois os acontecimentos estão sempre condicionados ao livre-arbítrio das pessoas. Os Espíritos inferiores nada sabem a respeito de fatos passados e futuros;

Deus: os Espíritos superiores o vêem e compreendem; os Espíritos inferiores o sentem e adivinham;

Visão: a visão dos Espíritos não é circunscrita como nos seres corpóreos, mas é uma faculdade geral. Muitos Espíritos vêem pela luz própria, sem necessidade de luz exterior, mas isto, como tudo, depende também de sua condição evolutiva;

Sons: os Espíritos percebem os sons, até mesmo os que os nossos sentidos às vezes não conseguem perceber;

Música: a música tem para os Espíritos encantos infinitos, em razão de suas qualidades sensitivas muito desenvolvidas. Os Espíritos atrasados podem sentir um certo prazer ao ouvir a nossa música, porque não estão ainda capazes de compreender outra mais sublime, no entanto, almas mais purificadas, buscam melodias mais belas e mais suaves;

Belezas Naturais: os Espíritos são sensíveis a elas, segundo as suas aptidões para as compreendê-las e as apreciá-las.

10.2 - As Sensações

Mostra-nos a prática espírita, que os Espíritos relatam a presença de uma série de sensações. À margem das angústias morais, (remorso, ódio) ou das perturbações emocionais (medo, ansiedade), que torturam muito mais que os sofrimentos físicos, observa-se nas entidades desencarnadas sensações como frio, calor, fome, sede, cansaço, e mesmo dores “físicas”.

Sabemos que o perispírito é o agente das sensações externas nas entidades extrafísicas. No corpo, enquanto na matéria densa, estas sensações estão localizadas nos órgãos. Destruído o corpo, será o perispírito o responsável pelo registro de todas as sensações externas. Sendo o corpo espiritual formado de matéria quintessenciada, sutil, não sofre influência direta de elementos materiais, como chuva, fogo, etc., no entanto, muitos Espíritos queixam-se de sensações vinculadas a estas situações.

Diz-nos o Codificador, que estas sensações podem ter uma dupla gênese: lembrança de sofrimentos anteriores ou impressão de algo que na realidade não está ocorrendo.

No primeiro caso, vamos verificar que muitos sofrimentos dos Espíritos estão relacionados às recordações de situações que muito os traumatizaram enquanto vivos: homens que morreram queimados, baleados, portadores de doenças físicas, podem despertar no mundo espiritual como se estivessem ainda ardendo em brasas, com o peito sangrando, ou, ainda, com os estigmas das doenças que os infelicitavam.

André Luiz [E A Vida Continua], mostra dois personagens, que diante da simples recordação de entes queridos que deixaram na Terra, retornavam a sentir-se mal, apresentando os mesmos sintomas que os acometiam nos últimos dias de vida.

Isto acontece, porque o Espírito armazena em sua estrutura psíquica inconsciente, todos os atos, pensamentos e todas as palavras vinculadas a ele. Diante da evocação de uma dessas situações pode o Espírito desencarnado voltar a registrar sensações relacionadas a estes fatos.

As sensações “físicas” são relatadas por almas ainda muito apegadas às coisas da vida física e com uma estrutura perispírita por demais grosseira.

Sabe-se que muitos Espíritos costumam sentir dores cruciais, em função de terem os corpos físicos submetidos a estudos anatomopatológicos nos Institutos médico-legais. Relatam, muitas entidades, que no momento da necropsia, eles, postados ao lado do cadáver, passavam a registrar sensações de sofrimento, pavor e angústia e dos bisturis como se realmente estivessem sentindo a agressão das lâminas dos peritos.

A mesma explicação pode ser dada, para casos relatados por André Luiz, de Espíritos vadios que ainda não se deram conta de seu falecimento, e que, diante de tempestades, se protegem nas marquises e nas lojas, temendo que as chuvas possam molhá-los.

10.3 - Sono e sonhos

Chama-se emancipação da alma o desprendimento do Espírito encarnado, possibilitando-lhe afastar-se momentaneamente do corpo físico que anima. Esta emancipação da alma é fenômeno que pode ocorrer em várias situações ou circunstâncias da vida humana, entre elas o sono.

Que é sono? É o estado em que cessam as atividades motoras e sensoriais e o corpo repousa. Há o refazimento das forças físicas.

Mas o sono tem uma significação muito mais profunda e conseqüências muito mais amplas no conjunto integral da vida humana. Enquanto o corpo repousa, mantendo-se adormecido, não necessitando da presença do Espírito para comunicar-lhe atividades físicas ou mentais, este se liberta, afasta-se do corpo, reintegra-se em suas faculdades perceptivas e ativas, passando a agir a distância do instrumento físico.

Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos.

Quando o corpo se entorpece, seja qual for a causa, sono natural ou artificialmente provocado pela hipnose, sonambulismo, drogas, narcose, etc., a alma se emancipa, desprende-se parcialmente e pode entrar em relação com o plano espiritual.

Allan Kardec formulou aos Espíritos, dentro deste assunto, perguntas muito interessantes, obtendo respostas, por sua vez, sumamente instrutivas.

“Durante o sono, a alma repousa como o corpo?”

R.” Não, o Espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.” [LE - qst 401]

“Como podemos julgar a liberdade do Espírito durante o sono?”

R. “Pelos sonhos. Quando o corpo repousa, tem o Espírito mais liberdade do que no estado de vigília.” [LE - qst 402]

Sonho é, portanto, a lembrança do que o Espírito viu durante o sono.

Essas lembranças são, geralmente, fragmentárias e tê-las mais nitidamente depende do grau de desenvolvimento das nossas percepções psíquicas. Misturamos cenas vistas durante a vigília às preocupações de nossa vida diária. Mesmo as imagens que resultam da nossa vivência real no mundo dos Espíritos não são lembranças fiéis, já que mesmo dormindo, não nos libertamos totalmente das nossas idéias e preocupações do período de vigília, o que pode dar ao que vemos a aparência do que desejamos ou do que tememos.

10.4 - Classificação dos Sonhos

Martins Peralva [Estudando a Mediunidade] propõe a classificação dos sonhos em:

Sonhos Comuns

Seriam as lembranças dos quadros que permanecem impressos em nossa própria mente. Estão relacionados com o nosso cotidiano. Muitas vezes, ficamos presos ao corpo pelas preocupações materiais, idéias fixas, aspirações comuns e nos ligamos ao que mais nos preocupa ou fascina. São muito freqüentes, dada à nossa condição espiritual.

Sonhos Reflexivos

São aqueles em que o desprendimento ou emancipação da alma permite um mergulho mais profundo em nossos registros perispirituais, recuperando imagens, cenas de vidas passadas. Estas imagens são coerentes e se apresentam mais nítidas, como cenas de um filme. Os sonhos reflexivos podem ser conseqüentes, algumas vezes, a determinado fato de nossa vida real que nos leva a vivenciar cenas do pretérito, ou ainda, poderão ser induzidos por Espíritos desencarnados superiores ou inferiores.

Sonhos Espíritos

São lembranças de nossa vivência real no mundo dos Espíritos. São recordações de encontros, estudos que participamos, conversas, tarefas que desenvolvemos, etc. Podem ocorrer também, perseguições e acontecimentos desagradáveis, sempre em função de nossa sintonia espiritual.

A leitura das obras de André Luiz poderá nos fornecer muito material na elucidação dos sonhos. Encontramos nestes livros relatos de sonhos vistos da perspectiva dos Espíritos e poderemos compreender melhor o desprendimento natural do sono físico, nossas experiências durante a emancipação da alma.

Os sonhos são tão diversos e infinitas as suas modalidades que estudos profundos têm sido realizados à respeito pela Ciência oficial, sem contudo, encontrar explicações convincentes. Somente o conhecimento das leis que regem os fenômenos espíritos, principalmente, o estudo do perispírito e suas propriedades, irão aclarar estas informações. Nem todos os sonhos dão idéia de libertação da alma.

André Luiz [Mecanismos da Mediunidade] diz que quanto mais inferiorizado o homem, mais dificuldade terá na emancipação espiritual durante o sono físico.

Para o homem primitivo, o sono nada mais é que puro e absoluto refazimento físico. Nos primeiros estágios da evolução, o sonho seria invariável ação reflexa de nosso próprio mundo consciencial e afetivo.

Da mesma forma que o sensitivo vai até ao local sugerido pelo hipnotizador, a criatura sob hipnose natural que é o sono, fora do corpo físico, vai também até ao local sugerido ou será atraída através do próprio desejo que é o reflexo condicionado, até ao local que se lhe vincula o pensamento.

Pelas informações deste autor espiritual, nossos sonhos são agradáveis ações construtivas que nos ligam a Espíritos afins, propensos ao bem, ou a ações negativas, deprimentes se nossa sintonia for inferior.

A maior ou menor emancipação da alma durante o sono está relacionada, segundo os ensinamentos dos Espíritos, com o nosso grau de evolução.

Em [LE - qst 403] Allan Kardec indaga:

“Por que não nos lembramos sempre dos sonhos?”

R. “Em o que chamas sono, só há repouso do corpo, visto que o Espírito está sempre em atividade. Recobra, durante o sono, um pouco de sua liberdade e se corresponde com os que lhe são caros, quer deste mundo quer em outros. Mas, como é pesada e grosseira a matéria que compõe o corpo, dificilmente este conserva as impressões que o Espírito receber, porque a este não chegaram por intermédio dos órgãos corporais.”

Poderíamos explicar mais detalhadamente assim:

No estado de vigília as percepções se fazem com o concurso dos órgãos físicos - os estímulos são selecionados pelos sentidos, transmitidos pelas vias nervosas ao cérebro; aí são gravadas para serem reproduzidas a cada evocação pela memória biológica. No sono cessam as atividades motoras e sensoriais. O Espírito liberto age no plano espiritual e sua memória perispiritual registra os fatos que vivencia, sem chegar, contudo, ao cérebro físico. Tudo é percebido diretamente pelo Espírito, mas nada impede que, excepcionalmente, por via retrógrada, as percepções da alma repercutam no cérebro físico. Então, ocasionalmente, o homem se lembra do que sonhou.

É sempre oportuno lembrar que ao nos desprendermos no sono físico penetramos no mundo espiritual, onde não prevalecem as leis físicas e estaremos sujeitos às leis do mundo

espiritual, em que o grau de densidade perispiritual e a lei de atração dos semelhantes determinarão outras limitações, fixando os parâmetros de nossa vivência.

Allan Kardec nos chama atenção para a diferença entre sonho comum e sonho com desdobramento da alma. Ele diz:

“O sonho é a lembrança do que o vosso Espírito viu durante o sono; mas observai que nem sempre sonhais porque nem sempre vos lembrais daquilo que vistes ou que ouvistes. Isto porque não tendes a vossa alma em todo o seu desenvolvimento; frequentemente não vos resta mais que a lembrança da perturbação da vossa partida e da vossa volta (...). Sem isto como explicaríeis estes sonhos absurdos a que estão sujeitos tanto os sábios como os ignorantes?”

A análise dos sonhos pode nos trazer informações valiosas para nosso autoconhecimento. Contudo, devemos nos precaver contra as interpretações pelas imagens ou lembranças esparsas. Há sempre um forte conteúdo simbólico em nossas percepções psíquicas que, normalmente nos chegam acompanhadas de emoções e sentimentos.

Se ao despertarmos, nos sentimos envolvidos por emoções boas, agradáveis, vivenciamos uma experiência positiva durante o sono físico. Ao contrário, se as emoções são negativas, nos vinculamos, certamente, a situações e Espíritos inferiores de acordo com nossos hábitos, vícios morais, pensamentos negativos.

Daí a necessidade de adequarmos nossas vidas aos ensinamentos cristãos, vivenciando o amor, o perdão e altruísmo habituando-nos à oração antes de dormir, para nos ligarmos a valores positivos e sintonias superiores.

Bibliografia

- Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- Mecanismos da Mediunidade - André Luiz/Chico Xavier
- Estudando a Mediunidade - Martins Peralva
- Revista Espírita, jul/1865 - Allan Kardec
- Revista Reformador, jan/1969 - Yvonne A. Pereira
- Revista Reformador, set/1989 - Dalva Silva Souza
- Espiritismo e Psiquismo - Alberto de Sousa Rocha
- Os Mensageiros - André Luiz/Chico Xavier
- E a Vida Continua - André Luiz/Chico Xavier

Capítulo 11

Reencarnação

11.1 - Pluralidade X Unicidade das Encarnações

A reencarnação se baseia nos princípios da misericórdia e da justiça de Deus.

Na misericórdia divina, porque, assim como o bom pai deixa sempre a porta aberta a seus filhos faltosos, facultando-lhes a reabilitação, também Deus - através das vidas sucessivas - dá oportunidade para que os homens passam corrigir-se, evoluir e merecer o pleno gozo de uma felicidade duradoura. Emmanuel chega a dizer que “a reencarnação é quase o perdão de Deus.”

Na lei de justiça, pois os erros cometidos e os males infligidos ao próximo devem ser reparados durante novas existências, a fim de que, experimentando os mesmos sofrimentos, os homens possam resgatar seus débitos, passando a conquistar o direito de serem felizes.

A unicidade das existências é injusta e ilógica, pois não atende às sábias leis do progresso espiritual.

É injusta, porque grande parte dos erros humanos é resultante da ignorância e, numa só vida, não nos é possível o resgate de nossos erros, principalmente quando o arrependimento nos sobrevém quase ao findar da existência. É preciso que se dê oportunidades ao arrependido para que ele comprove sua sinceridade através das necessárias reparações.

É ilógica, porque não pode explicar as gritantes diferenças de aptidões das criaturas desde sua infância; as idéias inatas, independentemente da educação recebida, que existem nuns e não aparecem em outros; os instintos precoces, bons ou maus, não obstante a natureza do meio onde nasceram.

As reencarnações representam para as criaturas imperfeitas valiosas oportunidades de resgate e de progresso espiritual.

Só a pluralidade das existências pode explicar a diversidade dos caracteres, a variedade das aptidões, a desproporção das qualidades morais, enfim, todas as desigualdades que ferem a nossa vista.

Fora dessa lei, indagar-se-ia inutilmente porque certos homens possuem talento, sentimentos nobres, aspirações elevadas, enquanto muitos outros só tiveram em partilha tolices, paixões e instintos grosseiros.

A influência dos meios, a hereditariedade, as diferenças de educação não bastam para explicar essas anomalias. Vemos os membros de uma mesma família, semelhantes pela carne e pelo sangue, educados nos mesmos princípios, diferencem-se em bastantes pontos; personagens célebres têm descendido de pais obscuros e destituídos de valor mora.

Os que defendem a unicidade das existências afirmam que isto se deve ao acaso ou constitui-se um mistério divino. Mas quando passamos a admitir a idéia de que já vivemos muitas vezes e voltaremos a viver outras tantas, tudo se esclarece, tudo se torna compreensível e Deus, Justo, Bom e Caridoso cresce diante do homem.

11.2 - Reencarnação nos Evangelhos

Em várias passagens dos Evangelhos aparece claramente a idéia da reencarnação, mas Allan Kardec examina três, que ele considerava como as mais importantes:

1ª) “Após a transfiguração, seus discípulos então o interrogaram desta forma: Porque dizem os escribas ser preciso que antes volte Elias? - Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas, mas eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o trataram como lhes aprouve. Então, seus discípulos compreenderam que fora de João Batista que ele falara.” [Mateus-XVII:10-13] [Marcos-IX:11- 13]

A consideração de que João Batista era Elias está presente várias vezes no Evangelho, reforçando a idéia de que muitos judeus tinham simpatia pela Teoria Palingenésica. Se fosse errôneo este pensamento, certamente Jesus o teria combatido, como fez em relação a vários outros.

2º) ”Ao passar, viu Jesus um homem que era cego desde que nascera; - e seus discípulos e fizeram esta pergunta: Mestre, foi pecado deste homem, ou dos que o puseram no mundo, que deu causa a que ele nascesse cego? - Jesus lhes respondeu: não é por pecado dele, nem dos que o puseram no mundo; mas para que nele se patenteiam as obras do poder de Deus.” [João-IX:1-34]

A pergunta dos discípulos: “foi algum pecado deste homem que deu causa a que ele nascesse cego?” revela que eles tinham a intuição de uma existência anterior, pois, do contrário, ela careceria de sentido, visto que um pecado somente pode ser causa de uma enfermidade de nascença se cometido antes do nascimento, portanto numa existência anterior.

3º) ”Ora, entre os fariseus havia um homem chamado Nicodemos, senador dos Judeus, que veio à noite ter com Jesus e lhe disse: Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele.

Jesus lhe respondeu: em verdade, em verdade, digo-te: ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.” [João-III:1-12]

Não há dúvidas de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças dos judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo e forma. Donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo.

11.3 - Evidências Científicas

As principais evidências científicas da reencarnação são:

Gênios Precoces

São crianças prodígios, que desde a mais tenra idade mostram possuir conhecimentos de tal ordem à respeito de temas os mais diversos que seria impossível explicá-los sem a certeza de que viveram antes.

Kardec, examinando a questão pergunta aos benfeitores como entender este fenômeno [LE - qst 219] e eles dizem:

“Lembrança do passado, recordação anterior da alma.”

Recordação Espontânea de Vidas Passadas

Caracteriza-se pelo fato de pessoas, especialmente crianças passarem a se recordar espontaneamente de vidas anteriores.

Regressão de Memória a Vidas Anteriores

Inúmeros casos têm surgido de pessoas que passam a relatar vivências anteriores durante o fenômeno, hoje relativamente comum, de regressão de memória.

No final do século passado, o pesquisador francês Alberto Rochas, realizando experiências com regressão de memória conseguiu levar uma das suas pacientes a uma existência precedente. A partir daí vários outros cientistas, em diversas partes do mundo, começaram a desenvolver essas técnicas, conseguindo anotar milhares de referências concordantes com o princípio da Palingênese.

Recentemente, este processo foi desenvolvido com fins terapêuticos, onde psiquiatras espiritualistas se utilizam de técnicas apropriadas para, através da regressão de memória, dissolverem condições neuróticas de pacientes psiquiátricos. Esses processo, ainda no campo experimental, portanto não aceito pela Ciência Oficial, recebeu o nome de T.V.P. (Terapia de Vidas Passadas).

11.4 - Objetivos da reencarnação

Ensina-nos Allan Kardec [LE - qst 330] que a reencarnação está para os Espíritos, assim como a morte está para os encarnados: é um processo inelutável, tão certo quanto o desencarne o é para os homens.

A encarnação é uma necessidade evolutiva, porque somente ao contato com a matéria física consegue o Espírito certos elementos necessários ao seu progresso.

A luta pela sobrevivência, o período de infância, o esquecimento do passado são condições exclusivas da vida na Terra e essenciais à aquisição de certos valores.

O Espírito São Luís, examinando o tema diz:

“A passagem dos Espíritos pela vida corpórea é necessária, para que eles possam realizar, com a ajuda do elemento material, os propósitos cuja execução Deus lhe confiou. É ainda necessária por eles mesmo, pois a atividade que então se vêem obrigados a desempenhar ajuda-os a desenvolver a inteligência. Deus, sendo soberanamente justo, deve aquinhoar eqüitativamente a todos os seus filhos. É por isso que Ele concede a todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de ação.” [ESE - cap. IV]

Kardec completa o tema:

“A obrigação que tem o Espírito encarnado de prover ao alimento do corpo, à sua segurança, ao seu bem estar, o força a empregar suas faculdades em investigações, a exercitá-las e desenvolvê-las. Útil, portanto, ao seu adiantamento é a sua união com a matéria. Daí se constituir uma necessidade a encarnação. Além disso, pelo trabalho inteligente que ele executa em seu proveito, sobre a matéria, auxilia a transformação e progresso material do globo que lhe serve de habitação. É assim que, progredindo, colabora na obra do Criador, da qual se torna fator inconsciente.” [Gên]

Estes objetivos reencarnatórios são sistematizados didaticamente por Allan Kardec em três tipos: expiação, prova e missão [LE - qst 872].

Expiação

Expiar, segundo a definição vulgar, significa sofrer em função de alguma coisa. A expiação surge como objetivo encarnatório, quando o homem malbarata o código divino que rege o universo. Quando o indivíduo por excessos, maldade ou por imprudência fere a lei geral que

cuida dos nossos destinos, torna-se incurso na Lei de Causa e Efeito, para que, através do sofrimento, se reedueque.

“A expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais que são conseqüentes à uma falta, seja na vida atual, seja na vida espiritual após a morte, ou ainda em nova existência corporal.” [CI - cap. VIII]

Em [O Consolador - qst 246] Emmanuel afirma:

“A expiação é a pena imposta ao malfeitor que comete um crime.”

I - Características da expiação

- Sempre dolorosa
- Sempre ligada a uma falta

Prova (Provação)

Ainda em [O Consolador - qst 246] Emmanuel continua:

“A prova é a luta que ensina ao discípulo rebelde e preguiçoso a estrada do trabalho e da edificação espiritual.”

As provas são uma série de situações apresentadas ao Espírito encarnado objetivando o seu crescimento. Através do esforço próprio, das lutas e do sacrifício ele vai burilando a sua personalidade, desenvolvendo a sua inteligência e se iluminando espiritualmente.

“Não se deve crer que todo sofrimento por que se passa neste mundo seja necessariamente o indício de uma determinada falta: trata-se, freqüentemente, de simples provas escolhidas pelo Espírito, para acabar a sua purificação e acelerar o seu adiantamento.” [ESE - cap. V it 9]

Lembra Kardec que nem toda prova é uma expiação, mas em toda expiação há uma prova, porque diante do sofrimento expiatório, o homem ver-se-á convidado a desenvolver (lutar) pelos valores de resignação.

II - Características da prova

- Não está vinculada a uma falta
- Não é sempre dolorosa, embora possa ser
- Representa sempre luta para crescimento pessoal

Missão

“Um Espírito querendo avançar mais, solicita uma missão, uma tarefa, pela qual será tanto ou mais recompensado, se sair vitorioso.” [ESE - cap. V it 9]

Pelo exposto, podemos entender a missão como sendo uma tarefa específica que objetiva o bem da criatura.

Lembra ainda Kardec que:

“Todo homem, sobre a Terra, tem uma pequena ou grande missão” e que “as missões dos Espíritos tem sempre o bem por objeto. Há tantos gêneros de missões quanto as espécies de interesses a resguardar.”

Informa que a importância das missões está em relação com a capacidade e a elevação do Espírito, e que cada um tem sua missão neste mundo, porque cada um pode ser útil em algum sentido.

Kardec [CI] emprega ainda a expressão reparação para designar aquela condição onde o indivíduo reencarna com o propósito de fazer o bem a quem ontem fez o mal.

Pode-se considerar a reparação como uma variante da missão.

III - Características da missão

- Tarefa específica
- Pressupõe certa condição evolutiva prévia
- Objetiva o melhoramento de algo ou alguém

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- A Gênese - Allan Kardec
- O Consolador - Emmanuel/Chico Xavier
- O Problema do Ser, do Destino e da Dor - Leon Denis
- A Reencarnação e Suas Provas - Carlos Imbassahy
- Reencarnação - Gabriel Delanne
- Depois da Morte - Leon Denis
- A Memória e o Tempo - Hermínio Miranda

Capítulo 12

Lei de Causa e Efeito

12.1 - Introdução

A Lei de Causa e Efeito, conhecida também com o nome de Lei de Ação e Reação ou Lei do Carma, é uma lei natural, espiritual e universal, essencial para a evolução das almas.

André Luiz [Ação e Reação] nos diz:

“É a conta do destino criada por nós mesmo, englobando os créditos e os débitos que em particular nos digam respeito. É o sistema de contabilidade do Governo da Vida.”

Consiste, portanto, nos padrões de hábito que uma pessoa estabeleceu e as repercussões desses padrões sobre si mesma e sobre os outros.

12.2 - Princípios Fundamentais

Allan Kardec examina [CI - cap. VII] com profundidade a Lei de Causa e Efeito. Através de 33 itens, ele tece inúmeros comentários importantes a respeito. Apresentamos uma síntese:

a) *“O estado feliz ou desgraçado de um Espírito é inerente ao seu grau de pureza ou impureza. A completa felicidade prende-se à perfeição. Toda imperfeição é causa de sofrimento e toda virtude é fonte de prazer.”*

O homem sofre em função dos defeitos que tem: a inveja, o ciúme, a ambição, os vícios sociais são as causas fundamentais dos sofrimentos. Diz Kardec, que a alma que tem dez imperfeições, por exemplo, sofre mais do que a que tem três ou quatro.

Portanto, o único caminho que nos levará à felicidade completa é o do esforço constante no combate às más inclinações, através da reforma íntima;

b) *“O bem como o mal são voluntários e facultativos: livre o homem não fatalmente impelido para um nem para outro.”*

Em [LE - qst 645] os benfeitores espirituais afirmam que não há arrastamento irresistível. O homem tem sempre liberdade de escolher entre o bem e o mal e seguir o caminho da correção ou do vício. Por esse motivo, por ter escolhido livremente a opção a tomar, ele torna-se responsável pelos seus atos. Emmanuel diz:

“A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória.”

c) *“A responsabilidade das faltas é toda pessoal, ninguém sofre por erros alheios, salvo se a eles deu origem quer provocando-os pelo exemplo quer não os impedindo quando poderia fazê-los.”*

Perante a Lei de Causa e Efeito não existem “vítimas”. Só respondemos pelos nossos atos e jamais pelos atos alheios. A ninguém deve o homem culpar em caso de sofrimento, a não ser a ele mesmo, pela sua incúria, seus excessos ou a sua ambição.

Quando mais de uma pessoa vêm a cometer o mesmo erro, tornam-se todos incurso na Lei de Causa e Efeito e, muitas vezes, deverão, juntos, repararem esse erro. Muitos casos de calamidades coletivas, expiações de grupos ou famílias inteiras enquadram-se nessa situação.

O carma, portanto, pode ser:

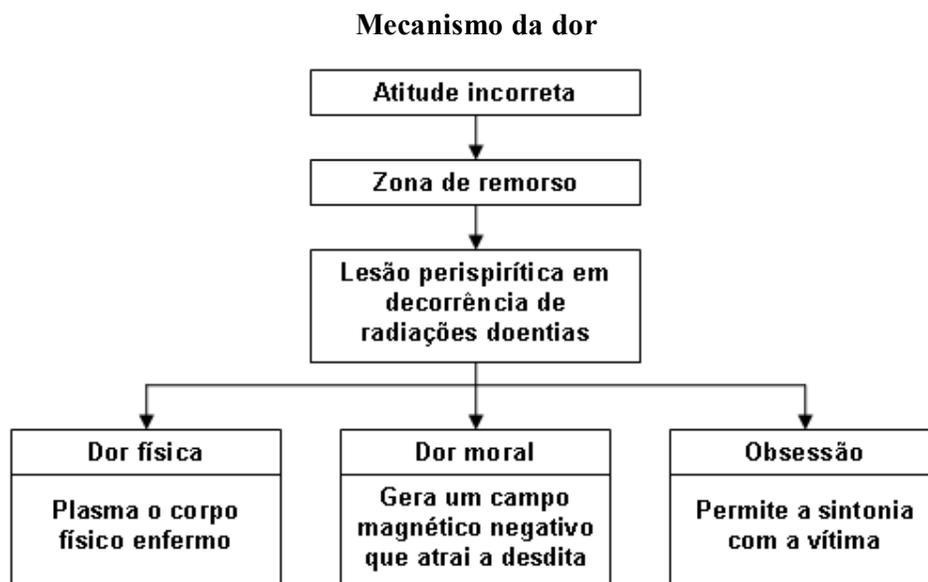
- **Individual:** um único Espírito está incurso na Lei;

- **Familiar:** quando vários membros de um mesmo núcleo familiar estão inseridos no processo cármico;
- **Coletivo:** quando toda uma coletividade comprometeu-se com a mesma falta.

d) "A alma traz consigo o próprio castigo ou prêmio, onde quer que se encontre, sem necessidade de lugar circunscrito."

Céu e Inferno, ensina-nos a Doutrina Espírita são estados de consciência. O primeiro corresponde a uma consciência tranqüila em função do serviço bem feito e da atitude sempre correta. O segundo existe em decorrência da culpa, do remorso, que cria para a alma viciosa um campo magnético negativo, através do qual as obsessões, as enfermidades físicas ou psíquicas, ou mesmo os lances desditosos da existência vão se desenvolver.

André Luiz denomina "**zona de remorso**" a esta área que se estabelece na consciência do homem ante a atitude incorreta. Segundo este autor, a "zona de remorso" será responsável pela radiação doentia que vai infelicitar o perispírito do indivíduo, carreando para ele uma série de possibilidades dolorosas.



e) "Toda falta cometida é uma dívida contraída que deverá ser paga; se o não for na mesma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes."

Em muitas oportunidades, as faltas cometidas numa existência, podem ser reparadas na mesma encarnação; outras vezes, somente na existência posterior terá a alma culpada condições de resgate; e, em determinadas situações, serão necessárias diversas encarnações para que a dívida seja saldada.

Bezerra de Menezes [Dramas da Obsessão] lembra que em algumas oportunidades a alma culpada não possui condição evolutiva ou estrutura psicológica para receber a carga de sofrimento, decorrente do erro. Nestes casos, a lei dá-lhe um tempo de moratória para que se estruture intimamente e possa, no futuro, responder pela falta. Registramos as palavras do benfeitor:

“Existem obsessores tolhidos numa reencarnação para a experiência de catequese, quando, então, todas as facilidades para um aprendizado eficaz das leis do Amor e da Fraternidade lhes serão apresentadas. Muitos, só mais tarde, em encarnações posteriores, estarão em fase de reparações e resgates.”

f) *“Pela natureza dos sofrimentos e vicissitudes da vida corpórea pode julgar-se a natureza das faltas cometidas em anteriores existências.”*

Allan Kardec comenta [LE - qst 973]: *“cada um é punido naquilo em que errou”*; porque observa-se uma correspondência íntima entre o tipo de sofrimento e o tipo de falta. André Luiz [Ação e Reação] apresenta várias possibilidades, como mostra o quadro abaixo.

Quadro - Lei de Causa e Efeito

Falta	Resgate
• Aborto	• Esterilidade, doenças genitais
• Incontinência sexual ou erros no amor	• Impotência sexual ou frigidez, decepções da vida afetiva
• Ociosidade, indolência	• Desempregos, má remuneração profissional, paralisias
• Calúnia ou maledicência	• Doenças das cordas vocais
• Beleza física mal canalizada	• Doenças de pele
• Erros cometidos no esporte e na dança	• Reumatismos diversos
• Inteligência canalizada para o mal	• Hidrocefalia, oligofrenias
• Suicídio	• Doenças congênitas graves, acidentes mortais na infância e adolescência

g) *“A mesma falta pode determinar expiações diversas, conforme as circunstâncias atenuantes ou agravantes.”*

Dois fatores condicionam sempre a gravidade de uma falta: a intenção e o conhecimento do erro. Embora as faltas sejam sempre as mesmas, a responsabilidade do culpado ante o deslize será maior ou menor em função do grau de conhecimento que ele possui e de sua intenção ao cometê-lo.

Com relação ao grau de adiantamento, Kardec informa que as almas mais grosseiras e atrasadas são, via de regra, mais atingidas pelos sofrimentos materiais, enquanto os Espíritos de maior sensibilidade e cultura são mais vulneráveis aos sofrimentos morais.

h) *“Não há uma única ação meritória que se perca: todo ato meritório terá recompensa.”*

A Lei de Causa e Efeito não apenas pune o culpado, mas também premia a alma vitoriosa. Denomina-se “carma positivo” aos condicionamentos sadios que o Espírito atrai para si, em decorrência de atitudes corretas e vivência altruística;

i) *“A duração do castigo depende da melhoria do culpado. O Espírito é sempre o árbitro da própria sorte, podendo prolongar o sofrimento pela persistência no mal ou suavizá-la ou mesmo superá-la em função de sua maneira de proceder.”*

Kardec mostra que não existe condenação por tempo determinado. O que Deus exige, por termo do sofrimento, é um melhoramento sério, efetivo, sincero de volta ao bem;

j) *“Arrependimento, expiação e reparação constituem as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta.”*

O arrependimento pode dar-se por toda parte e em qualquer tempo; se for tarde, porém, o culpado sofre por mais tempo. Mas não basta o arrependimento, embora ele suavize os cravos da expiação.

A expiação consiste nos sofrimentos físicos ou morais que são conseqüentes à falta, seja na vida atual, seja na vida espiritual após a morte, ou ainda em nova existência corporal.

A reparação consiste em fazer o bem àqueles a quem se havia feito o mal. Quem não repara os seus erros numa existência, achar-se numa encarnação ulterior em contato com as mesmas pessoas de modo a demonstrar reconhecimento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito.

Fases do resgate do erro

1. Arrependimento
2. Expição
3. Reparação

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- Céu e Inferno - Allan Kardec
- Ação e Reação - André Luiz/Chico Xavier
- Vidas de Outrora - Eliseu Rigonatti
- Dramas da Obsessão - Bezerra de Menezes/Yvonne Pereira

Capítulo 13

O Processo Encarnatório

13.1 - Tipos de Encarnação

Didaticamente, de acordo com o progresso já conquistado, podemos considerar 3 tipos básicos de encarnação:

Encarnação Voluntária (Livre)

É apanágio de Espíritos redimidos. Grandes missionários que vêm à Terra em tarefa de valor incontestável. Possuem liberdade de escolha muito grande, pois eles mesmo determinam as tarefas a serem desenvolvidas, o local onde vão nascer, os pais e as diversas situações de sua existência. Muito raras são essas encarnações;

Encarnação Semi-Voluntária (Proposta)

Leva em conta o livre-arbítrio relativo de que dispõe o Espírito; mentores estudam seus débitos e méritos, programando, em seguida, os principais acontecimentos da próxima existência na carne, tendo em vista a liquidação ou minoração de dívidas e as possibilidades de progresso. Mas isto não é imposto, podendo o indivíduo discutir certas questões e propor alterações, que serão aceitas ou não. É a modalidade de muitos de nós, dotados de suficiente acuidade mental no espaço para discernir o que é interesse genuíno e o que é ilusão, na vida terrena;

Encarnação Compulsória

É aquela que colhe o Espírito sem prévia concordância dele e até sem o seu conhecimento. É por sua índole, própria dos Espíritos cujo grau de perturbação impede análise lúcida da situação ou cujas faltas são tão graves que anulam a liberdade de escolha. É uma imposição feita pela Lei para atender a casos cuja recuperação exige longas expiações. Os arranjos reencarnatórios são feitos por entidades amigas de condição evolutiva superior que preparam todos os detalhes daquela nova existência.

O processo de reencarnação compulsória, na realidade, dispensa a atuação direta de técnicos da espiritualidade. Tudo pode desenrolar-se naturalmente, obedecendo aos impositivos do automatismo que rege a encarnação dos seres.

André Luiz [Evolução em Dois Mundos - cap. XIX] diz:

“Os Espíritos categoricamente inferiores, na maioria das ocasiões, padecendo monoteísmo tiranizante, entram em simbiose fluídica com as organizações femininas a que se agregam, sendo inelutavelmente atraídos ao vaso uterino, em circunstâncias adequadas, para a reencarnação que lhes toca, em moldes inteiramente dependentes da hereditariedade.”

Importa, entretanto, considerar que, mesmo nesses casos, a entidade reencarnante sofre supervisão atenta, mesmo que a distância, de Espíritos superiores, responsáveis pelo destino da Terra.

A esse respeito Manoel Philomeno de Miranda [Painéis da Obsessão] esclarece:

“Cada criatura recebe de acordo com as necessidades da própria evolução. Merece todavia, considerar que existência alguma se encontra ao azar, distante de carinhosa ajuda e de socorros providenciais. Da mesma forma que a faixa mais larga da reencar-

nações ocorre através de fenômenos automatistas, numa programática coletiva, esta não se dá sem que os superiores encarregados dos renascimentos, na Terra, tomem cuidadoso conhecimento.”

Com relação aos Espíritos vinculados ao planeta Terra, informa-nos André Luiz, que a maioria deles reencarna-se de forma compulsória.

13.2 - Fases da Encarnação

Não existem duas encarnações iguais, mas podemos, didaticamente, separar em fases, jamais estanques, os momentos sucessivos que acompanham o mergulho do Espírito na carne.

André Luiz [Missionários da Luz] estuda a reencarnação de Segismundo mostrando-nos como se desenvolve uma encarnação do tipo semivoluntária.

1ª Fase: Planejamento encarnatório

Esta fase desenvolve-se no plano espiritual, onde o reencarnante ao lado de seus mentores vai planejar a sua futura encarnação. Lembra Kardec que são planejados apenas os grandes lances da existência, aqueles que podem realmente influir no destino da criatura.

O casamento, os filhos, a profissão, o tempo médio de vida na Terra e as principais doenças cármicas são nessa fase bem determinados. Mostra também André Luiz que detalhes mais importantes do futuro corpo podem ser determinados nesse período. São os mapas cromossômicos, descritos pelo autor, que traduzem a herança genética do pai e da mãe e que irão determinar as características hereditárias do reencarnante.

2ª Fase: Contato fluídico com os pais

É a fase em que o reencarnante, em contato mais íntimo com os futuros pais, vai preparando-se para a nova existência. André Luiz diz que é uma fase importante, onde o Espírito mantém-se em processo de ligação fluídica direta com os pais. A medida que se intensifica semelhante aproximação, o reencarnante vai perdendo os pontos de contato com a esfera espiritual.

Hernani Guimarães Andrade compara essa fase com o prelúdio da morte: aqueles indivíduos que, no fim da vida, sentem fugir-lhes o vigor físico. Consiste, segundo ele, de um processo de “*enfraquecimento perispiritual*”.

3ª Fase: Ligação do Espírito à matéria

- a) **Redução perispiritual:** através de um processo magnético automático ou dirigido por técnicos especializados, o Espírito passa a sofrer uma redução de corpo espiritual, por uma redução dos espaços intermoleculares. Perde “matéria psi”, e atingindo uma pequena dimensão (no caso de Segismundo, o tamanho de uma criança recém-nascida) vai ser acoplado ao centro genésico da mãe. Jorge Andréa acredita que a redução perispiritual será tanto mais intensa quanto mais envolvido for o Espírito reencarnante;
- b) **Seleção do espermatozóide:** Acoplado ao centro genésico da futura mãe, o reencarnante miniaturizado aguarda a relação sexual para desencadear a reencarnação propriamente dita.
Após a explosão dos espermatozóides, liberados na relação sexual, um deles será “escolhido” e devidamente magnetizado para vencer a corrida e alcançar a trompa de Falópio onde está o óvulo.

Essa magnetização do espermatozóide que deverá vencer a corrida é, muitas vezes, feita por técnicos da espiritualidade que selecionam o gameta que traz a carga genética apropriada, de acordo com os mapas cromossômicos, delineados anteriormente. Quando o reencarnante, pelo seu passado, não faz jus a uma equipe especializada, o processo se desenvolve segundo os princípios da sintonia magnética. O perispírito do reencarnante, por sintonia, atrai o espermatozóide que melhor se adapte às suas necessidades evolutivas;

- c) **Fecundação:** o gameta masculino ao alcançar o terço superior da Trompa de Falópio vai encontrar o óvulo e fecundá-lo. Nesse exato momento, o Espírito reencarnante que se encontra ajustado ao aparelho genital, liga-se magneticamente à célula ovo, não podendo mais ser substituído por outro Espírito.

4ª Fase: Formação do feto

Inicia-se com a fecundação e vai até o nascimento. Trata-se do período de múltiplas divisões celulares que vão dar origem ao embrião e logo depois ao feto. O reencarnante nesta fase está criando, através de seu perispírito, um campo magnético que vai atuar como molde onde as células físicas irão se ajustando. À semelhança de uma colméia de abelhas que vai sendo paulatinamente preenchida, o corpo espiritual, como vigoroso modelo, atuará como ímã entre limalhas de ferro dando forma consistente ao futuro corpo físico.

Informa André Luiz que os primeiros 21 dias após a fecundação são de extrema importância para a formação do futuro corpo - época em que estão se formando os órgãos e sistemas - e por esse motivo, a assistência espiritual nessa fase é muito intensa. A gestante não pode afastar-se do corpo, e são proibidas as visitas. Após o 21º dia, reduz-se a vigilância espiritual, que no entanto, continua presente até o final.

5ª Fase: Adaptação à Vida

O processo encarnatório, segundo André Luiz, não se completa ao nascimento, mas apenas aos 7 anos de idade, quando ocorre a plena integração do reencarnante aos implementos físicos.

13.3 - Aspectos Psicológicos

Do Reencarnante

Informa Allan Kardec [LE - qst 339] que o momento da encarnação é seguido de um estado de perturbação mais ou menos longo. Esta perturbação, algumas vezes bastante dolorosa, tem início quando da redução do perispírito e vai prolongando-se até ao nascimento, quando o grau de inconsciência atinge o apogeu. A partir do nascimento o reencarnante vai recobrando a lucidez à medida que as células do sistema nervoso vão se amadurecendo. O grau e intensidade da perturbação depende de 3 fatores:

- a) Período de Gestação: a perturbação vai aumentando à medida que a gestação se prolonga, sendo menor no início e máxima ao término da gravidez;
- b) Evolução do Reencarnante: a reencarnação de Espíritos superiores acompanha-se de um estado de perturbação mais discreto e mais tardio. Os Espíritos mais inferiorizados, desde as primeiras horas da gestação mergulham-se em estado profundo de perturbação;
- c) Estado Emocional dos Pais: diz André Luiz que, na gestação, há uma “*enxertia mental*”. Os pensamentos dos pais, especialmente da mãe, se misturam com os pensamentos do reencarnante, havendo uma profunda troca de emoções e sensações.

Mães ansiosas, deprimidas, queixosas, podem transmitir essas vibrações para o Espírito do feto, agravando o seu sofrimento e a sua angústia. Por outro lado, mães tranquilas, calmas, otimistas, contribuem sensivelmente para o estado de equilíbrio do feto, transfundindo-lhe coragem, fé e esperança. Há registros na literatura espírita de Espíritos que abandonaram o útero materno em função da carga de emoções doentias recebidas da mãe, o que configura uma forma de aborto que André Luiz denomina de Aborto Inconsciente. Manoel Philomeno de Miranda [Temas da Vida e da Morte] informa que o reencarnante registra todos os estados familiares, todos os conflitos domésticos e isso poderá, muitas vezes, ser causa de uma infinidade de problemas emocionais ou físicos na futura criança, como enurese noturna, irritabilidade constante, insegurança, etc.

Dos Pais

Da mesma forma que o filho recebe da futura mãe os pensamentos e seus conteúdos emocionais, a mãe capta de uma forma mais evidente as vibrações emitidas pelo feto. André Luiz informa que a gestante é “*uma criatura hipnotizada a longo prazo*”, exatamente porque traz seu campo psíquico invadido pelas impressões e vibrações do reencarnante.

Funciona a mãe como um “exaustor de fluidos” e terá, conseqüentemente, uma alteração profunda em seu cosmo psíquico. Algumas se enchem de entusiasmo e bem estar. Mulheres, às vezes ansiosas, que se equilibram durante a gestação ; sentem-se bem, tranquilas, em função de uma carga emotiva sadia ou afim que está vindo do filho.

Em outras oportunidades ocorre o inverso. Durante a gravidez, a mulher torna-se deprimida, tensa, há um decréscimo da vivacidade mental, um torpor intelectual, extravagâncias. Pode ser em função de vibrações pouco sadias ou de um Espírito que foi um desafeto do passado.

O futuro pai pode também sofrer alterações em seu campo mental em função da presença de um novo Espírito em seu lar.

Às vezes, vê-se possuído de terrível ciúme e passa a encher a mulher de atenção e carinho. Outras vezes, torna-se arredio, agressivo, deprimido. São vibrações de um Espírito ligado a ele por um passado feliz ou infeliz que agora retorna para prosseguir em sua marcha evolutiva, fortalecendo a amizade, se esta já existe, e desfazendo mágoas e desentendimentos se eles ocorreram.

Bibliografia

- Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- A Gênese - Allan Kardec
- Missionários da Luz - André Luiz/Chico Xavier
- Entre a Terra e o Céu - André Luiz/Chico Xavier
- Evolução em Dois Mundos - André Luiz/Chico Xavier - Waldo Vieira
- Espírito, Perispírito e Alma - Hernani Guimarães Andrade
- Temas da Vida e da Morte - Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo Franco
- Painéis da Obsessão - Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo Franco

Capítulo 14

O Esquecimento do Passado

14.1 - Introdução

O esquecimento do passado é considerado a mais séria das objeções contra a reencarnação. Como pode o homem aproveitar da experiência adquirida em suas anteriores existências, quando não se lembra delas? Pois que, desde que lhe falta essa reminiscência, cada existência é para ele qual se fora a primeira; deste modo está sempre a recomençar... Pareceria ilógico fazer-nos expiar em uma existência faltas cometidas nas vidas passadas, de que tivéssemos perdido a lembrança.

Enfim, se o homem já viveu, pergunta-se: por que não se lembra de suas existências passadas?

14.2 - Razões do Esquecimento

Allan Kardec [LE - qst 392-399] [ESE - cap. V it 11] vai examinar essa questão.

Depois de concluir que o esquecimento do passado atesta a sabedoria de Deus, pois a lembrança de existências anteriores traria inconvenientes muito graves, o Codificador apresenta as principais razões do ponto de vista moral:

- a) A lembrança do passado traria perturbações inevitáveis às relações sociais: o Espírito renasce freqüentemente no mesmo meio em que viveu, e se encontra em relação com as mesmas pessoas a fim de reparar o mal que lhes tenha feito. Se nelas reconhecesse as mesmas que havia odiado, talvez o ódio reaparecesse. De qualquer modo, ficaria humilhado perante aquelas pessoas que tivesse ofendido.
Quantos ódios milenares são desfeitos em uma existência quando os adversários de ontem se reencontram na condição de pai e filho, de mãe e filha ou de irmãos consangüíneos? Se eles tivessem na consciência a lembrança das faltas cometidas uns contra os outros, dificilmente conseguiriam pacificar as relações. De tudo isto deduz-se que a lembrança do passado perturbaria as relações sociais e tornar-se-ia um entrave ao progresso.
- b) Pelo esquecimento do passado o homem é mais ele mesmo: livre da reminiscência de um passado importuno, o homem viverá com mais liberdade, terá maior mérito em praticar o bem, e poderá exercitar seu livre-arbítrio de forma mais ampla.
A lembrança do passado poderia humilhar o Espírito culpado levando-o a muitos processos de autodepreciação, como poderia também exaltar o orgulho dos Espíritos que tiveram um passado de destaque em qualquer área da atividade humana.
A vida terrestre é, algumas vezes, difícil de suportar; ainda mais o seria se, ao cortejo dos nossos males atuais, acrescesse a memória dos sofrimentos ou das vergonhas passadas;
- c) O esquecimento do passado arrefece o complexo de culpa, dando condições ao Espírito culpado de renovar-se psiquicamente: muitos Espíritos faltosos encontram-se em terríveis sofrimentos purgatoriais. Nas diversas esferas da erraticidade, em função de um remorso estanco, de uma culpa neurótica, sem estrutura psicológica para reparar o passado através da prática do bem e de uma atitude mental positiva.
Esquecendo o passado, ele mergulha em nova vida, onde as oportunidades de res-

sarcimento se lhe apresentarão naturalmente sem que o remorso paralisante atormente a sua consciência frágil;

- d) O esquecimento do passado é uma condição temporária: ocorre apenas durante a vida física. Voltando à vida espiritual, readquire o Espírito a lembrança do passado. Nada mais há, portanto, do que uma interrupção temporária, semelhante à que se dá na vida terrestre durante o sono.

Ao retornar à vida extrafísica, o homem vai, paulatinamente (mais ou menos rapidamente em função de sua evolução), tomando ciência de suas experiências anteriores, e então, já mais lúcido e tranqüilo, tem condições de tomar decisões sábias, preparando-se para novas batalhas.

Há, ainda, outra argumentação filosófica: por acaso o fato de não nos lembrarmos da nossa infância representa prova de que essa infância não existiu? Quantos acontecimentos vivemos, muitos deles, inclusive, perpetuados em fotografias, em filmes ou em gravações, e deles nos esquecemos completamente?

Do ponto de vista científico, as razões que explicam porque perde o Espírito as lembranças do passado são de três ordens:

1. restringimento do perispírito no processo encarnatório;
2. estado de perturbação que acompanha o Espírito reencarnante;
3. A imaturidade das células do sistema nervoso central nos primeiros anos de vida.

Esses fatores se somando fazem com que em cada nova existência o Espírito se esqueça, em seu próprio benefício das experiências pretéritas.

14.3 - Instrumentos do Presente

Se o homem esquece o passado, poder-se-ia objetar: como conduzir-se diante das provas, das opções, das situações difíceis que se lhe depararão na nova existência? Qual o caminho a seguir? Qual a atitude a tomar?

Kardec diz:

“Deus nos deu, para nos melhorarmos, justamente o que necessitamos e nos é suficiente: a voz da consciência e as tendências instintivas. O homem traz ao nascer, aquilo que adquiriu. Ele nasce exatamente como se fez. Cada existência é para ele um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi: se está sofrendo, é porque fez o mal, e suas tendências atuais indicam o que lhe resta corrigir em si mesmo. Examinando suas aptidões, seus defeitos suas inclinações inferiores ele pode inferir de seu passado e buscar elementos para reestruturar-se moral e intelectualmente. É sobre isso que ele deve concentrar toda a sua atenção, pois daquilo que foi completamente corrigido já não restam sinais.” [ESE - cap. V it 11]

Examinando sempre sua consciência, estudando atentamente o que é certo e errado ele encontrará o caminho ideal a seguir, pois cada um traz impresso em seu interior as necessidades prementes e as resoluções tomadas quando no mundo espiritual.

A estes fatores acrescentem-se dois outros: a assistência dos bons Espíritos e as lembranças advindas durante o sono.

Não é somente após a morte que o Espírito terá recordações de suas outras existências. Muitas vezes, quando Deus julga útil, permite que o Espírito durante o desdobramento natural do sono, tenha lembranças fragmentárias de outras encarnações. Mesmo que não se lembre totalmente delas ao acordar, as manterá em seu campo psíquico sobre a forma de reflexos e

condicionamentos positivos, que nos momentos de dúvida poderão auxiliá-lo a tomar as decisões corretas.

Por outro lado, todos nós, ao reencarnamos, passamos a ser assistidos por amigos espirituais que estarão ao nosso lado, sempre que necessário, velando por nós e nos inspirando nas decisões mais difíceis.

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- O que é o Espiritismo? - Allan Kardec
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec

Capítulo 15

Desencarnação: Fluido Vital e Perispírito

15.1 - A Causa da Morte

A causa da morte está na **exaustão dos órgãos**. O conceito de morte vigente hoje no meio científico internacional, é o da “ausência de atividade elétrica cerebral”. Ao lado de alguns sinais de fácil identificação, a ausência de atividade cerebral determinada pelo eletroencefalograma, confirma o diagnóstico de morte física, mesmo que o coração continue em funcionamento a custa de aparelhos específicos. Bezerra de Menezes [Entrevistas] nos diz que o eletroencefalograma é o processo através do que podemos assinalar a desencarnação.

No entanto, em muitas oportunidades, esta exaustão do corpo físico será precedida por uma deterioração do fluido vital que o animaliza.

A morte nos seres orgânicos pode ocorrer de duas formas:

O empobrecimento do tónus vital iria desarticular as células do veículo físico, surgindo daí a doença e posteriormente, a morte. Seria o processo observado como mais freqüência nas **mortes naturais**;

A destruição direta do veículo físico sem desintegração do fluido vital prévia, **mortes trágicas** (como acidentes, homicídio, suicídio)

Quadro - Mecanismo da morte

Mortes Naturais	Mortes Trágicas
⇓	⇓
Deterioração do fluido vital	Destruição do corpo físico
⇓	⇓
Exaustão do corpo físico	Desligamento do Espírito
⇓	
Desligamento do Espírito	

No primeiro caso, o corpo enfermo não estaria em condições de participar da renovação do fluido vital adulterado, o que completaria o circuito de forças enfermizas.

No segundo caso, a morte alcançaria os órgãos impregnados de fluidos vitais sadios, o que poderia criar dificuldades na readaptação do desencarnante à sua nova vida, já que o fluido vital é exclusivo dos encarnados. Nesta eventualidade (mortes trágicas), sabemos que o sofrimento que acompanha o desencarnante é diretamente proporcional à culpabilidade da vítima naquele acidente. Nos casos em que o Espírito não foi responsável (consciente ou inconsciente) pelo seu desencarne, o fluido vital restante sofreria uma “queima rápida” o que liberaria o Espírito dessas energias impróprias para a vida espiritual. Nos casos de suicídio direto ou indireto, as faixas de fluido vital estariam aderidas ao corpo espiritual do desencarnante, gerando dificuldades a sua readaptação à vida na erraticidade.

15.2 - O Desligamento

Há diferença capital entre **morrer** e **desligar-se**: a **morte** é física, mas o **desligamento** é puramente espiritual.

Dá-se o nome de desligamento espiritual ou desprendimento espiritual ao processo através do qual o Espírito desencarnante se afasta definitivamente do corpo físico que o abrigava durante a vida na Terra.

Allan Kardec ensina-nos que o corpo espiritual e o corpo físico estão aderidos uma ao outro - do ponto de vista magnético, átomo a átomo e molécula a molécula. Essa união que se estabeleceu durante a encarnação, quando o Espírito estava ainda no útero materno, é necessária ao intercâmbio indispensável que se verifica entre Espírito e corpo.

O desligamento, portanto, consiste na separação mais ou menos lenta que se verifica entre eles.

Segundo André Luiz, o desligamento, via de regra, inicia-se na porção caudal do corpo, e, em sentido ascendente, atinge a região cefálica.

Quando não mais existir nenhum ponto de contato entre perispírito e corpo físico, o desencarnante está completamente liberto da matéria; podemos dizer que o desligamento concluiu-se.

15.3 - O Fluido Vital

Fluido vital é um fluido mais ou menos grosseiro, encontrado apenas nos seres orgânicos. É o responsável pela animalização da matéria nos seres vivos.

Forma-se, como todos os fluidos espirituais, de transformações do Fluido Cósmico Universal. Durante o processo gestacional, o Espírito reencarnante irá se impregnando de determinada quantidade deste fluido, quantidade esta, proporcional ao tempo médio de vida que terá na Terra.

Esta carga de fluido vital, no entanto, poderá sofrer modificações durante a existência (para mais ou para menos). O perfeito funcionamento dos órgãos poderia renová-lo; assim como também poderia sofrer um processo de deterioração em consequência de uma vida atormentada moral e emocionalmente.

São três as principais condições onde o fluido vital terá uma participação ativa:

Animalização da Matéria: o fluido vital é a força motriz dos seres orgânicos; o elemento que dá impulsão aos órgãos, movimento e atividade à matéria organizada;

Mediunidade de Efeitos Físicos: o fluido vital é um dos constituintes do **ectoplasma**, material de que se utilizam os Espíritos nas manifestações mediúnicas de efeitos físicos. Os médiuns aptos à produção de tais fenômenos libertam essas energias com mais facilidade;

Curas Espirituais: nos processos de cura espiritual onde são utilizados energias dos encarnados, o fluido vital será o principal elemento a ser transfundido para o enfermo. Quem o possui em melhor condição pode doá-lo àquele que necessita dele e fazer retornar à saúde uma criatura doente. Nos processos de “moratória espiritual”, onde o encarnado recebe permissão para continuar na Terra por mais alguns anos, estará ele recebendo determinada carga de fluido vital, para renovar as suas reservas já combalidas.

O fluido vital no seu conjunto vai constituir o que se denomina de “duplo etérico”, “corpo vital” ou “corpo bioplásmico”.

Acredita Jorge Andréa que o fluido vital constituiria uma zona de energias bastantes densificadas, dispostas entre o perispírito e o corpo físico.

Por ocasião da morte, o corpo vital sofrerá um processo de desintegração, qual ocorre ao corpo físico.

15.4 - Desencarnação e Perispírito: Transplantes

Os transplantes de órgãos são, hoje, uma realidade indiscutível. Os diversos avanços na terapêutica médica têm permitido o prolongamento da vida física em pessoas portadoras de moléstias gravíssimas, graças ao transplante de órgãos vitais.

Muitas questões de natureza espiritual têm sido levantadas.

A presença de um órgão estranho junto ao perispírito do receptor não deveria gerar implicações negativas para ele, como a rejeição, por exemplo? Qual seria a situação daqueles Espíritos que tiveram seus órgãos doados? A retirada do órgão, estando o Espírito ligado ao corpo físico não iria lesar o seu corpo espiritual?

A Rejeição e o Perispírito do doador

A rejeição do órgão transplantado, condição verificada com relativa frequência, se deve, sob o ponto de vista espírita, a vários fatores:

Rejeição em nível físico

As células do doador são incompatíveis com a organização física do receptor. Essa incompatibilidade fará com que o sistema imunológico do doador desencadeie uma reação de defesa, através da produção de anticorpos dirigidos contra o órgão estranho.

Rejeição em nível do fluido vital

O órgão transplantado vai impregnado de fluido vital do doador e caso não haja entre ele e o fluido vital do receptor uma certa afinidade poderá observar-se uma rejeição.

Rejeição em nível perispiritual

Os órgãos transplantados estarão também impregnados dos fluidos perispirituais do doador que poderão não ter afinidade vibratória com as energias perispirituais do receptor.

Rejeição em consequência de possível influência obsessiva do doador

Essa influência poderia ser consciente quando motivada por ódio, ciúme ou qualquer outro sentimento menos digno, ou inconsciente naqueles Espíritos que, sendo excessivamente apegados à matéria, mantêm-se junto ao campo magnético do encarnado. Vale lembrar que, também nesses processos obsessivos seria respeitada a lei das sintonias.

No que se refere a possíveis lesões perispirituais no doador, sabe-se que não há reflexos traumatizantes no perispírito do doador.

O que lesa o perispírito são as atitudes incorretas perpetradas pelo indivíduo e não o que é feito a ele ou a seu corpo por outras pessoas.

André Luiz [Evolução em Dois Mundos] diz:

“Para definirmos de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar que ele não é reflexo do corpo físico, porque na realidade, é o corpo físico que reflete, tanto quanto ele próprio o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação.”

A integridade do perispírito após a morte está relacionada intimamente com a vida que o indivíduo levou e não com o tipo de morte que teve, com a destinação de seus despojos.

Acredita-se também, que o doador desencarnado, em muitas oportunidades, possa ser beneficiado pelas preces, vibrações e pelo carinho daquele que recebeu o órgão e de seus familiares.

Bibliografia

- Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- O Céu e o Inferno - Allan Kardec
- *A Gênese* - Allan Kardec
- Obreiros da Vida Eterna - André Luiz/Chico Xavier
- Painéis da Obsessão - Manoel Philomeno Miranda/Divaldo P. Franco
- Correlações Espírito-Matéria - Jorge Andréa
- Dos Híppies aos Problemas do Mundo - Chico Xavier
- Psicologia Espírita - Jorge Andréa
- Entrevistas - Chico Xavier
- Evolução em Dois Mundos - André Luiz/Chico Xavier - Waldo Vieira

Capítulo 16

O Estado de Perturbação

16.1 - Introdução

Na transição da vida corporal para a espiritual, produz-se um fenômeno de importância capital: **a perturbação**. Nesse instante a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações, de modo que quase nunca testemunha conscientemente o derradeiro momento. Apenas em poucas situações pode a alma contemplar conscientemente o desprendimento.

16.2 - Estado de Perturbação

A perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte e perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos.

Em algumas pessoas ela é de curtíssima duração, quase imperceptível, e nada tem de dolorosa - poderia ser comparada como um leve despertar.

Em outras pessoas, o estado de perturbação pode durar muitos anos, até séculos, e pode configurar um quadro de sofrimento severo, com angústia e temores acerbos.

Lembra Allan Kardec que no momento da morte tudo à princípio é confuso; a alma necessita de algum tempo para se reconhecer; sente-se como atordoada, no mesmo estado de um homem que saísse de um sono profundo e procurasse compreender a situação. A lucidez das idéias e a memória do passado voltam, lentamente, à medida que se extingue a influência da matéria e que se dissipa essa espécie de nevoeiro que lhe turva os pensamentos.

Essa perturbação pode apresentar características particulares, dependendo do caráter do indivíduo.

Muitos indivíduos não se identificam como desencarnados e continuam freqüentando os ambientes tradicionais, sem se aperceberem da morte. Outros, entram em quadro de loucura psíquica, perdendo a completa noção de tempo e de esforço com a desagregação de sua personalidade.

Alguns Espíritos mergulham em sono profundo e nesse estado ficam durante um tempo muito variável.

Um fenômeno que parece ser geral, e que ocorre neste período, é aquilo que os autores chamam de “Balanço existencial”. Os principais fatos da vida do desencarnante deslizam diante de sua mente, numa velocidade espantosa, e ele revê a si mesmo em quase todos os grandes lances de sua encarnação. André Luiz afirma que tal mecanismo automático, é de importância no processo evolutivo do Espírito, pois vai imprimir magneticamente nas células do corpo espiritual as diretrizes a que estarão sujeitas, dentro do novo ciclo de evolução em que ingressam. O estado de perturbação varia, imensamente, de pessoa para pessoa. Os fatores que vão influenciar na duração e na profundidade desse estado são:

Conhecimento do Mundo Espiritual

Os Benfeitores Espirituais informam [LE - qst 165] que o conhecimento do Espiritismo exerce uma grande influência sobre a duração maior ou menor da perturbação, pois o Espírito que tem informação precisa a respeito do mundo espiritual compreende antecipadamente a sua situação.

Léon Denis [O Problema do Ser, do Destino e da Dor] acrescenta:

“O conhecimento que nos tiver sido possível adquirir das condições da vida futura exerce grande influência em nossos últimos momentos; dá-nos mais segurança; abrevia a separação da alma.”

Idade

Os extremos da vida são os períodos da existência em que o desencarne se processa, geralmente com maior facilidade. Na criancinha, o processo encarnatório ainda não completou-se definitivamente, e no idoso, os laços que mantêm unidos o corpo espiritual ao corpo físico, estão mais frágeis, débeis, fáceis de serem rompidos.

A respeito do desencarne na infância Richard Simonetti diz:

“O desencarne na infância, mesmo em circunstâncias trágicas, é bem mais tranqüilo, porquanto nessa fase o Espírito permanece em estado de dormência e desperta lentamente para a existência espiritual. Alheio às contingências humanas ele se exime de envolvimento com vícios e paixões que tanto comprometem a experiência física e dificultam um retorno equilibrado.”

Tipo de Morte

As mortes súbitas, traumáticas acompanham-se geralmente de um estado de perturbação maior. A doença crônica, arrastada, facilita o desligamento do Espírito e a sua identificação com a vida pós-túmulo.

“Em todos os casos de morte violenta, os liames que unem o corpo ao perispírito são mais tenazes, e o desprendimento completo é mais lento.” [LE - qst 162]

“Na morte natural que se verifica pelo esgotamento da vitalidade orgânica, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem perceber; é uma lâmpada que se apaga.” [LE - qst 154]

Manoel Philomeno Miranda [Nas Fronteiras da Loucura] completa o assunto dizendo:

“Nas desencarnações violentas, o período e intensidade de desajuste espiritual correspondem à responsabilidade que envolveu o desencarnante no processo fatal. Acidentes onde o desencarnante não tem uma culpa atual, passando o brusco choque, o período perturbador tem curta duração. O mesmo não ocorre em condições de intemperança, quando o descometido passa a ser incurso na condição de suicida indireto. O mesmo sucede nos casos de homicídio, em que a culpa ou não de quem tomba responde pelos efeitos, em aflições, que prossegue experimentando.”

Atitude da Família

Léon Denis examinando a questão diz:

“No estado de perturbação, a alma tem consciência dos pensamentos que se lhe dirigem. Os pensamentos de amor e caridade, as vibrações dos corações afetuosos brilham para ela como raios na névoa que a envolve: ajudam-na a soltar-se dos últimos laços que a acorrentam à Terra, a sair da sombra em que está imersa.”

O posicionamento mental dos familiares ante o desencarne será de fundamental importância na recuperação do Espírito. Pensamentos de revolta e desespero o atingem como dardos mentais de dor e angústia, dificultando a sua recuperação.

André Luiz mostra que a atitude inconformista da família pode criar “teias de retenção”, prendendo o Espírito ao seu corpo.

Velório

O que vem a ser velório? Segundo o dicionário, é o

“Ato de velar com outros um morto; de passar a noite em claro onde se encontra exposto um morto.”

Normalmente o que se observa é que ao invés de pacificar o Espírito, hóspede do corpo morto, as pessoas, despreparadas, não levam a ele o apoio preciso, permanecendo alheias às verdades espirituais e o bombardeiam inconscientemente emitindo raios mentais desequilibrados.

Velório comumente é um ponto de encontro ou reencontro, forçado por deveres sociais e familiares onde, muitas vezes, tem gente gargalhando, bebendo, contando anedotas.

Mas o velório representa as horas que sucedem ao desencarne e que são importantes para o recém liberto. Há técnicos que se aproximam do desencarnante promovendo com recursos magnéticos, sua liberação.

Somente pessoas muito evoluídas dispensam esse concurso. O companheiro desencarnado pede, sem palavras, somente um pensamento bom. A Doutrina Espírita esclarece que se no caixão está o corpo, pode muitas vezes o Espírito estar ao lado.

Vejamos uma história que irá ilustrar o que estamos dizendo. Fato presenciado por uma médium vidente e audiente.

No velório, no meio de muita gente, uma mulher grávida; o feto pulsando no seu ventre. A médium percebeu o diálogo tranqüilo do Espírito desencarnante com o Espírito ligado do feto.

A conversa entre o que já foi - o recém-desencarnado e o que está para vir - o que vai reencarnar. Disse o Espírito ligado ao feto:

“- Quantas coroas, quanta gente, quanta saudade. Você foi realmente um homem bom.

- É... vivi bastante, respondeu o Espírito dono do corpo morto...

- Está cansado? 90 anos é tempo demais não?

- Passa depressa, e você quando vai começar?

- Em poucas semanas. Veja ali meu corpo na barriga da mamãe.

- Sente medo?

- Um pouco, não sei se vou ser forte para ser bom.

- Entendo. E infelizmente nada te posso ensinar, o seu mundo vai ser muito diferente do meu e ainda que não houvesse um século nos separando eu ainda não teria o que dizer.

- O que não entendo é porque todos estão chorando por você; veja estão fechando o caixão, as pessoas se despendem e choram mais forte.

- Elas estão chorando porque se sentem muito pequenas diante da morte e me amam e é terrível pensarem que eu estou lá dentro indo para debaixo da terra. Elas não sabem que só a embalagem está no caixão.

- É... choram quando deveriam agradecer porque sua dor acabou e vão sorrir quando eu nascer quando deveriam chorar. Não devem sorrir e sim encorajar você diante do grande desafio que é a vida.

E o desencarnante segue rumo a outras esferas e o Espírito unido ao feto continuou do lado da sua futura mãe esperando a sua hora de renascer.”

Léon Denis diz ainda:

“O cerimonial religioso, em uso, pouco auxílio e conforto dá, em geral, aos defuntos. Os assistentes dessas manifestações, na ignorância das condições de sobrevivência, ficam indiferentes e distraídos, É quase um escândalo ver a desatenção com que se assiste a uma cerimônia fúnebre. A atitude dos assistentes, a falta de recolhimento, as conversas banais trocadas durante o velório, tudo causa penosa impressão. Bem poucos dos que formam o acompanhamento pensam no defunto e consideram como dever projetar para ele um pensamento afetuoso.”

André Luiz chega a dizer, que *“felizes são os indigentes, porque são velados nas câmaras dos institutos médico-legais”*, porque o velório e o sepultamento são quase sempre, mais um motivo de sofrimento para o desencarnante.

O pensamento elevado, e sobretudo a prece sincera são de inestimável valor para o equilíbrio do desencarnante.

Allan Kardec afirma que o melhor presente que podemos dar a um ente querido que partiu é orarmos sinceramente em seu benefício:

“As preces pelos Espíritos que acabam de deixar a Terra têm por fim, não apenas proporcionar-lhes uma prova de simpatia, mas também ajudá-los a se libertarem das ligações terrenas, abreviando a perturbação que segue sempre à separação do corpo, e tornando mais calmo o seu despertar.” [ESE - cap. XXVIII it 59]

Estrutura Psicológica

Será de grande valor, na recuperação plena do desencarnante, a sua estrutura psicológica, ou seja, o controle que ele exerce sobre as suas emoções, a atitude íntima de fé e tranquilidade. O medo, a angústia, a impaciência, reduzem o padrão vibratório do desencarnante, dificultando a assistência dos Espíritos bons. A educação para “bem morrer”, pressupõe um exercício constante de autocontrole em reação as emoções e a maneira de ser, pensar e agir.

A Condição Moral

Allan Kardec assevera:

“A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, que atinge o seu máximo no homem cujas preocupações dizem respeito exclusiva e unicamente à vida e gozes materiais.

Quanto mais o Espírito estiver identificado com a matéria, mais sofrerá para separar-se dela.”

As informações vindas do Mundo Maior são unânimes em afirmar que a morte nada tem de dolorosa para o homem de bem. É, apenas, um suave despertar, junto a presença amorosa dos entes queridos que o precederam no Além.

A prática do bem e a pureza de consciências são os mais eficientes antídotos contra a perturbação que acompanha a morte e são os fatores mais decisivos na plena e tranqüila recuperação do desencarnante.

16.3 - Atitudes perante a Morte e o Morto

Uso de velas

Não tem nenhum significado para o espírita. Apenas dão à morte um aspecto mais lúgubre.

“O espírita não se prende a exterioridades.”

“Dispensar aparatos, pompas é encenações nos funerais de pessoas pelas quais se responsabilize, abolir o uso de velas e coroas, crepes e imagens.” (André Luiz)

Cremação de cadáveres

Emmanuel aconselha esperar-se 72 horas para efetuar-se a cremação, pois morrer não é libertar-se, a cessação dos movimentos do corpo nem sempre é o fim do transe.

“Aprende o bem viver e bem saberás morrer.” (Confúcio)

Viver bem para morrer bem, pois, o que seria pior? Ser consumido pelas chamas ou pelos vermes?

Choro na hora da morte

“Resignar-se ante a desencarnação inesperada do parente ou amigo, vendo nisso a manifestação da Sábia Vontade que nos comanda os destinos.”

“As lágrimas aliviam, entretanto, a atitude do espírita deve ser de compreensão e oração.”

O sepultamento

“Aproveitar a oportunidade do sepultamento para orar, ou discorrer sem afetação, quando chamado a isso, sobre a imortalidade da alma e sobre o valor da existência terrena.” (André Luiz)

Dois de novembro

Comemoração aos mortos concebido por um abade beneditino em Cluny na França há quase mil anos. A Doutrina Espírita não comporta em sua prática doutrinária a fixação de datas especiais. Para o espírita todos os dias são “dos mortos” e “dos vivos” e devem ser bem vivenciados.

Visita ao cemitério

“A visita ao túmulo proporciona mais satisfação ao Espírito do que uma prece feita em sua intenção?”

“A visita ao túmulo é uma maneira de se manifestar que se pensa no Espírito ausente, é a exteriorização desse fato. Eu já vos disse que é a prece que santifica o ato de lembrar; pouco importa o lugar, se a lembrança é ditada pelo coração.” [LE - qst 323]

O intercâmbio com os Espíritos é feito pelo pensamento e as almas dos entes amados não estão presas ao túmulo; logo que possível, se afastam dos cemitérios, tendo a considerar que pode ser até que o Espírito já tenha reencarnado.

Importa transformarmos o culto da saudade em donativos a asilos, instituições, albergues.

“A saudade somente constrói quando associada ao labor do bem.” (André Luiz)

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- O Céu e o Inferno - Allan Kardec
- O Problema do Ser, do Destino e da Dor - Leon Denis

- Quem tem Medo da Morte - Richard Simonetti
- Obreiros da Vida Eterna - André Luiz/Chico Xavier
- Quem tem medo da morte? - Richard Simonetti
- Velório - Reflexões Espíritas - Autores Diversos
- Conduta Espírita - André Luiz/Chico Xavier
- Nas Fronteiras da Loucura - Manoel Philomeno de Miranda

Capítulo 17

Morte Prematura: Crianças no Mundo Espiritual

17.1 - Causas das Mortes Prematuras

Como explicar a situação da criança, cuja vida material se interrompe? E por que esse fato ocorre? Duas indagações que surgem naturalmente ao nos depararmos com a morte na infância.

Allan Kardec [LE - qst 199] registra o pensamento dos Espíritos Superiores:

“A duração da vida da criança pode ser, para seu Espírito, o complemento de uma vida interrompida antes do tempo devido, e sua morte é freqüentemente uma prova ou uma expiação para os pais.”

Observamos pelo exposto que a morte prematura está quase sempre vinculada a erro grave de existência pretérita: almas culpadas que transgrediram a Lei geral que vige os destinos da criatura e retornam à carne para recomponem a consciência ante o deslize. São, muitas vezes, ex-suicidas (conscientes ou inconscientes) que necessitam do contato com os fluidos materializados do planeta, para refazerem a sutil estrutura eletromagnética de seu corpo espiritual.

Lembram ainda os Benfeitores que os pais estão igualmente comprometidos com a Lei de Causa e Efeito e, na maioria das vezes, foram cúmplices ou causadores indiretos da falta que gerou o sofrimento de hoje.

Emmanuel [Criança no Além - prefácio] afirma:

“Porque a desencarnação de crianças, vidas tolhidas em flor?”

“Muitos problemas observados exclusivamente do lado físico, assemelha-se a enigmas de solução impraticável; entretanto, examinados do ponto de vista da imortalidade e do burilamento progressivo da alma, reconhecer-se-á que o Espírito em evolução pode solicitar conscientemente certas experiências ou ser induzido a ela em benefício próprio.

Nas realizações terrestres, é comum a vinculação temporária de alguém a determinado serviço por tempo previamente considerado.

Há quem renasça em limitado campo de ação para trabalho uniforme em decênios de presença pessoal e há quem se transfira dessa ou daquela tarefa para outra, no curso da existência, dependendo, para isso, de quotas marcadas de tempo. Encontramos amigos que efetuam longos cursos de formação profissional em lugares distantes do recanto em que nasceram e outros que se afastam, a prazo curto, da paisagem que lhes é própria, buscando as especializações de que se observam necessitados. E depois destes empreendimentos concluídos, através de viagens que variam de tipo, segundo as escolhas que façam, ei-las de regresso aos locais de trabalho em cuja estruturação se situam.

Esta é a imagem a que recorremos para que a desencarnação de crianças seja compreendida, no plano físico, em termos de imortalidade e reencarnação.”

Casos, no entanto, existem que não estão inseridos no processo de Ação e Reação e configuram sim, ações meritórias de Espíritos missionários que renascem para viverem poucos anos em contato com a carne em função de tarefas espirituais. É o que afirma André Luiz:

“Conhecemos grandes almas que renasceram na Terra por brevíssimo prazo, simplesmente com o objetivo de acordar corações queridos para a aquisição de valores morais, recobrando, logo após o serviço levado a efeito, a expectativa apresentação que lhes era costumeira.”

17.2 - Crianças no Plano Espiritual

Com relação à posição espiritual dos Espíritos que desencarnam na infância, André Luiz informa-nos que todos eles são recolhidos em Instituições apropriadas, não se encontrando Espíritos de crianças nas regiões umbralinas.

Há inúmeras descrições espirituais de Escolas, parques, colônias e instituições diversas consagradas ao acolhimento e amparo às crianças que retornam do Planeta através da desencarnação.

Chico Xavier, analisando a situação espiritual e o grau de lucidez desses Espíritos diz:

“Os benfeitores espirituais habitualmente nos esclarecem que a criança desencarnada no Mais Além, recobra parcialmente valores da memória, quando na condição de Espírito, tenha já entesourado alta gama de conhecimentos superiores, com pouco tempo depois da desencarnação, conseguindo, por isso, formular conceitos e anotações de acordo com a maturidade intelectual adquirida com laborioso esforço.

O mesmo não acontece com o Espírito que ainda não adquiriu patrimônio de experiência mais dilatados, seja por estar nos primeiros degraus da evolução humana ou por essência de aplicação pessoal ao estudo e a observação dos acontecimentos.

Para o Espírito nesse estágio, o desenvolvimento na vida espiritual é semelhante ao que se verifica no plano físico em que o ser humano é compelido a aprender vagarosamente as lições da existência e adiantar-se gradativamente, conforme as exigências do tempo.”

André Luiz [Entre a Terra e o Céu] vai pronunciar-se da mesma forma:

“Acreditamos que o menino desencarnado retomasse, de imediato, a sua personalidade de adulto ... Em muitas situações, é o que acontece quando o Espírito já alcançou elevado estágio evolutivo.

Contudo, para a grande maioria das crianças que desencarnaram, o caminho não é o mesmo. Almas ainda encarceradas no automatismo inconsciente, acham-se relativamente longe do autogoverno. Jazem conduzidos pela Natureza, à maneira de criancinhas no colo materno. É por esse motivo que não podemos prescindir de períodos de recuperação, para que se afasta do veículo físico, na fase infantil.”

Morte Prematura - Possibilidades

- Assumir a forma da última existência
- Conservar a forma infantil que vai se desenvolvendo à semelhança do que ocorre na Terra
- Reencarnar pouco tempo depois do falecimento

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec

- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- Entre a Terra e o Céu - André Luiz/Chico Xavier
- Resgate e Amor - Tieminho/Chico Xavier
- Escola no Além - Claudia/Chico Xavier
- Crianças no Além - Marcos/Chico Xavier

Capítulo 18

Suicídio

18.1 - Introdução

O suicídio é considerado como a falta mais grave passível de ser cometida pela criatura humana. O suicida viola o instinto de conservação, força admirável da qual é dotado o princípio espiritual e que dá a ele a vontade e a obstinação de lutar pela sua sobrevivência.

Embora seja um crime de conseqüências tão funestas, e combatido por todos as religiões, seus índices têm crescido de forma significativa, especialmente nos países desenvolvidos e nas classes mais bem favorecidas economicamente.

18.2 - Causas

Várias condições são anotadas como responsáveis pelas diversas causas de autocídio: dificuldades econômicas, perda de ente querido, frustração amorosa, complexo de culpa, viciações múltiplas, etc.

Allan Kardec, sintetizando a questão, afirma que

“se excetuarmos os que se verificam por força da embriaguez e da loucura, é certo que, sejam quais forem os motivos particulares, a causa geral é sempre o descontentamento.”

Joanna de Ângelis [Após a Tempestade] completando o tema diz que a base real do autocídio está no orgulho ferido. O suicida é uma alma extremamente orgulhosa que, ante o descontentamento, prefere a morte ao esforço nobre para superação do obstáculo ou da frustração. Lembra Joanna, que a vontade do suicida é

“destruir Deus, mas como isso não é possível, ele destrói a si mesmo que é a mais sublime criação de Deus.”

18.3 - Conseqüências

Allan Kardec [LE - qst 957] diz:

“As conseqüências do suicídio são as mais diversas. Não há penalidades fixadas e em todos os casos, elas são sempre relativas às causas que o produziram. Mas uma conseqüência a que o suicida não pode escapar é o desapontamento. De resto, a sorte não é a mesma para todos, dependendo das circunstâncias. Alguns expiam sua falta imediatamente, outros numa nova existência que será pior do que aquela cuja curso interromperam.

Há, porém, as conseqüências que são comuns a todos os casos de morte violenta; as que decorrem da interrupção brusca da vida. Observa-se a persistência mais prolongada e mais tenaz do laço que liga o Espírito ao corpo, porque este laço está quase sempre em todo o vigor no momento em que foi rompido. Na morte natural ele enfraquece gradualmente e, às vezes, se desata antes mesmo da extinção completa da vida. As conseqüências desse estado de coisas são o prolongamento do estado de perturba-

ção, seguido da ilusão que, durante um tempo mais ou menos longo, faz o Espírito acreditar que ainda se encontra no número dos vivos.

A afinidade que persiste entre o Espírito e o corpo produz, em alguns suicidas, uma espécie de recuperação do estado do corpo sobre o Espírito, que assim se ressentido dos efeitos da decomposição, experimentando uma sensação cheia de angústias e de horror. Este estado pode persistir tão longamente quanto tivesse de durar a vida que foi interrompida.

Em alguns casos, o suicida não se livra das conseqüências da sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia essa falta, de outra maneira. É assim, que certos Espíritos que haviam sido muito infelizes na Terra, disseram haver se suicidado na existência precedente e estar voluntariamente submetidos a novas provas, tentando suportá-las com mais resignação.”

De forma didática, podemos separar em três fases o processo de reparação do suicídio:

1ª Fase - Expição na Erraticidade: Corresponde ao sofrimento do suicida no mundo espiritual logo após o seu desencarne.

2ª Fase - Reencarnação Compulsória: Consiste na existência corporal que segue àquela onde ele cometeu o suicídio. Geralmente é de curta duração, objetivando recompor o corpo espiritual lesado.

3ª Fase - Reencarnação como Teste: Trata-se de uma nova existência física onde o Espírito faltoso vai deparar-se com a mesma condição frustrante que o levou ao suicídio no passado para superá-la e, assim, concluir o resgate do erro.

18.4 - Agravantes e Atenuantes

Não existem duas faltas iguais.

Uma série de circunstâncias, agravantes ou atenuantes, vão estar relacionadas ao ato de auto-extermínio, como por exemplo, o tipo de suicídio, sua motivação básica, a presença ou não de distúrbios psíquicos ou obsessão.

Algumas observações de Kardec:

“O suicídio mais severamente punido é aquele que é o resultado do desespero, que visa a redenção das misérias terrenas.”

“Não se pode chamar de suicida aquele que devidamente se expõe à morte para salvar o seu semelhante.”

“O louco que se mata não sabe o que faz.”

“As mulheres que, em certos países, voluntariamente se matam sobre os corpos de seus maridos, obedecem a um preconceito e geralmente o fazem mais pela força do que pela própria vontade. Acreditam cumprir um dever, o que não é característica do suicídio.”

18.5 - Papel do Espiritismo

A religião, a moral e todos os filósofos condenam o suicídio como contrário à Lei Natural, mas estava reservado ao Espiritismo demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é apenas uma falta, uma infração a uma moral, consideração que pouco importa para certos indivíduos, mas um fato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica, pelo

contrário piora e em muito sua situação espiritual. Em [ESE - cap. V it 14-16] encontramos o seguinte pensamento:

“A calma e a resignação adquiridas na maneira de encarar a vida terrena, e a fé no futuro, dão ao Espírito uma serenidade que é o melhor preservativo da loucura e do suicídio. Com efeito, a maior parte dos casos de loucura é provocada pelas vicissitudes que o homem não tem forças de suportar. O mesmo se dá com o suicídio. Se excetuarmos os que se verificam por força da embriaguez e da loucura, é certo que, sejam quais forem os motivos particulares, a causa geral é sempre o descontentamento. Ora, aquele que está certo de ser infeliz apenas um dia, e de se encontrar melhor nos dias seguintes, facilmente adquire paciência. Ele só se desespera se não vir um termo para o seu sofrimento. E o que é a vida humana, em relação à eternidade, senão bem menos que um dia?

O espírita tem, portanto, para opor a idéia do suicídio, muitas razões: a certeza de que sobrevivendo sua vida, chega a um resultado inteiramente contrário ao que esperava. Por isso o número de suicídios que o Espiritismo impede é considerável, e podemos concluir que quando todos forem espíritas não haverá mais suicídios conscientes.”

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- O Céu e o Inferno - Allan Kardec
- Memórias de um Suicida - Yvonne Pereira.
- Após a Tempestade - Joanna de Ângelis/Divaldo Franco

Capítulo 19

Diferentes categorias de mundos habitados

19.1 - Introdução

A existência de vida em outros mundos do universo é um dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita.

Allan Kardec [Le-qst 55] afirma:

“Deus povoou os mundos de seres vivos e todos concorrem para o objetivo final da Providência. Acreditar que os seres vivos estejam limitados apenas ao ponto que habitamos no universo, seria por em dúvida a sabedoria de Deus, que nada fez de inútil e deve ter destinado esses mundos a um fim mais sério do que o de alegrar os nossos olhos. Nada, aliás, nem na posição, no volume ou na constituição física da Terra, pode razoavelmente levar-nos à suposição de que ela tenha o privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes.”

Ao afirmar, no entanto, que todos os globos que circulam no espaço são habitados, os Espíritos superiores não estão declarando que se trata de vida orgânica, física, à semelhança da Terra. Sabemos que muitos orbes não estão constituídos por uma população de almas encarnadas, mais sim, por Espíritos errantes, aguardando o momento de uma nova encarnação.

Kardec denomina de **Mundos Transitórios** a estes globos desprovidos de vida orgânica, mas habitados por entidades desencarnadas.

Segundo o Codificador, esses mundos transitórios estão despovoados momentaneamente, significando que poderão ser habitados no futuro ou já foram povoados no passado.

Com relação à constituição física dos diferentes globos, os benfeitores afirmam que eles absolutamente não se assemelham, pois os seres têm organizações distintas, como *“os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar”*.

19.2 - Diferentes Mundos

Kardec [ESE - cap. III] apresenta uma classificação didática dos diferentes mundos:

Mundos Primitivos

São aqueles onde se verificam as primeiras encarnações da alma humana. São ainda inferiores a Terra, tanto moral quanto intelectualmente.

Mundos de Expição e Prova

Correspondem a mundos em que ainda predomina o mal. A superioridade da inteligência, num grande número de seus habitantes, indica que eles não são um mundo primitivo. Suas qualidades inatas são a prova de que os Espíritos ali encarnados já realizaram um certo progresso, mas também os numerosos vícios a que se inclinam são o indício de uma grande imperfeição moral.

A Terra nos oferece um dos tipos de mundos expiatórios, em que as variedades são infinitas, mas têm por caráter comum servir como meio de expiação aos erros do passado e apresentar provas para o futuro, onde, através das dificuldades, da luta, enfim, contra as más inclinações os Espíritos ali vinculados poderão alçar-se a globos menos materializados.

Mundos de Regeneração

Os mundos de regeneração servem de transição entre os mundos de expiação e os felizes. A alma que busca uma evolução consciente, neles encontram a paz, o descanso, e os elementos para avançarem.

Nesses mundos o homem ainda está sujeito às leis que regem a matéria. A humanidade ainda experimenta as nossas sensações e os nossos desejos, mas está isenta das paixões desordenadas que nos escravizam; Neles não há mais orgulho que emudece o coração, inveja que o tortura e ódio que o asfixia.

Nesses mundos, contudo, ainda não existe a perfeita felicidade, mas a aurora da felicidade. Os Espíritos vinculados a eles necessitam muito evoluir, em bondade e em inteligência.

Mundos Felizes

São aquele onde o bem supera o mal. Kardec mostra-nos algumas características desses mundos:

- a matéria é menos densa, o homem já não se arrasta penosamente pelo solo, suas necessidades físicas são menos grosseiras, e os seres vivos não mais se matam para se alimentarem;
- o Espírito é mais livre, tem percepções que desconhecemos, e a mediunidade intuitiva é bem mais evidente do que entre nós;
- a intuição do futuro e a segurança que lhes dá uma consciência tranqüila e isenta de remorsos fazem que a morte não lhes cause nenhuma apreensão;
- a duração da vida é bem maior, pois o corpo está menos sujeito às vicissitudes da matéria grosseira;
- a infância existe, mas é mais curta e menos ingênua;
- a autoridade é sempre respeitada, porque decorre unicamente do mérito e se exerce sempre com justiça;
- a reencarnação é quase imediata, pois a matéria corpórea sendo menos grosseira, o Espírito encarnado goza de quase todas as faculdades do Espírito;
- a lembrança das existências corpóreas é mais precisa;
- as plantas e os animais são mais perfeitos, sendo os animais mais adiantados do que na Terra.

Mundos Celestes ou Divinos

Morada dos Espíritos purificados, onde o bem reina sem mistura.

19.3 - Encarnação nos Diferentes Mundos

A encarnação nos diferentes mundos obedece a um critério de progresso moral.

Quando em um mundo, os Espíritos não realizado a soma de progresso que o estado desse mundo comporta, deixam-no para encarnar em outro mais adiantado, onde adquirem novos conhecimentos.

Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham a ele presos indefinidamente.

O Espírito elevado é destinado a renascer em planetas mais bem dotados que o nosso. A escala grandiosa dos mundos tem inúmeros graus, dispostos para a ascensão progressiva das almas, que os devem transpor, cada um por sua vez.

A encarnação em mundo inferior àquele em que o Espírito viveu em sua última existência pode ocorrer em dois casos:

- em missão, com o objetivo de auxiliar o progresso;
- em expiação, para aqueles Espíritos renitentes no mal. Pode ser degredados para mundos inferiores, para que, através do sofrimento e das dificuldades, eles se reeduquem.

19.4 - A Transformação da Terra

Informam, os Espíritos superiores, que são chegados os tempos marcados pela Divindade, em que grandes acontecimentos se vão dar para regeneração da humanidade.

O nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Progride fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõe e, moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam.

De duas maneiras se executa esse duplo progresso: uma lenta, gradual e insensível; a outra caracterizada por mudanças bruscas, a cada uma das quais corresponde um movimento ascensional mais rápido, que assinala os períodos progressivos da humanidade.

Estamos vivendo, hoje, uma dessas mudanças bruscas, em que o orbe terráqueo vai sofrer profundas transformações quanto às populações de Espíritos vinculadas a ele, pois, informam-nos os diversos autores espíritas que, no próximo milênio, a Terra vai deixar de ser um Mundo de Provas e Expiações e alçar-se-á a categoria de Mundo de Regeneração.

Esta transformação admirável do planeta, conseqüência mesmo da força das coisas, foi predita em várias passagens do Evangelho. Sob forma figurada, às vezes com expressões duras, os evangelistas e os apóstolos puderam pressentir que esse momento não lhes estava longe.

“O meu reino ainda não é deste mundo.”(Jesus)

“Bem aventurados os mansos porque herdarão a Terra...”(Jesus)

“Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.” (João Batista)

“Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão avarentos, egoístas, arrogantes, etc., todavia eles não irão avante” (Paulo à Timóteo)

Assevera, Allan Kardec “*que aqueles que esperarem ver as transformações por efeitos maravilhosos, serão decepcionados*”, porque esse processo de evolução espiritual do planeta, vai desenrolar-se sem cataclismos, sem traumas físicos, sem abalos ou comoções no orbe. Não haverá guerras exterminadoras, flagelos gravíssimos, epidemias cruéis, grandes desastres ecológicos. A transformação é puramente espiritual e vai desenvolver-se paulatinamente.

Kardec ensina:

“Uma mudança tão radical como a que se elabora não pode realizar-se sem comoção: haja luta inevitável entre as idéias. É pois da luta das idéias que surgirão os graves acontecimentos anunciados, e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais eram a conseqüência do estado de formação da Terra, hoje não são as entranhas do globo que se agitam, são as humanidades. A geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que nada seja mudado na ordem material das coisas.”

Segundo Kardec, o que ocorrerá é uma seleção de Espíritos: Espíritos endurecidos no mal, recalcitrantes no erro, insensíveis ao convite para a renovação moral não mais se reencarnarão no globo, sendo degredados para mundos inferiores. Por outro lado, a Terra estará recebendo Espíritos sensíveis, conscientes da necessidade de se esforçarem na conquista do

bem comum. Este processo segundo os benfeitores, deverá concretizar-se durante o terceiro milênio.

Lembra ainda o Codificador que

“A regeneração da humanidade, não exige absolutamente a renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais. Essa modificação se opera em todos quantos lhe estão predispostos, desde que sejam subtraídos à influência perniciosa do mundo. Assim, nem sempre os que encarnarem serão outros Espíritos; são com freqüência os mesmos Espíritos, mas pensando e sentido de outra maneira.

Uma comparação vulgar ainda melhor fará compreender o que se passa nessa circunstância. Figuremos um regimento composto na sua maioria de homens turbulentos e indisciplinados, os quais ocasionarão nele constantes desordens. Esses homens são os mais fortes, porque mais numerosos do que os outros. Eles se amparam, animam e estimulam pelo exemplo; os poucos bons nenhuma influência exercem; seus conselhos são desprezados; sofrem com a companhia dos outros, que os achincalham e maltratam.

Suponhamos que esses homens são retirados um a um, dez a dez, cem a cem do regimento e substituídos, mesmo por alguns dos que, já tendo sido expulsos se corrigiram. Ao cabo de algum tempo, existirá o mesmo regimento, mas transformado. A boa ordem terá sucedido à desordem.”

Sinais sugestivos de transformação da Terra

- Fundação de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras
- Leis penais impregnadas de sentimentos mais humanos
- Enfraquecimento dos preconceitos
- Supressão de barreiras que separam os povos
- Repulsão às idéias materialistas

Esboço histórico da Terra

Mundo Primitivo	Há 4,5 bilhões de anos	Formação da Terra
	Há 2 bilhões de anos	Aparecimento da vida
Mundo de expiação e provas	Há 200 mil anos	Conquista da razão
	???	Chegada dos Capelinos
	Ano 0	Vinda de Jesus
	Fim do 2º milênio	Fase de transição
Mundo de Regeneração	3º milênio	Terra transformada

19.5 - O Papel do Brasil

O Brasil, segundo informam os benfeitores espirituais, especialmente Humberto de Campos [Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho], foi o país determinado por Jesus para sustentar espiritualmente essa transformação. Será o berço moral da humanidade; a base educativa para todos os povos. O cristianismo redivivo através do Espiritismo, partirá do Brasil em direção aos outros povos convidando-os a “permanecerem” na Terra através da reformulação interior.

As evidências dessa tarefa espiritual estão nos próprios fatos relacionados ao movimento espírita brasileiro: o Brasil é o maior país espírita do mundo, onde as idéias espíritas são aceitas com maior tranquilidade (75% dos brasileiros se dizem reencarnacionistas; mais ainda acreditam na comunicação dos Espíritos); onde se concentra o maior número de aparelhos mediúnicos do globo; e o mais importante, onde o Espiritismo é mais cristão, com a mediunidade amplamente gratuita, e com o centro de seus interesses na prática do bem, na caridade em sua feição mais pura.

Fortalecendo, em nosso país, a mensagem renovadora do Espiritismo, estaremos dando passos seguros no sentido de que o processo de transformação da Terra desenvolva-se o mais rapidamente possível, fazendo com que a paz, a concórdia e a solidariedade estabeleçam raízes entre nós.

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- A Gênese - Allan Kardec
- Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho – Humberto de Campos

Capítulo 20

Lei natural e Lei de Adoração

20.1 - Conhecimento e divisão da Lei Natural

20.1.1 - Introdução

Devemos entender por lei natural, ou lei divina, o conjunto de princípios eternos, imutáveis e perfeitos que governam o Universo, funcionando automaticamente. São as chamadas “leis da Natureza” e exprimem a vontade do Criador para a criação. Como estas leis provêm de Deus, trazem consigo as características ou atributos do próprio Deus, ou seja, são leis perfeitas, eternas e imutáveis.

Ensinam os Espíritos [LE - qst 614] que a lei natural é a única necessária à felicidade do homem, indicando-lhe o que deve fazer e o que deve evitar. A infelicidade surge sempre como uma consequência do seu afastamento da lei.

Entre as leis naturais algumas estão relacionadas ao mundo material, à constituição e às propriedades da matéria, tais como a lei de gravitação, leis da eletricidade, leis da genética, a estrutura dos átomos, etc. Outras se relacionam mais ao homem, como Espírito, e as suas relações com Deus e com seus semelhantes; são as chamadas leis morais.

O objetivo das leis divinas é levar o Homem à perfeição, através do desenvolvimento da sua inteligência e da sua moralidade. A legislação humana é um pálido reflexo das leis divinas, variando de povo para povo através dos tempos, segundo o grau de evolução alcançado pelos homens. Conforme cresce o conhecimento das leis divinas, o homem evolui e aperfeiçoa suas próprias leis.

20.1.2 - O Conhecimento da Lei Natural

Embora a lei de Deus esteja escrita na consciência do homem como a assinatura de um artista em sua obra, na comparação de Herculano Pires, foi necessário, ao longo dos séculos, que Espíritos Superiores recebessem a missão de revelá-las gradativamente aos homens.

Tais Espíritos podem ser reconhecidos em todos os tempos por suas palavras e suas ações. Dentre todos destaca-se Jesus, que segundo Allan Kardec, é o tipo de perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Jesus é o mais perfeito modelo que o homem possui e a sua doutrina é a mais pura expressão da lei de Deus.

Os Espíritos que hoje retornam através do Espiritismo, não têm outra missão senão a de desenvolver e explicar os ensinamentos de Jesus, retirando toda a alegoria e tornando-os inteligíveis para todos, ampliando o conhecimento que o homem tem das leis naturais. Assim a mensagem espírita deve ser clara e sem equívocos, não dando margens a interpretações pessoais, permitindo que cada um possa julgá-la e apreciá-la de acordo com a sua capacidade de compreensão. A verdade, então, a expressar-se nas leis divinas, vai sendo revelada aos poucos, conforme é assimilada, compreendida e praticada pelos homens.

O conhecimento das leis naturais permite ao homem entender melhor o significado da moral, como distinção entre o bem e o mal. O bem pode ser compreendido como tudo aquilo que está de acordo com a lei de Deus, enquanto mal é tudo aquilo que dela se afasta.

A prática do bem surge então como condição essencial para o crescimento espiritual, para o desenvolvimento evolutivo de todos os homens. Fazer o bem no limite de nossas possibilidades, ser útil aos semelhantes sempre que possível, renunciar ao egoísmo e ao mal, resistir

aos vícios e superar as dificuldades significa acima de tudo demonstrar uma compreensão melhor da vida e das leis que a regem.

20.1.3 - Divisão da Lei Natural

Uma vez que a lei natural está relacionada com todas as circunstâncias da vida, Allan Kardec vai propor uma divisão, a fim de que ela possa ser mais bem estudada e compreendida: a adoração, o trabalho, a reprodução, a conservação, a destruição, a sociedade, o progresso, a igualdade, a liberdade, a justiça, amor e caridade.

20.2 - Lei de Adoração

20.2.1 - Finalidade da Adoração

A concepção da paternidade divina traz benefícios enormes ao Espírito. Vindo de Deus, todas as almas são irmãs; todos os filhos da raça humana são unidos por laços estreitos de paternidade e solidariedade.

Em decorrência desses conhecimentos passa-se a entender e a justificar a relação que os homens devem ter para com o seu Criador.

Adoração, consiste na elevação do pensamento a Deus.

Pela adoração o homem aproxima dele a sua alma.

A adoração está na Lei Natural pois resulta de um sentimento inato no homem. Por essa razão é que existe entre todos os povos, se bem que de forma diferente.

Ensina-nos a Doutrina Espírita que a adoração dispensa aparatos exteriores.

A verdadeira adoração é a do coração, aquela que parte do homem e se dirige a Deus no recanto de sua consciência, sem cerimônias e rituais religiosos.

20.2.2 - Vida Contemplativa

Como conseqüência do ato de adoração, muitos homens se afastam do mundo, vivendo isolados em vida contemplativa.

Nenhum mérito traz a vida contemplativa porque, se é certo que não fazem o mal, também o é que não fazem o bem e são inúteis. Demais, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que o homem pense nele, mas não quer que só nele pensem, pois que lhe impõe deveres a cumprir na Terra. Quem passa todo o tempo na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque vive uma vida toda pessoal e inútil à Humanidade.

Disseram os Benfeitores a Kardec [LE - qst 673]:

“Amparar os pobres e os aflitos é o melhor meio de homenagear a Deus.”

20.2.3 - Sacrifícios

A palavra sacrifício, etimologicamente, tem o sentido de “fazer alguma coisa sagrada.”

No sentido primitivo e unicamente religioso, representa uma oferenda que se faz à divindade, através de rituais. A oferenda pode ser representada por uma pessoa ou animal vivo, ou ainda produtos de colheita vegetal ou outros objetos.

É importante que se faça uma diferença entre os conceitos religiosos que se tem do termo e a sua concepção social ou popular. Assim, no aspecto religioso, além da característica do ritual, subentende-se que o sacrifício será consumido pela divindade. O fato de alguém exercer tarefas que certas religiões exigem dos adeptos, como por exemplo, o pagamento do dízimo, não são sacrifícios, mas regras da prática religiosas.

Raramente é usado em ciências sociais no seu significado popular de renúncia de qualquer coisa de valor em favor de qualquer autoridade superior ou objeto de respeito ou dever. O propósito declarado do sacrifício varia muito entre as diferentes culturas.

Por extensão, o sacrifício pode ser considerado como uma renúncia ou privação voluntária de alguma coisa. Neste sentido, o Espiritismo esclarece-nos que as privações voluntárias meritórias seriam representadas pela

“privação dos gozos inúteis, porque desprende da matéria o homem e lhe eleva a alma. Meritório é resistir à tentação que arrasta ao excesso ou ao gozo das coisas inúteis; é o homem tirar do que lhe é necessário para dar aos que carecem do bastante.”

Portanto, para a Doutrina Espírita, fazer o bem aos nossos semelhantes é o maior mérito que as privações voluntárias podem proporcionar.

20.2.4 - A Prece e Sua Eficácia

“Há quem conteste a eficácia da prece, com fundamento no princípio de que, conhecendo Deus as nossas necessidades, inútil se torna expô-las.” [ESE - cap. XXVII it 6]

Este argumento não oferece muita lógica porque, independente de Deus conhecer as nossas necessidades, a prece proporciona, a quem ora, um bem-estar incalculável já que aproxima a criatura do seu Criador.

Não existe qualquer fórmula para orar.

“O Espiritismo reconhece como boas as preces de todos os cultos, quando ditas de coração e não de lábios somente.” [ESE - cap. XXVIII it 1]

A qualidade principal da prece é ser clara, simples e concisa. Pode ter por objeto um pedido, um agradecimento, ou uma glorificação. As preces feitas a Deus escutam-nas os Espíritos incumbidos da execução de suas vontades.

“Pela prece, obtém o homem o concurso dos bons Espíritos que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe idéias sãs. Ele adquire, desse modo, a força moral necessária a vencer as dificuldades e a volver ao caminho reto, se deste se afastou. Por esse meio, pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas.” [ESE - cap. XXVII it 11]

Quando Jesus nos disse: *“tudo o que pedirdes com fé, em oração, vós o recebereis”* [Mateus-XXI:22] revelou-nos que o ato de orar é algo muito profundo do que se pode observar à primeira vista. Desta máxima: *“concedido vos será o que quer que pedirdes pela prece”*, fora ilógico deduzir que basta pedir para obter e fora injusto acusar a Providência se não acede a toda súplica que se lhe faça, uma vez que ela sabe, melhor do que nós, o que é para o nosso bem.

“O que o homem não deve esquecer, em todos os sentidos e circunstâncias da vida, é a prece do trabalho e da declaração, no santuário de lutas purificadoras, porque Jesus abençoará as suas realizações de esforço sincero.”

É importante, pois, aprender a orar e a entender as respostas do Alto às nossas súplicas.

“Entre o pedido terrestre e o Suprimento Divino, é imperioso funcione a alavanca da vontade humana, com decisão e firmeza, para que se efetive o auxílio solicitado”

“Em verdade, todos nós podemos endereçar a Deus, em qualquer parte e em qualquer tempo, as mais variadas preces; no entanto, nós todos precisamos cultivar paciência e humildade, para esperar e compreender as respostas de Deus.”

Características da Prece

- É clara, simples, espontânea e breve;
- Está acompanhada de sentimento de humildade e sinceridade;
- Dispensa aparatos exteriores;
- Independe de local, hora, atitude física e gestos.

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- Entre a Terra e o Céu - André Luiz / Chico Xavier

Capítulo 21

Lei do Trabalho

21.1 - Necessidade do Trabalho

Genericamente, o vocábulo trabalho pode ser definido como: “ocupação em alguma obra ou ministério; exercício material ou intelectual para fazer ou conseguir alguma coisa.”

O trabalho, porém, é lei da Natureza mediante a qual o homem forja o próprio progresso desenvolvendo as possibilidades do meio ambiente em que se situa, ampliando os recursos de preservação da vida, por meio das suas necessidades imediatas na comunidade social onde vive.

O trabalho, no entanto, não se restringe apenas a esforço de ordem material, física, mas, também intelectual, pelo labor desenvolvido, objetivando as manifestações da Cultura, do Conhecimento, da Arte, da Ciência, por isso foi definido por Allan Kardec como sendo “toda ocupação útil.”

Mediante o trabalho remunerado o homem modifica o meio, transforma o “habitat”, cria condições de conforto. Através do trabalho-abnegação, do qual não decorre troca nem permuta de remuneração, ele se modifica a si mesmo, crescendo no sentido moral e espiritual. Por um processo ele se desenvolve na horizontal e se melhora exteriormente; pelo outro, ascende no sentido da vida transformando-se de dentro para fora.

Utilizando-se do primeiro recurso, conquista simpatia e respeito, gratidão e amizade. Através da autoadoção consegue superar-se, revelando-se instrumento de Misericórdia Divina na construção da felicidade de todos.

Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância quanto à inteligência. Por isso que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Ao extremamente fraco de corpo outorgou Deus a inteligência em compensação. Mas é sempre um trabalho.

O trabalho é, ao lado da oração, o mais eficiente antídoto contra o mal, porquanto conquista valores incalculáveis com que o espírito corrige as imperfeições e disciplina a vontade. O momento perigoso para o cristão decidido é o ócio, não o do sofrimento, nem o da luta áspera. Na ociosidade surge e cresce o mal. Na dor e na tarefa fulguram a luz da oração e a chama da fé.

A natureza do trabalho não é a mesma nos mundos evoluídos e nos inferiores, pois está em relação com a natureza das necessidades. Quanto menos materiais são estas, menos material é o trabalho. Mas não devemos deduzir que o homem se conserve inativo e inútil. A ociosidade seria um suplício em vez de ser um benefício.

Nos mundos primitivos os seus habitantes são mais rudimentares. A força bruta é, entre eles, a única lei. Carentes de indústrias e de invenções, passam a vida na conquista de alimentos.

Nos mundos que chegaram a um grau superior, as condições da vida moral e material são muitíssimo diversas das vidas da Terra.

Entretanto, os mundos felizes não são obras privilegiadas, visto que Deus não é parcial para qualquer dos seus filhos; todos são acessíveis às mais altas categorias: apenas lhes cumpre a eles conquistá-las pelo seu trabalho, alcançá-las mais depressa ou permanecer inativos por séculos de séculos no lodaçal da Humanidade.

Objetivos do Trabalho:

- Aspecto Material - Manutenção da Vida Física
- Aspecto Espiritual: - Desenvolvimento da Inteligência

21.2 - Limite do Trabalho - Repouso

Assim como o trabalho, o repouso também é uma Lei da Natureza.

Afirmam os Benfeitores [LE - qst 682] que

“o repouso serve para reparar as forças do corpo e é também necessário para deixar um pouco mais de liberdade à inteligência que deve elevar-se acima da matéria.”

Lembram ainda os Protetores de Kardec, que o limite do trabalho é o limite das forças, portanto, deve o homem, sempre que possível, mobilizar recursos no sentido de tornar-se útil à comunidade em que está inserido.

O conceito de aposentadoria, segundo o Espiritismo é puramente físico. O homem só estará dispensado da necessidade do trabalho quando não mais possuir forças para isto em função da idade ou de enfermidades.

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- Estudos Espíritas - Joanna de Ângelis/Divaldo Franco
- A Constituição Divina - Richard Simonetti

Capítulo 22

Lei de Reprodução: Casamento E Divórcio

22.1 - Monogamia e Poligamia

Ao indagar aos Benfeitores se a união permanente de dois seres seria contrária à Lei Natural [LE - qst 695], Kardec ouviu deles a seguinte resposta:

“Não. A união de dois seres é um progresso na marcha da Humanidade.”

E acrescentam [LE - qst 701]:

“Na poligamia nada mais há que sensualidade.”

Allan Kardec, examinando a resposta dos Guias espirituais, vai lembrar que a abolição do casamento seria um retorno à infância da Humanidade, à vida dos animais, porque a monogamia é um sinal indicativo do progresso da civilização.

As principais funções do casamento são:

- **Formação do lar:** através do casamento haverá a formação do grupo familiar, permitindo que novos Espíritos mergulhem nos fluidos do planeta, para avançarem em sua feira evolutiva. A poligamia permitiria a reprodução, mas sem estrutura do lar, indispensável ao crescimento espiritual da criatura.
- **Permuta afetiva:** a instituição do casamento vai tornar harmônica e sadia a relação entre os casais, permitindo a troca de valores energéticos, através da permuta de vibrações simpáticas.
- **Aprimoramento sexual:** o casamento é um dos elementos mais efetivos no burilamento do instinto sexual. Com o passar dos anos, haverá um natural arrefecimento do interesse sexual entre os cônjuges, e eles estarão aprendendo a se alimentarem do afeto do parceiro através de métodos mais espiritualizados. Aprende, igualmente, o casal a conduzir a sua energia erótica para outras atividades, sublimando a sua função hedonista.

22.2 - Tipos de Casamento

Martins Peralva [Estudando a Mediunidade] apresenta uma divisão didática dos diferentes tipos de casamento em 5 tipos distintos:

- **Afins:** São aqueles formados por parceiros simpáticos, afins, onde há uma verdadeira afeição da alma. Geralmente, eles sobrevivem à morte do corpo e mantêm-se em encarnações diversas. Pouco comuns na Terra.
- **Transcendentais:** São casamentos afins entre almas enobrecidas, que juntas, vão dedicar-se a obras de grande valor para a Humanidade.
- **Provacionais:** São uniões entre almas mutuamente comprometidas, que estão juntas para pacificarem as consciências ante erros graves perpetrados no passado e simultaneamente desenvolverem os valores da paciência, da tolerância e da resignação. São os mais comuns.
- **Sacrificiais:** São aqueles que se caracterizam por uma grande diferença evolutiva entre os cônjuges. Um Espírito de mais alta envergadura que aceita o consórcio com outro menos adiantado para ajudá-lo em seu progresso espiritual.
- **Acidentais:** São os casamentos que não foram programados no mundo espiritual. Obedecem apenas à afeição física, sem raízes na afetividade sincera.

22.3 - O Divórcio

A posição espírita ante o divórcio está plenamente estabelecida nas duas obras mais conhecidas da codificação espírita: [*O Livro dos Espíritos*] e [*O Evangelho Segundo o Espiritismo*].

Em [LE - qst 697] Kardec pergunta se a indissolubilidade do casamento pertence a Lei de Deus ou se é apenas uma lei humana. Os Espíritos responderam:

“A indissolubilidade do casamento é uma lei humana muito contrária a lei natural.”

Quando Kardec [LE - qst 940] examina as uniões infelizes, os Benfeitores voltam a insistir e dizem:

“As vossas leis nesse particular são erradas, pois acreditais que Deus vos obriga a viver com aqueles que vos desagradam.”

Em [ESE - cap. XXII] Kardec comenta:

“O divórcio é uma lei humana cuja finalidade é separar legalmente o que já está separado de fato. Não é contrária a Lei Natural, pois só virá reformar o que os homens já fizeram.”

A posição de Kardec deixa-nos serenos para afirmar que o Espiritismo não é contrário à instituição do divórcio, embora não venha a estimulá-lo, nem tampouco incitá-lo nos casais com problemas de relacionamento .

A este respeito, apresentamos algumas opiniões importantes:

Evolução em Dois Mundos - André Luiz/Chico Xavier:

Quanto ao divórcio, somos de parecer que não deva ser facilitado ou estimulado entre os homens, porque não existem na Terra uniões conjugais, legalizadas ou não, sem vínculos graves no princípio da responsabilidade assumida em comum.

Mal saídos do regime poligâmico, os homens e as mulheres sofrem-lhe ainda as sugestões animalizantes e, por isso mesmo, nas primeiras dificuldades da tarefa a que foram chamados, costumam desertar-se dos postos de serviço em que a vida os situa, alegando imaginárias incompatibilidades e supostos embaraços, quase sempre atribuíveis ao desregrado narcisismo de que são portadores.

Após a Tempestade - Joanna de Ângelis - Divaldo Franco:

Imprescindível que, antes da atitude definitiva para o divórcio, tudo se envide em prol da reconciliação, ainda mais considerando quanto os filhos, que merecem que os pais se imponham em uma união respeitável, de cujo esforço muito dependerá a felicidade deles. Na dissolução dos vínculos matrimoniais, o que padeça a prole, será considerado responsabilidade dos genitores, que se somassem esforço poderiam ter contribuído com proficiência, através da renúncia pessoal, para a vida dos filhos.

Vida e Sexo - Emmanuel/Chico Xavier:

Em muitos lances da experiência, é a própria individualidade, na vida do Espírito, antes da reencarnação, que assinala a si mesma o casamento difícil que faceará na estância física, chamando a si o parceiro ou a parceira de existências pretéritas para os ajustes que lhe pacificarão a consciência, à vista de erros perpetrados em outras épocas.

A jovem suave que hoje nos fascina, para a ligação afetiva, em muitos casos será talvez amanhã, a mulher transformada, capaz de impor-nos dificuldades enormes. No entanto, essa mesma jovem foi, no passado, vítima de nós mesmos, quando lhe infringimos os golpes de nossa própria deslealdade, convertendo-a na mulher temperamental ou infiel que nos cabe agora relevar e retificar. O rapaz distinto que atraí presentemente a companheira para os laços da comunhão mais profunda, bastas vezes será provavelmente depois o homem cruel e desorientado, suscetível de constrangê-la a carregar todo um calvário de aflições. Esse mesmo rapaz, porém, foi no pretérito a vítima dele próprio, quando desregrado ou caprichoso, lhes desfigurou, o caráter, metamorfoseando-o no homem vicioso ou fingido que lhe compete tolerar e reeducar.

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- Após a Tempestade - Joanna de Ângelis/Divaldo Franco
- Vida e Sexo - Emmanuel/Chico Xavier
- Evolução em Dois Mundos - André Luiz/Chico Xavier - Waldo Vieira

Capítulo 23

Lei de Reprodução: Anticoncepção e Aborto

23.1 - Anticoncepção

23.1.1 - Introdução

Segundo o pensamento médico oficial, o Planejamento Familiar tem como finalidade:
Prevenir gestações não desejadas; opção do casal quanto ao tempo de conceber;
Evitar a gravidez nas pacientes de risco produtivo; aquelas mulheres portadoras de moléstias várias que poderiam sofrer um agravamento com a gestação;
Diminuir o índice de abortamento, por impedir a gravidez não desejada.

Os métodos anticoncepcionais são didaticamente divididos em Transitórios e Definitivos.

23.1.2 - Métodos transitórios

- **Hormonal:** inibe a ovulação, altera o muco do colo uterino e o movimento das trompas. Pode ser oral, injetável ou através de implantes.
- **Métodos de Barreira:** impedem a penetração do espermatozóide no colo ou exerce um efeito nocivo sobre o mesmo impedindo seu movimento. São eles condon, diafragma e produtos espermaticidas.
- **Dispositivo intra-uterino (DIU):** altera a motilidade útero-tubária, o muco cervical, a química do endométrio e tem ainda uma ação lesiva sobre o espermatozóide. Discute ainda a ciência oficial se os diversos mecanismos de ação do DIU, colocam-no como método abortivo. Sabe-se, com certeza, que 50% das mulheres que engravidam com o DIU vêm a abortar.
- **Métodos comportamentais:** São aqueles em que se tenta evitar a gravidez pela observação dos sinais e sintomas naturais da fase fértil do ciclo menstrual. São eles a tabela, o método de temperatura, o estudo do muco cervical, o coito interrompido e a ducha vaginal.

23.1.3 - Métodos definitivos

Laqueadura e vasectomia: consiste na esterilização definitiva por métodos cirúrgicos.

23.1.4 - Posição do Espiritismo

Sabemos que os Espíritos que um casal receberá na condição de filhos, são geralmente programados num período anterior ao renascimento. Assim, a utilização de medidas contracetivas não seria uma atitude prejudicial à realização plena dos compromissos cármicos?

Examinando o pensamento dos principais autores espíritas desencarnados e principalmente a posição apresentada por Allan Kardec [LE - qsts 132,693,694] podemos afirmar que:

As atitudes anticonceptivas são condições que podem criar obstáculos a concretização de compromissos reencarnatórios (provacionais ou reparadores), na medida em que dificultam o

renascimento de Espíritos vinculados ao casal e previamente preparados para renascem na condição de filhos;

A doutrina espírita desaconselha a utilização rotineira e indiscriminada de medidas contraceptivas por serem um obstáculo ao progresso;

Tal posição doutrinária não invalida a idéia de que possa o casal, em certas condições, utilizar-se de métodos anticoncepcionais, sempre em caráter provisório, objetivando coincidir o início da gestação com momentos que lhe pareçam adequados.

23.1.5 - Anticoncepção e problemas

Quais as possíveis conseqüências desagradáveis, do ponto de vista espiritual, dos diferentes métodos contraceptivos?

Devemos sempre ter em mente que cada situação apresenta a suas particularidades próprias, havendo uma infinidade de condições que podem agravar ou atenuar as conseqüências a seguir. De forma bastante generalizada, a contracepção, em senso lato, poderia acarretar as seguintes conseqüências espirituais:

- Adiantamento das experiências programadas, com um possível agravamento das provas;
- Possível lesão do corpo espiritual, dependendo do tipo de método, do grau de conhecimento e da intenção subjacente com que se utiliza do método. As alterações perispirituais poderão acarretar, numa existência posterior, diversas condições infelizes como a infertilidade, doenças genésicas variadas, etc.;
- Repercussões negativas no psiquismo das pessoas envolvidas, que submetido a constantes bombardeios oriundos do complexo de culpa, pode desaguar em patologias emocionais;
- Obsessão das pessoas envolvidas, ante o ódio de Espíritos que deveriam renascer na condição de filhos e que, diante da rejeição, desencadeiam um processo de contrição mental negativo.

Em virtude do exposto, ao utilizar-se métodos anticoncepcionais, deve-se preferir sempre que possível, os métodos comportamentais (tabela, muco cervical, temperatura) ou os métodos de barreira (condon, diafragma, etc.), por serem menos lesivos para a organização física e conseqüentemente para a organização perispiritual.

Os anticoncepcionais hormonais alterando a fisiologia orgânica, podem gerar implicações negativas no corpo espiritual.

Os métodos cirúrgicos devem ser evitados por serem medidas drásticas, definitivas e quase sempre irreversíveis.

O DIU não deve ser incentivado, pois a possível ação abortiva ainda não foi descartada.

23.2 - Aborto

23.2.1 - Introdução

Reconhece-se duas formas de aborto: o aborto espontâneo e o provocado. O aborto espontâneo é aquele que se verifica contra a vontade dos pais, dependente de enfermidades maternas ou fetais. O aborto provocado ou criminoso, como o próprio nome indica, se deve a uma ação física ou primária provocada pelos pais, ou por outrem, com o objetivo de destruir o feto intra-uterino.

23.2.2 - Aborto Espontâneo

O aborto espontâneo configura quase sempre uma prova ou expiação para os pais e para o Espírito destinado a encarnar.

São quase sempre casais em provação quanto ao seu centro genésico, que vêm frustradas as suas expectativas quanto ao nascimento de um filho, em função de deslizes perpetrados em existências anteriores.

O Espírito do feto, que será expulso do colo uterino através do abortamento, está, naturalmente vinculado ao processo cármico, saldando dívidas do pretérito ou recompondo o corpo espiritual lesado. Muitos Espíritos envolvidos nessas situações foram suicidas em encarnações anteriores.

Vemos em [LE - qst 356] que em alguns casos de abortamento espontâneo não se verifica a presença de um Espírito reencarnante junto ao centro genésico da mãe. O embrião e o feto formam-se obedecendo a regras pré-fixadas de automatismo fisiológico. Isso acontece como provação para os pais.

Há uma forma de aborto espontâneo que, na realidade, ante a Lei Divina, apresenta-se como criminoso.

André Luiz denomina-o de **aborto inconsciente**, onde a destruição do feto não se efetivará através de ações físicas ou químicas, mas em consequência de descargas mentais deletérias da mãe, ou de situações de extremo conflito no lar, pondo dificuldades magnéticas ao desenvolvimento da gestação.

Aborto inconsciente - Causas

- Repulsa da mãe ante uma gravidez indesejável;
- Atitude mental negativa da mãe ou do pai;
- Conflito no lar;
- Imprudência ou excessos cometidos pela mãe.

23.2.3 - Aborto Provocado

O Espiritismo assume uma posição totalmente contrária à instituição do aborto.

Quando Kardec indagou aos Benfeitores [LE - qst 358] eles disseram:

“A mãe, ou qualquer outro, cometerá sempre um crime ao tirar a vida de uma criança antes do nascimento, porque isso é impedir a alma de passar pelas provas de que o corpo deva ser o instrumento.”

De acordo com a Doutrina Espírita, portanto, o aborto não encontra justificativa perante Deus, a não ser em casos especialíssimos, quando o médico honrado, sincero e consciente sentencia que o nascimento da criança põe em perigo a vida da mãe.

Essa forma de abortamento, denominado **aborto terapêutico**, recebe o aval dos Espíritos Superiores [LE - qst 359]:

“É preferível sacrificar o ser que não existe a sacrificar o que existe.”

Refletindo quanto as consequências do aborto delituoso vamos reconhecer nele um dos grandes fornecedores de moléstias diversas, sejam físicas ou mentais, além de se encontrarem na gênese de obsessões e dramas morais inúmeros.

Aborto provocado - Possíveis conseqüências

- Aborto espontâneo em existências posteriores;
- Esterilidade ou frigidez;
- Enfermidades, tais como vaginismo, endometrites, neoplasias, tuberculose, deslocamento de placenta, enfarte uterino, câncer de testículos (no homem), endocrinopatias, eclampsias, hipocinesia uterina, etc.;
- Distúrbios mentais com evidente obsessão por parte das forças invisíveis emanadas do Espírito abortado;
- Filhos problemas ou rebeldes, quando o Espírito abortado, reencarnado em oportunidade posterior, traz, no íntimo, toda a carga de ódio não dissolvido.

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- Evolução em Dois Mundos - André Luiz/Chico Xavier
- Após a Tempestade - Joanna de Ângelis/Divaldo Franco
- Vida e Sexo - Emmanuel/Chico Xavier
- Constituição Divina - Richard Simonetti
- Vida em Família - Rodolfo Calligaris
- Ação e Reação - André Luiz/Chico Xavier
- Escola no Além - Claudia Pinheiro Galasse/Chico Xavier
- Dos Hippies aos Problemas do Mundo - Chico Xavier
- Psicologia Espírita - Jorge Andréa
- Forças Sexuais da Alma - Jorge Andréa
- Atravessando a Rua - Richard Simonetti
- Leis Morais da Vida - Joanna de Ângelis/Divaldo Franco
- Após a Tempestade - Joanna de Ângelis/Dilvaldo P. Franco

Capítulo 24

Lei de Reprodução: Amor e Sexo

24.1 - Amor: Alimento da Alma

Ao definir o Amor, como sendo “a combinação vibratória, a afinidade máxima ou completa”, André Luiz vai renovar os conceitos que até então vigoraram a respeito desse sentimento universal.

Ante o pensamento do Benfeitor, o Amor se apresenta como necessidade fundamental da criatura. Trocar valores energéticos, permutar vibrações de afeto com as almas afins é uma condição obrigatória para a alma encarnada ou desencarnada, pois através desse processo o Espírito se alimenta, se fortalece e se completa.

André Luiz completando o pensamento anterior, diz que “a alma por si mesma, nutre-se apenas de Amor”, pois da mesma forma que o corpo nutre-se de recursos orgânicos para sua sobrevivência, assim também o Espírito vai nutrir-se de recursos afetivos para o seu equilíbrio íntimo.

Existem formas diversas através das quais as almas afins vão permutar valores afetivos. O intercâmbio sexual, a troca de carinhos, a presença física, ou até mesmo o ato de pensar na pessoa querida são processos de troca magnética.

O sexo se apresenta então com 2 funções fundamentais:

- Reprodução: perpetuação da espécie no planeta;
- Troca de valores afetivos

24.2 - Sexo e Evolução

Os Benfeitores espirituais afirmam a Allan Kardec [LE - qst 202] que “os Espíritos não tem sexo.”

No entanto em diversas descrições do mundo espiritual, observamos Espíritos masculinos e femininos. Até casamento no plano espiritual é relatado.

Como entendermos esta questão?

Informam os Benfeitores que o Espírito, por si mesmo, não apresenta uma definida personalidade sexual, ou seja, guarda na sua intimidade tanto valores masculinos quanto femininos; todavia ele se submete a diversas encarnações como homem e como mulher. Em cada uma dessas polaridades ele vai desenvolver condicionamentos específicos, aprimorando-se espiritualmente.

É natural que nos séculos em que estiver estagiando em encarnações masculinas, ele venha a adquirir características físicas e psicológicas inerentes a esta polarização. O mesmo acontece com encarnações femininas.

24.3 - Mente-Corpo

Embora reconheçamos que na maioria das consciências encarnadas a relação mente-corpo permanece seguramente ajustada, em algumas circunstâncias especiais, a polarização não se realiza, estabelecendo um confronto entre o “sexo espiritual” e o “sexo físico”.

Dentre estas condições especiais, Jorge Andréa [Forças Sexuais da Alma] vai estudar três, mais detalhadamente:

- a) **Intersexualismo:** Indivíduos que desde o nascimento apresentam fisicamente órgãos sexuais ambíguos, porém sempre com predominância de um pólo sexual que vai ajudar na definição sobre o sexo. Poderá haver necessidade de cirurgia corretora com posterior amparo psicológico e educacional.
- b) **Transexualismo:** Seres absolutamente normais em suas funções sexuais de periferia (órgãos sexuais externos), mas que apresentam manifestações psicológicas do sexo oposto. O arcabouço psicológico não corresponde à realidade física.
- c) **Homossexualismo:** Casos típicos de desvios patológicos, em que os indivíduos procurariam atender às solicitações sexuais com parceiro do mesmo sexo, em atitudes ativas ou passivas.

O que mais nos importa, é fazermos uma diferenciação clara entre o transexualismo e o homossexualismo. A primeira condição não configura um desvio de sexualidade. Espíritos que viveram experiências reencarnatórias em um sexo e passam a reencarnar no outro, naturalmente vão experimentar traços, trejeitos e tendências psicológicas do sexo anterior.

O homossexualismo por sua vez caracteriza-se por uma inversão da libido: os indivíduos aspiram a uma comunhão afetiva com pessoas do mesmo sexo.

24.4 - Inversão Sexual

Importa-nos examinar as raízes do transexualismo: o que leva determinados Espíritos que venham reencarnados em certa polaridade sexual a solicitarem uma existência no outro sexo (ou serem levados compulsoriamente a isto) ?

Podemos considerar, de uma forma geral, três situações em que tal inversão ocorreria:

a) Processo evolutivo

Em [LE - qst 202] a Espiritualidade indica que a constituição sexual orgânica do Espírito que vai reencarnar *“depende das provas que ele tiver que sofrer”*. Allan Kardec acrescenta que:

“como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, oferecelhes provas e deveres especiais e novas ocasiões de adquirir experiências. Aquele que fosse sempre homem, só saberia o que sabem os homens.”

Emmanuel [Vida e Sexo] aprofunda o tema, explicando que

“a vida espiritual pura e simples se rege por afinidades eletivas essenciais; no entanto através de milênios, o Espírito passa por fileira imensa de reencarnação, ora em posição de feminilidade, ora em condições de masculinidade, o que sedimenta o fenómeno da bissexualidade, mais ou menos pronunciado, em quase todas as criaturas”

Richard Simonetti acrescenta:

“em elevados estágios evolutivos o Espírito alcança um perfeito equilíbrio entre o que de melhor pode oferecer os dois sexos”.

b) Processos expiatórios e regenerativos

Joanna de Ângelis [No Limiar do Infinito] explica que

“As aptidões para a reencarnação na masculinidade ou na feminilidade são sempre resultado da conduta na forma anterior, que o Espírito vitalizou, e na qual coletou conquistas e prejuízos que cumpre multiplicar ou reparar em sacrifícios que se impõem no cadinho regenerador da carne.”

André Luiz [Ação e Reação] lembra que

“Em muitas ocasiões, quando o homem tiraniza a mulher, furtando-lhe os direitos e cometendo abusos em nome de sua pretensa superioridade, desorganizando-se ele próprio a tal ponto que, inconsciente e desequilibrado, é conduzido pelos agentes da Lei Divina a renascimento dolorosos, em corpo feminino, para que no extremo desconforto íntimo, aprenda a venerar na mulher sua irmã e companheira, filha e mãe, diante de Deus, ocorrendo idêntica situação à mulher criminosa que, depois de arrastar o homem à devassidão e à delinqüência, cria para si mesma terrível alienação mental para além do sepulcro, requisitando quase sempre, a internação em corpo masculino, a fim de que, nas teias do infortúnio de sua emotividade, saiba edificar no seu ser o respeito que deve ao homem, perante o Senhor.”

Emmanuel [Vida e Sexo] detalha esta situação, quando coloca que

“o homem que abusou das faculdades genésicas, arruinando a existência de outras pessoas com a destruição de uniões construtivas e lares diversos, em muitos casos é induzido a buscar nova posição, no renascimento físico, em um corpo morfologicamente feminino, aprendendo, em regime de prisão, a reajustar os próprios sentimentos, e a mulher que agiu de igual modo é impulsionada à reencarnação em corpo morfologicamente masculino, com idênticos fins.”

c) Encargos particulares

Em muitas circunstâncias, Espíritos cultos e sensíveis reencarnam em corpos que lhes não correspondem aos mais recônditos sentimentos, em vestimenta carnal oposta à sua estrutura psicológica. Esta posição é solicitada por eles próprios no intuito de operarem com mais segurança e valor, não só o acrisolamento moral de si mesmos como também a execução de tarefas especializadas, em favor do campo social terrestre.

Emmanuel esclarece que estes Espíritos

“Escolhem com isso viver temporariamente ocultos na armadura carnal, com que se garantem contra arrastamentos irresistíveis, no mundo afetivo, de maneira a preservarem nos objetivos que abraçam.”

Richard Simonetti explica que o indivíduo nesta situação

“com uma psicologia que não se ajusta à morfologia, tenderá a sentir atração por indivíduos do mesmo sexo. Com sua consciência não lhe permitirá um envolvimento deste tipo, que sente contraditória à natureza, optará pela solidão afetiva, com o que passará a dedicar-se inteiramente as tarefas a que se propôs, desdobrando sacrifical existência.”

24.5 - Sexo e Equilíbrio

André Luiz, examinando a questão palpitante do equilíbrio da função genésica opina:

“O instinto sexual para coroar-se com glórias do êxtase, há que dobrar-se aos imperativos da responsabilidade, as exigências da disciplina, aos ditames da renúncia.”



24.6 - Desvios da Sexualidade

Didaticamente podemos definir os diversos desvios da sexualidade em 2 grupos bem determinados:

1º Grupo:

Inclui as enfermidades do instinto sexual em função da acumulação dos cargos magnéticos do instinto sexual à falta de sólido socorro íntimo para que se canalizem na direção do bem.

O instinto sexual (impulso criador), libido, força sexual da alma é uma energia específica gerada no psiquismo do Espírito e que, ao atingir a sua consciência, vai alimentá-la em seus mais diversos setores.

Essa energia extraordinária que na Terra tem sido utilizada pela maioria de nós, apenas ou quase preferencialmente como combustível para a relação sexual física, é, na realidade, responsável pela criação estética, pelos processos da inteligência, pela prática do esportes, da música, da mediunidade, etc.

Estancar essa força, através da castidade sexual não construtiva (sem canalização para outras atividades), é condição perigosa e que pode levar a desastres diversos.

Muitos psicopatas, com neuroses de ansiedade, depressão, histéricas são geradas ou agravadas pelas frustrações do instinto sexual não mobilizado.

Jorge Andréa lembra:

“Quando houver isolamento sexual por pieguismos, fanatismos ou conceituação pouco feliz de caráter religioso e sem substituição por outras fontes dinâmicas, a castidade será destrutiva e sem escopo útil.”

Castidade construtiva

Canalização da energia sexual para:
<ul style="list-style-type: none"> • Atividades físicas (esportes, dança, etc.); • Atividades intelectuais (pesquisa científica, trabalho gratificante); • Atividades culturais (música, teatro, literatura, etc.); • Atividades espirituais (passe, incorporação mediúnica, trabalho espírita, assistência social, etc.).

2º Grupo:

Consiste na viciação e adulteração do centro genésico em função da utilização inconseqüente e irresponsável das energias sexuais.

Nesse grupo vamos identificar diversas distonias sexuais que surgem em decorrência de abusos excessivos e irresponsabilidades cultivados pelo ser espiritual em suas existências milenárias.

a) Parafilias:

São distúrbios da excitação sexual. Indivíduos que só conseguem a excitação sexual efetiva ante certas condições anômalas.

Exemplos de Parafilias

Pedofilia	Atração sexual por crianças
Necrofilia	Atração sexual por cadáveres
Masoquismo	Excitação ante o próprio sofrimento
Sadismo	Excitação ante o sofrimento de outrem
Zoofilia	Excitação com animais
Exibicionismo	Prazer em ser observado durante o ato sexual
Voyeurismo	Excitação ao observar outras pessoas em relação sexual

b) Frigidez e Impotência Sexual:

Joanna de Ângelis lembra-nos que “todo abuso gera imposto de carência”, mostrando que na base da impotência sexual no homem e da frigidez na mulher, está, muitas vezes, num passado infeliz do ponto de vista sexual.

c) Mal-formações genitais:

O uso do sexo de forma excessivamente negativa, pode lesar gravemente o corpo espiritual nas regiões responsáveis pela sexualidade, imprimindo no corpo físico as mal-formações genitais correspondentes.

d) Ninfomania ou Satiríase:

São desvios graves da função sexual que tornam o indivíduo neuroticamente obcecado pelo prazer hedonista. Pessoas profundamente viciadas em relações sexuais, sem o mínimo de autocontrole, chegando a ter 4 a 5 intercâmbios sexuais diariamente.

São indivíduos atormentados dia e noite, pois mantêm-se constantemente em todo estado de excitação sexual.

e) Homossexualismo**24.7 - Homossexualismo**

Com relação à homossexualidade, muito mais que “causas”, poderíamos indicar algumas condições (às vezes simultâneas), em que esta problemática do instinto sexual se exteriorizaria:

a) Inversão sexual

Quando o indivíduo, por deficiência do desenvolvimento espiritual, não suportar as pressões decorrentes de sua nova condição física, buscando o sexo de sua predileção psicológica, na procura de satisfação dos sentidos físicos. São os homossexuais que também são transexuais;

b) Processo obsessivo

Quando ocorre o assédio de Espíritos que buscam provocar ou se aproveitar das distonias no centro da emoção. Atuando sobre os centros genésicos, o obsessor tem sua ação facilitada pelas tendências de vidas anteriores que o obsediado traz impressas em seu perispírito. Quando o indivíduo não possui defesas morais, o processo obsessivo pode chegar à vampirização.

c) Processo vicioso

Quando o indivíduo, mesmo sem enfrentar os inquietantes problemas da inversão sexual, opta por uma vivência homossexual, como um “modo de ser” diferente, em busca de novas experiências no campo do sexo. Como todos os vícios, o homossexualismo com esta característica visa o prazer, que redundando sempre temporário e incompleto, exigindo de cada um posterior reequilíbrio, muitas vezes através do sofrimento e do sacrifício pessoal.

d) Condições psicossociais

Fatores Educacionais: Quando a educação, apoiada em inclinações morais deficitárias, ainda não amadurecidas para a verdadeira liberdade, contribui para despertar no indivíduo as tendências sepultadas nas profundezas do inconsciente espiritual.

Perturbações psiquiátricas não devidamente diagnosticadas;

Condições esporádicas ou acidentais: enquadra-se nesta situação as relações homossexuais existentes como alternativa para as necessidades sexuais, como nos casos das prisões, dos internatos, no exército, nas guerras, etc., quando a separação dos indivíduos de sexo opostos é de longa duração;

Deve-se ressaltar que muitos homens e mulheres que durante este período mantêm um comportamento ou uma conduta homossexual, muitas vezes forçados pelo meio, retornam à heterossexualidade depois de cessada a condição extraordinária.

Identificação psicosssexual: psicologicamente, parece haver nos indivíduos homossexuais uma grande identificação afetiva com a mãe, numa relação simbiótica, e que vai dificultar o seu processo de humanização, de tomada de consciência de si, dos outros e do mundo.

Há, aparentemente, uma insistente figura paterna que fica “à espreita” nas biografias dos homossexuais, denunciando uma relação atribulada e de difícil com o pai, enquanto a mãe apareceria numa posição de cumplicidade com o filho.

Conduta do indivíduo homossexual

Como dever conduzir a sua sexualidade, o indivíduo homossexual?

Diante das colocações feitas, podemos ver que sexo não se restringe à área genital, mas que pode, e deve, ser entendido em termos de uma energia mais abrangente, uma força criadora que todo ser traz dentro de si e que lhe serve de força motriz. No dizer de André Luiz [Evolução em Dois Mundos]

“O sexo é mental em seus impulsos e manifestações, transcendendo quaisquer impositivos da forma em que se exprimem.”

Deste modo, o indivíduo deveria canalizar seus impulsos, construindo e sublimando suas emoções; através da castidade que, no caso, tem um sentido bastante expressivo. Segundo Jorge Andréa [Forças Sexuais da Alma]:

“Esta castidade não representaria o isolamento de canais das forças sexuais profundas, porém uma afetiva aplicação das energias do Espírito nas grandes construções do bem, onde os frutos das artes autênticas deixam mostras de forças criativas em constante efusão.”

Daí o erro de se insistir em relações homossexuais que, embora aparentemente harmônicas no princípio, logo se desestruturam na maioria das vezes, deixando bem claro quanto elas são ilusórias. A relação homossexual é na realidade uma relação narcisista, de igual para igual, e como tal não há complemento, não há um investimento afetivo-sexual real no, e para o outro.

É pela reeducação mental, que o Espírito portador desta distonia vai regularizar os hábitos viciosos, corrigindo seu conceito de prazer e felicidade.

Esta posição, no entanto, não invalida a idéia de que um homossexual venha a experimentar uma comunhão afetiva com indivíduo do outro sexo, desde que se sinta gratificado com esta relação. A relação heterossexual monogâmica sadia poderia contribuir para o reequilíbrio das energias genésicas em uma pessoa que vivencia a condição de homossexualidade.

Bibliografia

- Vida e Sexo - Emmanuel/Chico Xavier
- Sexo e Destino - André Luiz/Chico Xavier - Waldo Vieira.
- Evolução em Dois Mundos - André Luiz/Chico Xavier - Waldo Vieira.
- Quem tem medo de Espíritos? - Richard Simonetti.
- Forças Sexuais da Alma - Jorge Andréa.
- Livro dos Espíritos - Allan Kardec.
- No Mundo Maior - André Luiz/Chico Xavier
- Ação e Reação - André Luiz/Chico Xavier
- O Problema do Ser, do Destino e da Dor - Leon Denis

- Nos Bastidores da Obsessão - Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo Franco
- Dramas da Obsessão - Bezerra de Menezes/Yvonne Pereira
- No Limiar do Infinito - Joanna de Ângelis/Divaldo Franco
- Espírito, Perispírito e Alma - Hernanni Guimarães Andrade
- Educação e Vivência - Camilo/José Raul Teixeira
- Loucura e Obsessão - Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo Franco

Capítulo 25

Lei de Conservação

25.1 - Introdução

Desde suas primeiras manifestações no plano físico, o Espírito vem automatizando reações aos impulsos exteriores, através de experiências sucessivas em organismos cada vez mais complexos. Estas reações reflexas incorporaram-se ao patrimônio espiritual dos seres e se manifestam no vegetal, no animal e no homem, através de atos involuntários e espontâneos. A estes atos inconscientes e reflexos denominamos instintos.

Um dos mais perfeitos atos instintivos é o de viver. O instinto de conservação, ou seja a busca pela sobrevivência é, por isto mesmo, uma lei da Natureza. Todos os seres vivos o possuem, qualquer que seja o grau de sua inteligência.

O despertar da necessidade de viver tem por finalidade a manutenção da vida orgânica, necessária ao desenvolvimento físico e moral das criaturas. O instinto de conservação é, portanto, um dos instrumentos naturais que cooperam na evolução dos seres.

Deus fornece aos homens os meios necessários para a sua sobrevivência, através de tudo que a Terra é capaz de produzir. Quando falta ao homem o mínimo para a sua subsistência é devido ao egoísmo, à imprevidência ou à displicência. A Natureza não pode ser responsabilizada pela má organização social e pelas conseqüências que advêm da ambição e do amor-próprio de muitos. A insuficiência da produção e a má distribuição de alimentos, no entanto, têm sido atenuada pelos progressos da ciência e pela fraternidade crescente entre os homens.

25.2 - O Necessário e o Supérfluo

Não existe limite absoluto entre o que é necessário e o que é supérfluo para o homem. O progresso criou necessidades para o homem civilizado que o selvagem desconhece. No entanto, pode-se dizer que são essenciais ao homem todos os bens de relevância para a sua sobrevivência, para que desfrute de relativo bem-estar e possa participar da vivência social. São supérfluos todos os bens que servem a outras finalidades, tais como o luxo e a satisfação do orgulho, assim como os bens que ficam acumulados, improdutivos, e que, muitas vezes, fazem falta a outros homens.

Neste sentido, o gosto pelo supérfluo é prejudicial ao homem, que deve buscar estabelecer seus próprios limites entre as suas necessidades reais e fictícias. Para isso ele dispõe de:

- **Experiência:** nossa organização física muitas vezes nos mostra o limite do necessário. Se comemos em demasia, por exemplo, podemos ter problemas digestivos. No entanto, alertam os Espíritos, muitas vezes os vícios modificam nossa organização, criando dependências e necessidades irreais;
- **Intuição:** que nos chega como lembranças de nossas experiências passadas, muitas vezes de outras existências, e que nos permitem traçar nossos limites;
- **Razão:** nossa capacidade de compreensão e entendimento das verdadeiras finalidades da vida e das leis que a regem, nos ajudam a discernir o que é ou não supérfluo em nosso atual estado evolutivo.

25.3 - Privações Voluntárias

A palavra privação tem o sentido de “*despojar, desapossar alguém de alguma coisa; destituir*”. Já privação voluntária consiste em renúncia consciente a bens, favores, gozos, facilidades ou direitos a que se tem acesso ou posse natural e legítima.

Porém, a verdadeira privação voluntária é a que se dá em benefício do próximo, para ajudá-lo quer materialmente, quer espiritualmente. É a privação dos prazeres inúteis, porque liberta o homem do jugo da matéria e eleva a sua alma. É a resistência aos excessos e ao gozo do que não tem utilidade. É a doação mesmo daquilo que nos é necessário para dar aos que não tem. Estas privações voluntárias são meritórias porque promovem o progresso individual.

Ela não deve ser confundida com as privações ascéticas, com as mortificações, com os sofrimentos que buscamos voluntariamente porque estes são contrários à lei natural, uma vez que:

- Revelam egoísmo ou ignorância por parte daqueles que o praticam;
- São inúteis para o próximo;
- Esgotam a saúde e as energias, impedindo o trabalho para os outros.

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec

Capítulo 26

Lei de Destruição

26.1 - Destruição Necessária e Destruição Abusiva

A destruição recíproca dos seres vivos é, dentre as leis da Natureza, uma das que, à primeira vista, menos parece conciliar-se com a bondade de Deus. Pergunta-se porque lhes criou Ele a necessidade de mutuamente se destruírem, para se alimentarem uns à custa dos outros.

Uma primeira utilidade, que se apresenta desta destruição - utilidade puramente física, é verdade - é esta: os corpos orgânicos não se mantêm senão por meio de matérias orgânicas, sendo estas matérias as únicas que contém os elementos nutritivos necessários à sua transformação. Como os corpos, instrumentos da ação do princípio inteligente, têm necessidade de ser incessantemente renovados, a Providência os faz servir para sua manutenção mútua; é por esse motivo que o corpo se nutre, mas o Espírito não é nem destruído, nem alterado; apenas se despoja de seu envoltório.

Há, além disso, “*considerações morais de ordem elevada*”.

“É necessária a luta para o desenvolvimento do Espírito. Na luta é que ele exercita suas faculdades. O que ataca em busca do alimento e o que defende para conservar a vida usam de habilidades e inteligência, aumentando, em consequência, suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas, em realidade, que foi o que o mais forte ou mais destro tirou ao mais fraco? A veste de carne, nada mais; posteriormente, o Espírito, que não morre tomará outra.” [Gên - cap. 3]

Nos seres inferiores da criação, naqueles a quem ainda falta o senso de moral, em os quais a inteligência ainda não substitui o instinto, a luta não pode ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a da alimentação. Eles, pois, lutam unicamente para viver, isto é, para fazer ou defender uma presa, visto que nenhum móvel mais elevado os poderia estimular. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida.

Sob outro prisma, ao se destruírem uns aos outros, pela necessidade de se alimentarem, os seres infra-humanos mantêm o equilíbrio na reprodução, impedindo-a de tornar-se excessiva, contribuindo, ainda, com seus desejos, para uma infinidade de aplicações úteis à Humanidade.

Restringindo o exame desta questão apenas ao procedimento do homem, que é o que mais nos interessa, aprendemos com a Doutrina Espírita que a matança de animais, bárbara sem dúvida, foi, é e será por mais algum tempo necessária aqui na Terra, devido às suas grosseiras condições de existência. À medida porém, que os homens se depuram, sobrepondo o Espírito à matéria, o uso de alimentação carnívora será cada vez menor, até desaparecer definitivamente, qual se verifica nos mundos mais adiantados que o nosso.

Aprendemos mais que, em seu estado atual, o homem só é escusado da responsabilidade dessa destruição na medida em que tenha de prover ao seu sustento e garantir a sua segurança. Fora disso, quando, por exemplo, se empenha em caçadas pelo simples prazer de destruir, ou em esportes mortíferos, como as touradas, o “tiro aos pombos”, etc., terá de prestar contas a Deus por esse abuso que revela, aliás, predominância dos maus instintos.

26.2 - Flagelos Destruidores - Guerras

Tudo o que vive neste mundo, natureza, animal, homem sofre, todavia, o amor é a lei do Universo e por amor foi que Deus formou os seres. Contradição aparentemente horrível, problema angustiante que perturbou tantos pensadores e os levou à dúvida e ao pessimismo.

O animal está sujeito à luta ardente pela vida. Entre as ervas do prado, as folhas e a ramaria dos bosques, nos ares, no seio das águas, por toda a parte desenrolam-se dramas ignorados.

Quanto à Humanidade, sua história não é mais que um longo martirólogo. Através dos tempos, por cima dos séculos, rola a triste epopéia dos sofrimentos humanos.

A dor segue todos os nossos passos; espreita-nos em todas as voltas do caminho, e diante desta esfinge que o fita com seu olhar estranho, o homem faz a eterna pergunta: Por que existe dor?

Fundamentalmente considerada, a dor é uma lei de equilíbrio e educação.

Neste sentido, os flagelos destruidores são permitidos por Deus para que a Humanidade possa “*progredir mais depressa*” [LE - qst 737]. Aliás, a palavra flagelo geralmente é interpretada como algo prejudicial, quando, na realidade, representa o meio pelo qual as transformações necessárias ao progresso humano se realizam mais rapidamente.

É bem verdade que existem outros processos, menos rigorosos, para fazerem os homens progredirem e

“Deus os emprega todos os dias, pois deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. O homem, porém, não se aproveita desses meios. Necessário, portanto, se torna que seja castigado no seu orgulho e que se faça sentir a sua fraqueza.” [LE - qst 738]

E com o abatimento do orgulho a Humanidade se transforma, como já se transformou noutras épocas, e cada transformação se assinala por uma crise que é, para o gênero humano, o que são, para os indivíduos, as crises de crescimento. Aquelas que tornam, muitas vezes, penosas, dolorosas, e arrebatam consigo as gerações e as instituições, mas são sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral.

Quando os flagelos naturais, tais como cataclismos, enchentes, fome, epidemias de doenças e de pragas em plantações, a seca, os terremotos e maremotos, as erupções vulcânicas, os ciclones, etc., se abatem sobre a Humanidade, muitos se revoltam contra Deus, perdendo oportunidades valiosas de compreender o significado de tais acontecimentos.

A Lei do Carma ou de Causa e Efeito exerce sua influência inelutável não só sobre os homens, individualmente, como também sobre os grupos sociais.

Assim, por exemplo, quando uma família, nação ou raça busca algo que lhe traga maiores satisfações, esforça-se por melhorar suas condições de vida ou adota medidas que visem a acelerar o seu desenvolvimento, sem prejudicar ou fazer mal a outrem, está contribuindo, de alguma forma, para a evolução da Humanidade, e isto é bom. Receberá, então, novas e mais amplas oportunidades de trabalho e progresso, conduzindo os elementos que a constituem a níveis cada vez mais elevados.

Se, porém, procede ao contrário, mais cedo ou mais tarde sofrerá a perda de tudo aquilo que adquiriu injustamente, em circunstâncias mais ou menos trágicas e aflitivas, segundo o grau de malícia e crueldade que lhe tenha caracterizado as ações.

É assim que, mais tarde, em outras existências planetárias, são chamados a expiações coletivas ou individuais, sob a forma de flagelos destruidores.

Acontece, porém, que

“Muitos flagelos resultam da imprevidência do homem. À medida que adquire conhecimentos e experiência, ele os vai podendo conjurar, isto é, prevenir, se lhes sabe pesquisar as causas. Contudo, entre os males que afligem a Humanidade, alguns há de caráter geral, que estão nos decretos da Providência e dos quais cada indivíduo recebe, mais ou menos, o contragolpe. A esses nada pode o homem opor, a não ser a submissão à vontade de Deus. Esses males, entretanto, ele muitas vezes os agrava pela sua negligência”.

“Na primeira linha dos flagelos destruidores, naturais e independentes do homem, devem ser colocados a peste, a fome, as inundações, as intempéries fatais às produções da terra.” [LE - qst 741]

Enfrentado esses flagelos, o homem é impulsionado por força da necessidade, buscando soluções para se libertar do mal que o ataca. É por isso que a dor torna-se um processo, um meio de equilíbrio e educação, como assinalamos acima.

Mesmo as guerras, que nada mais representam do que a “*predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e transbordamento de paixões*” [LE - qst 742], geram a liberdade e o progresso da Humanidade.

Deus permite que haja a guerra e todas as suas funestas conseqüências, para que o homem, ao contato com a dor, se liberte, por um lado, do seu passado de erros, e burile, por outro, as tendências más que ainda o fazem manter-se em atraso moral.

26.3 - Violência

Violência: constrangimento físico ou moral. Coação definida por uma situação oposta ao Direito e à Justiça. Ato de periculosidade resultante de uma condição inferior variando em grau e em intensidade. Quando a ação negativa atinge índices elevados, surge a violência que constitui um sistema de vida contrário à lei de justiça e amor.

Para nós espíritas, analisando a lei de causa e efeito, a violência é um dos mais lamentáveis estados humanos e um dos problemas da autoridade cujos efeitos degradam a criatura, levando-a à condição de animalidade primitiva.

Com a ambição desmedida, a inquietação e o desamor, a violência leva o homem a fomentar guerras e inúmeras barbaridades. Assim vemos:

- crimes incontáveis sendo praticados em nome da liberdade;
- homens reduzidos a seres desprezíveis no “apartheid”, nas lutas de classes, nas fugas para a loucura e o suicídio pela ingestão de drogas e alcoólicos;
- doenças graves ainda incuráveis refletindo o estado de desamor e o império do egoísmo;
- a miséria econômica, as injustiças sociais, o abandono e o desrespeito aos direitos humanos;
- guerras intermináveis entre as nações, entre povos da mesma nacionalidade, eclodem como conseqüência de ambição materiais, crises sociais e religiosas;
- a violência da fome dizimando crianças e velhos indefesos.

Enumerar a violência em nossos dias não é tarefa difícil e suas causas são de variadas amplitudes, contudo todas têm origem no sentimento humano mais nefasto que é o egoísmo.

Causas da violência

Allan Kardec [LE - qst 913] nos mostra o egoísmo como o vício mais radical, incompatível com a justiça, o amor e a caridade.

“Sendo o egoísmo, inerente à espécie humana, não será um ele obstáculo permanente ao reino do bem absoluto sobre a Terra?”

“É certo que o egoísmo é o vosso mal maior, mas ele se liga aos Espíritos encarnados na Terra e não à Humanidade em si mesma.” [LE - qst 915]

“Qual é o meio de se destruir o egoísmo?”

“De todas as imperfeições humanas a mais difícil de se desenraizar é o egoísmo, porque se liga à influência da matéria da qual o homem, ainda muito próximo de sua origem, não pode libertar-se. Tudo concorre para entreter essas influência: suas leis, sua organização social, sua educação.” [LE - qst 917]

Como causas da violência, segundo as instruções dos Espíritos Superiores estão o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ciúme e todos os vícios morais engendrados pelo egoísmo que perturba as relações sociais, provoca dissensões, destrói a confiança, levando o indivíduo a atitudes de revide e insensatez.

É o egoísmo, fonte de todos os males da Humanidade, que leva o homem a agir contrariando a lei divina ou natural, gerando lutas e conflitos no meio social e familiar.

Meios de combate à violência

Os reajustes devem partir de cada um de nós, de nossas famílias e do meio social em que vivemos. Vamos analisar algumas atitudes e posicionamentos que poderemos tomar ajudando a combater a violência:

- trabalhando pela harmonia e a paz em nossos relacionamentos sociais;
- não julgando nem provocando divisões discriminatórias;
- não provocando escândalos ou maledicências;
- conciliando discórdias e desavenças entre familiares ou amigos nos mal entendidos comuns;
- buscando na prece e na meditação serena e renovação das forças e as disposições para o bem;
- amando e perdendo incondicionalmente.

Caminhamos todos nós rumo à perfeição. Somos filhos de Deus e temos tido as mesmas oportunidades de redenção, segundo nosso estágio evolutivo. Por que nos violentarmos e ao nosso próximo?

26.4 - Pena de Morte

O Espiritismo assume uma postura francamente contrária à pena de morte.

“A pena de morte desaparecerá um dia da legislação humana?”

“A pena de morte desaparecerá incontestavelmente e sua supressão assinalará um progresso da Humanidade. Quando os homens forem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida da Terra.” [LE - qst 760]

“A lei de conservação dá ao homem o direito de preservar a sua própria vida; não aplica ele esse direito quando elimina da sociedade um membro perigoso?”

“Há outros meios de se preservar do perigo sem matar.” [LE - qst 761]

As principais argumentações espíritas contrárias a esta medida são:

Elimina a oportunidade do arrependimento.

Joanna de Ângelis [Após a Tempestade]

“Compete ao Estado deixar sempre acessível a porta para o ensejo de reparação a sicário impiedoso ou ao flagelo humano que se converteu em vândalo desavisado. O criminoso não fugirá à consciência nem à injunção reparadora pelas Supremas Leis da vida. Justo, portanto, facultar ao revel ensanchar de recompor-se e reparar quanto possível os males perpetrados.”

Impede a reparação, pela Justiça Humana, de uma possível injustiça cometida contra o réu.

Humberto de Campos [Cartas e Crônicas]

“Se você demonstra interesse tão grande na regeneração dos costumes, defendendo com tamanho entusiasmo a suposta legalidade da pena de morte, vasculhe a própria consciência e verifique se está isento de falta. Se você já superou os óbices da animalidade, adquirindo a grande compreensão a preço de sacrifício, estimaria saber se terá realmente coragem para amaldiçoar os pecadores do mundo, atirando-lhes ‘a primeira pedra’.”

Não reduz os índices de criminalidade

Joanna de Ângelis [Após a Tempestade]

“De forma alguma a pena de morte faz reduzir a incidência da criminalidade. Ao contrário, torna-se mais violenta e selvagem, fazendo que o tresloucado agressor, que sabe o destino que lhe está reservado, mais açuladas tenha as paixões destruidoras arrojando-se irremissivelmente nos dédalos das alucinações dissolventes.”

Não livra a sociedade de ação maléfica do delinqüente

Humberto de Campos [Cartas e Crônicas]

“Um assassinado, quando não possui energia suficiente para desculpar a ofensa e esquecê-la, habitualmente passa a gravitar em torno daquele que lhe arrancou a vida, criando os fenômenos comuns da obsessão; e as vítimas da forca ou do fuzilamento, do machado ou da cadeira elétrica, se não constituem padrões de heroísmo e renúnciação, de imediato, além-túmulo, vampirizam o organismo social que lhes impôs o afastamento do veículo físico, transformando-se em quesitos vivos de fermentação da discórdia e da indisciplina.”

26.5 - Eutanásia

Eutanásia, ou “morte feliz”, é o ato de abreviar a morte em doentes terminais. O Espiritismo manifesta-se também em oposição a essa medida.

“Um homem agoniza, preso a cruéis sofrimentos. Sabe-se que o seu estado é sem esperanças. É permitido poupar-lhe alguns instantes de agonia, abreviando-lhe o fim?”

Resposta de São Luís:

“Mas quem vos daria o direito de prejudicar os desígnios de Deus? Não pode ele conduzir um homem até a beira da sepultura, para em seguida retirá-lo, com o fim de

fazê-lo examinar-se a si mesmo e modificar-lhe os pensamentos? A que extremos tenha chegado um moribundo, ninguém pode dizer com certeza que soou a sua hora final.

A ciência, por acaso, nunca se enganou nas suas previsões?

Bem sei que há casos em que se podem considerar, com razão como desesperador. Mas se não há nenhuma esperança possível de um retorno definitivo à vida e à saúde, não há também inúmeros exemplos de que, no momento do último suspiro, o doente se reanima e recobra suas faculdades por alguns instantes? Pois bem: essa hora de graça que lhe é concedida, pode ser para ele da maior importância, pois ignorais as reflexões que o seu Espírito poderia ter feito nas convulsões da agonia, e quantos tormentos podem ser poupados por um súbito clarão de arrependimento. Aliviai os últimos sofrimentos o mais que puderdes, mas guardai-vos de abreviar a vida, mesmo que seja em apenas um minuto, porque esse minuto pode poupar muitas lágrimas no futuro.” [ESE - cap. V]

Bibliografia

- Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- A Constituição Divina - Richard Simonetti
- As Leis Morais - Rodolfo Calligaris
- Após a Tempestade - Joanna de Ângelis/Divaldo Franco
- Quem Tem Medo da Morte - Richard Simonetti
- Obreiros Da Vida Eterna - André Luiz/Chico Xavier
- Sexo e Destino - André Luiz/Chico Xavier
- Cartas e Crônicas - Humberto Campos/Chico Xavier
- Alerta - Joanna de Ângelis/Divaldo Franco
- As Leis Morais - Rodolfo Calligaris
- Entender Conversando - Chico Xavier
- Manual Prático do Espiritismo - Ney Prietro Peres
- O Consolador - Emmanuel/Chico Xavier

Capítulo 27

Lei de Sociedade, Laços de Família

27.1 - Simpatias e Antipatias

Como seres inteligentes da criação que povoam o Universo fora do mundo material, os Espíritos cultivam entre si, a simpatia geral destinada pelas suas próprias semelhanças. Além desta simpatia de caráter geral, existem, também, as afeições particulares, tal como as há entre os homens. Esta afeição particular decorre do princípio de afinidade, como resultado de *“uma perfeita concordância de seus pendores e instintos”*.

Assim como há as simpatias entre os Espíritos, há, também, as antipatias, alimentadas pelo ódio, que geram inimizades e dissensões. Este sentimento, todavia, só existe entre os Espíritos impuros que não venceram, ainda, em si mesmos, basicamente, o egoísmo e o orgulho. Como exercem influência junto aos homens, acabam estimulando nestes os desentendimentos e as discórdias, muito comuns na vida humana.

Desde que originada de verdadeira simpatia, a afeição que dois seres se consagram na Terra continua a existir sempre no mundo dos Espíritos.

Por sua vez, os Espíritos a quem fizemos mal neste mundo poderão perdoar-nos se já forem bons e segundo o nosso próprio arrependimento. Se, porém, ainda forem maus, podem guardar ressentimento e nos perseguirem muitas vezes até em outras existências.

Como observam os Espíritos Superiores: *“da discórdia nascem todos os males humanos; da concórdia resulta a completa felicidade”*, e um dos objetivos da nossa encarnação é o de trabalhar no sentido de nos melhorarmos interiormente e chegarmos à perfeição espiritual.

Isto nos leva a compreender melhor a afirmação de Jesus quando nos disse: “Amai os vossos inimigos”, pois só há hoje prejuízo para o Espírito que tenha inimigos por força do mal que haja praticado, uma vez que os inimigos são obstáculos em sua caminhada e essa inimizade sempre gera infelicidade e atraso em seu progresso espiritual.

Admitindo *“que a maldade não é um estado permanente dos homens; que ela decorre de uma imperfeição temporária e que, assim como a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau reconhecerá um dia os seus erros e se tornará bom”* compreendemos também que a nossa meta maior é superar a maldade que ainda existe em nós e nos outros, e, neste sentido, só a manifestação de amor de nossa parte pode quebrar o círculo vicioso do ódio que continua a existir, muitas vezes, mesmo depois da morte física.

O período a esse esforço é, sem dúvida, quando estamos junto aos nossos inimigos, convivendo com eles, na condição de encarnados e desencarnados, pois é quando temos as melhores oportunidades de testemunhar nosso propósito de cultivar a concórdia para com todos, e assim, substituir os laços de ódio que nos ligavam pelos laços do amor que passam a nos unir.

Allan Kardec, estudando a causa das simpatias e antipatias que se manifestam entre pessoas que se avistam pela primeira vez, diz [QE]:

“São criaturas que se conheceram e que muitas vezes se amaram em outra vida e que, ao se encontrarem nesta, atraem-se mutuamente. Também as antipatias instintivas provêm, vez por outra, de relações anteriores.”

Lembra Kardec que esses sentimentos podem ter outra causa, relacionada não a vivências anteriores, mas sim ao padrão vibratório das pessoas envolvidas, à condição moral, os gestos e tendências, enfim, a própria maneira do indivíduo ser, pensar, e agir:

“O perispírito irradia ao redor do campo, formando uma espécie de atmosfera impregnada das qualidades boas ou não do Espírito encarnado. Duas pessoas que se encontraram pelo contato dessas auras sentem uma sensação agradável ou desagradável.”

27.2 - As Almas gêmeas

Em [LE - qst 298] vemos que

“não há união particular e fatal, de duas almas. A união que há é a de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido. Quanto mais perfeitos, tanto mais unidos.”

Devemos compreender que um Espírito não é a metade do outro.

“Se um Espírito fosse a metade do outro, separados os dois, estariam ambos incompletos.” [LE - qst 299]

“A teoria das metades eternas encerra uma simples figura, representativa da união de dois Espíritos simpáticos. Trata-se de uma expressão usada até na linguagem vulgar e que se não deve tomar ao pé da letra.” [LE - qst 303-a]

27.3 - A Importância da Família

A vida familiar deve ser a vida de todo homem integrado na unidade social, denominada família. Esta palavra, família, pode ser conceituada num sentido mais restrito - constituído pelos nossos familiares consangüíneos - como num sentido mais amplo - o representando por agrupamentos de Espíritos afins, quer intelectual, quer moralmente.

A família é a abençoada escola de educação moral e espiritual, oficina santificante onde se lapidam caracteres; laboratório superior em que se encadeiam sentimentos, estruturam aspirações, refinam idéias, transformam mazelas antigas em possibilidades preciosas para a elaboração de misteres edificantes.

A família é, pois, o mais prodigioso educandário do progresso humano. A importância não se mede apenas como fonte geratriz de seres racionais, mas como oficina de onde se projetam os homens de bem, os sábios, os benfeitores em geral. A família é mais do que um resultante genético... São os ideais, os sonhos, os anelos, as lutas e árduas tarefas, os sofrimentos e as aspirações, as tradições morais elevadas que se cimentam nos liames da concessão divina, no mesmo grupo doméstico onde medram as nobres expressões da elevação espiritual na Terra.

Quando a família periclita, por esta ou aquela razão, sem dúvida a sociedade está a um passo do malogro...

A vida em família, para que atinja suas finalidades maiores deve ser vivenciada dentro dos padrões de moralidade, compreensão e solidariedade. A família é uma instituição divina cuja finalidade precípua consiste em estreitar os laços sociais, ensinando-nos o melhor modo de aprendermos a amar-nos como irmãos.

Por tão incontestáveis razões, a vida em família, de todas as associações é, talvez a mais importante em virtude da sua função educadora e regenerativa.

27.4 - Laços Corporais e Laços Espirituais

Existem duas modalidades de família e, em consequência, duas categorias de laços de parentescos: as que procedem da consangüinidade e as que procedem das ligações espirituais.

“Os laços do sangue não criam forçosamente os liames entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porquanto o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai quem cria o Espírito de seu filho; ele mais não faz do que lhe fornecer o invólucro corpóreo, cumprindo-lhe, no entanto, auxiliar no desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.”[ESE - cap. XIV it 8]

Os que encarnam numa família, sobretudo como parentes próximos, são, as mais das vezes, Espíritos simpáticos, ligados por anteriores relações, que se expressam por uma afeição recíproca na vida terrena. Mas também pode acontecer sejam completamente estranhos uns aos outros esses Espíritos, afastados entre si por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem na Terra por mútuo antagonismo, que aí lhes serve de provação. Não são os da consangüinidade os verdadeiros laços de família, e sim, os da simpatia e da comunhão de idéias, os quais prendem os Espíritos antes, durante e depois de suas encarnações.

Há, pois, duas espécies de famílias: as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais. Duráveis, as primeiras se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos através das várias migrações da alma; as segundas, frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e muitas vezes se dissolvem moralmente já na existência atual.

Bibliografia

- O Livros dos Espíritos - Allan Kardec
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- O Que é o Espiritismo - Allan Kardec
- Vida e Sexo - Emmanuel/Chico Xavier
- Estudos Espíritas - Joanna de Ângelis/Divaldo Franco

Capítulo 28

Lei de Igualdade

28.1 - Igualdade Natural e Desigualdades de Aptidões

“Todos os homens estão submetidos à mesmas leis da Natureza. Todos nascem igualmente fracos, acham-se sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Deus a nenhum homem concedeu superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte: todos, aos seus olhos são iguais.” [LE - qst 803]

Deus não tolera distinções de linguagem familiar, não confere honrarias extemporâneas e nem favorece com privilégios qualquer de suas criaturas, mas proporciona a todos idênticas e incessantes oportunidades. Coloca em estado latente o mesmo poder, a mesma sabedoria e os mesmos estímulos evolutivos para todos, no longo e fastidioso percurso para a Perfeição.

Atentos a essas considerações é que podemos perceber o sentido correto da lei de igualdade, no seu aspecto natural, em contraposição à pretendida igualdade sócio-econômica, freqüentemente artificial na vida de relação dos Espíritos encarnados.

Sendo todos da mesma essência divina e criados para os mesmos gloriosos destinos, o gênero humano constitui uma única família. Daí estarem todos os homens sujeitos às mesmas leis naturais.

Deus não concede privilégios a ninguém, e, se há sofredores e felizes no nosso Planeta, isto não acontece à custa das preferências divinas, mas por força do mau ou bom uso do livre-arbítrio dos seus habitantes. Todos fomos criados simples e ignorantes, porém destinados à perfeição. Se ao longo da nossa trajetória evolutiva falimos ou nos elevamos, isso ocorre por força da nossa livre vontade. As desigualdades sociais existentes são produto de opções voluntárias dos homens e nunca devido às preferências de Deus.

As próprias aptidões humanas, tão diversas, resultam da variedades de experiências vividas nas múltiplas encarnações. Por força do livre-arbítrio, cada pessoa decide qual o caminho a seguir.

“Deus criou iguais todos os Espíritos, mas cada um destes vive há mais ou menos tempo e, conseqüentemente, tem feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade dos graus da experiência alcançada e da vontade com que obram, vontade que é o livre-arbítrio. Daí o se aperfeiçoarem uns mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas. Necessária é a variedades das aptidões, a fim de que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais. O que um não faz fá-lo outro. Assim é que cada qual tem seu papel útil a desempenhar.” [LE - qst 804]

As dessemelhanças que apresentam entre si, quer em inteligência, quer em moralidade, não derivam da natureza íntima deles (dos homens). Resultam apenas de haverem sido criados há mais ou menos tempo e do maior ou menor aproveitamento desse tempo, no desenvolvimento das aptidões e virtudes que lhes são intrínsecas, consoante o bom ou mau uso do livre-arbítrio por parte de cada um.

As desigualdades naturais das aptidões humanas são os degraus das múltiplas experiências que nos conduzirão aos mundos superiores e que nos propiciarão implantar o reino de Deus na Terra. Essas diferenças constituem os agentes do progresso e preenchem uma necessidade inapreciável, na economia da evolução, favorecendo-a, por mais que haja indivíduos

que detestem essas diferenças. Enquanto tenham razão de ser, subsistirão, e, enquanto subsistirem, satisfarão a uma necessidade da própria natureza, favorecendo o progresso humano.

28.2 - Igualdade do Homem e da Mulher

Numa sociedade moralizada, não se compreenderá a diferença, que ainda hoje se observa, entre homem e mulher. Neste sentido os Espíritos Superiores [LE - qst 817] perguntam: “*Não outorgou Deus a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?*” Logo, perante os códigos divinos ambos possuem os mesmos direitos; a diferença de sexo existe por força da necessidade de experiências específicas por que o Espírito precisa passar. Aliás, o Espírito, centelha divina, não possui sexo, conforme as denominações humanas.

“Entre o homem e a mulher existe a igualdade?”

“De direitos, sim; de funções, não. Preciso é que cada um esteja no lugar que lhe compete. Ocupe-se do exterior o homem e do interior a mulher, cada um de acordo com a sua aptidão. A lei humana, para ser eqüitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. Todo privilégio a um ou a outro concedido é contrário à justiça. A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização. Sua escravização marcha de par com a barbaria. Os sexos, além disso, só existem na organização física. Visto que os Espíritos podem encarnar num e noutro, sob esse aspecto nenhuma diferença há entre eles. Devem, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos.” [LE - qst 822a]

Por mais que se acentuem as mudanças sociais no mundo, haverá sempre diversidade das funções entre o homem e a mulher, por necessidade de planificação reencarnatória.

28.3 - As Provas da Riqueza e da Miséria

A igualdade das riquezas não é possível, pois

“A isso se opõe a diversidade de faculdades e caracteres.” [LE - qst 811]

Os homens não são iguais. Uns são mais previdentes, outros menos. Uns mais egoístas, outros menos. Uns mais inteligentes, ativos e trabalhadores, outros menos. Logo,

“se fosse a riqueza repartida com igualdade, a cada um daria uma parcela mínima e insuficiente que, supondo efetuada essa repartição, o equilíbrio em pouco tempo estará desfeito, pela diversidade dos caracteres e das aptidões; que, supondo-a possível e durável, tendo cada um somente com o que viver, o resultado seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e para o bem-estar da Humanidade; que, admitido desse ela a cada um necessário, já não haveria o aguilhão que impele os homens às descobertas e aos empreendimentos úteis. Se Deus a concentra em certos pontos, é para que daí se expanda em quantidade suficiente, de acordo com as necessidades.” [ESE - cap. XVI it 8]

Deus concedeu as provas da riqueza a uns e da pobreza a outros,

“para experimentá-los de modos diferentes. Além disso, como sabeis, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, que nelas, entretanto, sucumbem com frequência.” [LE - qst 814]

Uma das provas mais difíceis é a da pobreza, quanto o é a da riqueza. Na primeira, pode sofrer o Espírito a tentação da revolta. Na segunda, a do abuso dos bens da vida, deturpando-lhe os augustos objetivos.

Espíritos realmente evoluídos, ou simplesmente esclarecidos sobre a Lei de Causa e Efeito, podem solicitar a prova da pobreza, como oportunidade para o acrisolamento de qualidades ou a realização de tarefas.

Algumas vezes, o mau uso da riqueza, em precedente existência, leva o Espírito a pedir a condição oposta, com o que espera ressarcir abusos cometidos e pôr-se a salvo de novas tentações para as quais não se sinta convenientemente forte.

O livre-arbítrio do homem pode levá-lo à pobreza, sem que evoquem precedentes espirituais, causas ligadas ao pretérito. Como, por exemplo, a falta de estímulo para enfrentar os problemas da vida, preguiça, a imprevidência, que são fatores que podem conduzir o homem ao estado de dificuldades econômicas.

“A pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação; a riqueza é, para os outros, a prova da caridade e da abnegação.” [ESE - cap. XVI it 8]

“Se a riqueza houvesse de constituir obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, conforme se poderia inferir de certas palavras de Jesus, interpretadas segundo a letra e não segundo o espírito, Deus, que a concede, teria posto nas mãos de alguns um instrumento de perdição, sem apelação nenhuma, idéia que repugna à razão. Sem dúvida, pelos arrastamentos a que dá causa, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce, a riqueza constitui uma prova muito arriscada, mais perigosa do que a miséria. É o supremo excitante do orgulho, do egoísmo e da vida sensual.” [ESE - cap. XVI it 7]

Pela riqueza pode o homem melhorar a situação material do Planeta onde vive, melhorar a produção através da relação entre os povos.

A riqueza favorece as maiores tentações, por isso ser difícil ao rico acesso ao reino dos céus, mas não impossível, pois ele dispõe de inúmeros meios de fazer o bem. Mas, é justamente o que nem sempre faz. Torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. É por esses fatos que a prova da riqueza, apesar de tão difícil quanto a pobreza, é mais perigosa para o progresso moral do homem.

Bibliografia

- O Livros dos Espíritos - Allan Kardec
- Constituição Divina - Richard Simonetti
- Leis Morais - Rodolfo Calligaris

Capítulo 29

Lei de Liberdade

29.1 - A Liberdade Natural e a Escravidão

A liberdade é a condição básica para que a alma construa o seu destino. A princípio parece limitada às necessidades físicas, condições sociais, interesses ou instintos. Mas, ao analisar-se a questão mais profundamente, vê-se que a liberdade despontada é sempre suficiente para permitir que o homem rompa esse círculo restrito e construa pela vontade o seu próprio futuro.

Intrinsecamente livre, criado para a vida feliz, o homem traz, no entanto, inscritos na própria consciência, os limites da sua liberdade.

Jamais devendo constituir tropeço na senda por onde avança o seu próximo, é-lhe vedada a exploração de outras vidas sob qualquer argumentação, das quais subtraia o direito de liberdade.

A liberdade legítima decorre da legítima responsabilidade, não podendo triunfar sem esta.

A responsabilidade resulta do amadurecimento pessoal em torno dos deveres morais e sociais, que são a questão matriz fomentadora dos lúdimos direitos humanos.

A toda criatura é concedida a liberdade de pensar, falar e agir, desde que essa concessão subentenda o respeito aos direitos semelhantes do próximo.

Ser livre, portanto, é saber respeitar os direitos alheios, porque

“desde que juntos estejam dois homens, há entre eles direitos recíprocos que lhes cumpre respeitar.” [LE - qst 826]

Vivemos num planeta que se caracteriza pela predominância do mal sobre o bem; é um planeta inferior, onde os seus habitantes estão submetidos a provas e expiações; daí ser comum que muitos Espíritos não possuam o discernimento natural para o emprego da liberdade que Deus lhes concedeu. A ocorrência de abusos de poder, manifestada nas tentativas de o homem escravizar o próprio homem, nas variadas formas e intensidade, é o exemplo típico do mau uso desta lei natural.

À medida que o ser humano evolui, cresce com ele a responsabilidade sobre os seus atos, sobre as suas manifestações verbais e, até mesmo, sobre os seus pensamentos. Neste estágio evolutivo, passa a compreender que a liberdade não se traduz por fazer ou deixar de fazer determinada coisa, irresponsavelmente. Passa a medir a sua linha de ação, de maneira que esta não atinja desastrosamente o próximo. Compreende, enfim, que sua liberdade termina onde começa a do próximo.

A vontade própria ou livre-arbítrio é, então, exercitada de uma maneira mais coerente, mais responsável. O livre-arbítrio é definido como “*a faculdade que tem o indivíduo de determinar a sua própria conduta*”, ou em outras palavras, a possibilidade que ele tem de, entre duas ou mais razões suficientes de querer ou de agir, escolher uma delas e fazer que prevaleça sobre as outras.

Sem o livre-arbítrio, o homem não teria mérito em praticar o bem ou evitar o mal, pois a vontade e a liberdade do Espírito não sendo exercitadas, o homem não seria mais do que um autômato. Pelo livre-arbítrio, ao contrário, passa o indivíduo a ser o arquiteto da sua própria vida, da sua felicidade ou infelicidade, da maior ou menor responsabilidade em qualquer ato que pratique.

A liberdade e o livre-arbítrio têm uma correlação fundamental na criatura humana e aumentam de acordo com a sua elevação e conhecimento. Se por um lado temos a liberdade de pensar, falar e agir, por outro lado, o livre-arbítrio nos confere a responsabilidade dos próprios atos por terem sido eles praticados livremente e por nossa própria vontade.

A sujeição absoluta de um homem a outro homem é um erro gravíssimo de conseqüências desastrosas para quem o pratica. A escravidão, seja ela física, intelectual, sócio-econômica, é sempre um abuso da força e que tende a desaparecer com o progresso da Humanidade... É um atentado à Natureza onde tudo é harmonia e equilíbrio. Quem arbitrariamente desfere golpes cerceando a liberdade dos outros, escravizando-os pelos diversos processos que o mundo moderno oferece, sofre a natural conseqüência, e essa é a vergasta da dor, que desperta e corrige, educa e levanta para os tirocínios elevados da vida.

Coube ao Cristianismo mostrar que, perante Deus, só existe uma espécie de homens e que, mais ou menos puros e elevados, eles o são, não pela cor da epiderme ou do sangue, mas pelo Espírito, isto é, pela melhor compreensão que tenham das coisas e principalmente pela bondade que imprimam em seus atos.

29.2 - Liberdade de Pensar e de Consciência

A liberdade de pensamento, e de ação, constituem atributos essenciais do Espírito, outorgados por Deus ao criá-lo.

A liberdade de pensar é sempre ilimitada, porquanto ninguém pode domar o pensamento alheio, aprisionando-o. Assim ensinam os Espíritos [LE - qst 833] ao responderem que “*no pensamento goza o homem de ilimitada liberdade, pois que não há como pôr-lhe peias. Pode-se-lhe deter o vôo, porém, não aniquilá-lo.*” Quando muito, ainda pela inferioridade e imperfeição de nossa civilização, tenta-se conter a manifestação exterior do pensamento, ou seja, a liberdade de expressão.

Se há algo que escapa a qualquer opressão é a liberdade de pensamento. Somente por ela pode o homem gozar de liberdade absoluta. Ninguém consegue aprisionar o pensamento de outrem - embora possa entravar-lhe a liberdade de exprimi-lo.

Pela ação da lei do progresso, a liberdade, em todas as suas modalidades evolui, especialmente a liberdade de pensar, pois atualmente já não vivemos na época do “*crer ou morrer*”, como acontecia nos tempos da Inquisição ou Santo Ofício.

Na verdade, de século para século, menos dificuldade encontra o homem para pensar sem peias e, a cada geração que surge, mais amplas se tornam as garantias individuais no tange à inviolabilidade do foro íntimo.

Evidencia-se bem distinta a liberdade de pensar e de agir, pois enquanto a primeira se exerce com maior amplitude, sem barreiras, a última padece de extensas e profundas limitações.

Apesar de a liberdade de pensar ser ilimitada, ela depende do grau evolutivo de cada Espírito, na sua capacidade de irradiação e de discernimento. À medida que um Espírito progride, desenvolve-se-lhe o senso de responsabilidade sobre seus atos e pensamentos.

“A toda criatura é concedida a liberdade de pensar, falar e agir, desde que essa concessão subentenda o respeito aos direitos semelhantes do próximo.

Desde que o uso da faculdade livre engendre sofrimento e coerção para outrem, incide-se em crime passível de cerceamento daquele direito, seja por parte das leis humanas, sem dúvida nenhuma através da Justiça Divina.

Graças a isso, o limite da liberdade encontra-se inscrito na consciência de cada pessoa, que gera para si mesma o cárcere de sombra e dor, a prisão sem barras em que

expungirá mais tarde, mediante o impositivo da reencarnação, ou as asas de luz para a perene harmonia.”

O limite da nossa liberdade está, portanto, determinado onde começa a do próximo.

“Em todas as relações sociais, em nossas relações com os nossos semelhantes, é preciso nos lembramos constantemente disto: Os homens são viajantes em marcha, ocupando pontos diversos na escala da evolução pela qual todos subimos. Por conseguinte, nada devemos exigir, nada devemos esperar deles, que não esteja em relação com seu grau de adiantamento.”

Logo, o Espírito só está verdadeiramente preparado para a liberdade no dia em que as leis universais, que lhe são externas, se tornem internas e conscientes pelo próprio fato de sua evolução. No dia em que ele se compenetrar da lei e fizer dela a norma de suas ações, terá atingido o ponto moral em que o homem se possui, domina e governa a si mesmo.

Daí em diante já não precisará do constrangimento e da autoridade social para corrigir-se. E dá-se com a coletividade o que se dá com o indivíduo. Um povo só é verdadeiramente livre, digno de liberdade se aprendeu a obedecer a lei interna, lei moral, eterna e universal que não emana nem do poder de uma casta, nem da vontade das multidões, mas de um Poder mais alto. Sem a disciplina moral que cada qual deve impor a si mesmo, as liberdades não passam de um logro; tem-se a aparência, mas não os costumes de um povo livre.

Tudo o que se eleva para a luz eleva-se para a liberdade.

29.3 - Livre-arbítrio e Determinismo

Determinismo ou Fatalismo é uma doutrina segundo a qual todos os fatos são considerados como conseqüências necessárias de condições antecedentes. De acordo com essa maneira de pensar todos os acontecimentos foram irrevogavelmente fixados de antemão, sendo o homem mero juguete nas mãos do destino.

O livre-arbítrio, por sua vez, é a concepção doutrinária que afirma que o homem dispõe sempre da liberdade de escolha, podendo gerenciar as suas decisões e a sua vida.

Posição espírita

O Espiritismo nos ensina que não há um fatalismo absoluto, um determinismo que norteará a vida do homem.

O livre-arbítrio foi talvez a grande conquista do princípio inteligente em sua jornada evolutiva, pois, através dele, tornou-se o Espírito responsável pelos seus atos.

Embora o homem esteja subordinado ao seu livre-arbítrio, sua existência está também submetida a determinada característica de acordo com o mapa de seus serviços e provações na Terra e, delineado pela individualidade em harmonia com as opiniões de seus guias espirituais antes da reencarnação.

As condições sociais, as moléstias, os ambientes viciosos, o cerco das tentações, os sabores, são circunstâncias da existência do homem. Entre elas, porém, está a sua vontade soberana.

O homem é, pois, livre para agir, para escolher o tipo de vida que procura levar. As dores, as dificuldades existentes na sua vida são provas e expiações que vem muitas vezes como conseqüência do uso incorreto do livre-arbítrio em existência anteriores.

“Se o homem tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbítrio, o homem seria máquina.” [LE - qst 843]

Allan Kardec, didaticamente, separa o livre-arbítrio em:

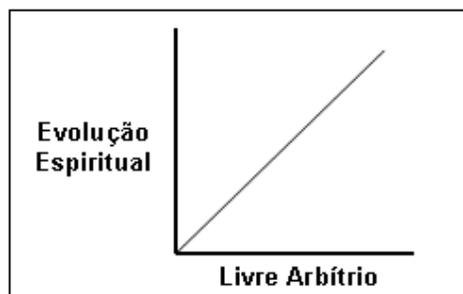
- No estado de Espírito: consiste na escolha da existência e das provas.
- No estado corpóreo: consiste na faculdade de ceder ou resistir aos arrastamentos a que estamos submetidos.

Lembra, no entanto, Kardec, que excetuando-se as Almas Puras, que já atingiram a Perfeição que lhes é possível, em todos os outros o Livre-arbítrio é uma faculdade sempre limitada.

Na medida em que a nossa liberdade termina onde se inicia a liberdade do outro, certos atos, contrários à ordem geral que regem a evolução das criaturas, são vedados.

Assim sendo, o livre-arbítrio será diretamente proporcional a evolução intelecto-moral da criatura. Os Espíritos mais evoluídos o possuem em grau maior; as almas mais inferiorizadas terão uma faixa de escolha mais limitada.

Livre-arbítrio e Evolução



Em outras condições, como no período da infância e na loucura, o livre-arbítrio pode momentaneamente ser retirado do homem.

Livre-arbítrio muito limitado

- Seres inferiores (animais, homem primitivo)
- Período de infância
- Estado de loucura

André Luiz [Ação e Reação] assim se manifesta:

“Nas esferas primárias da evolução, o determinismo pode ser considerado irresistível. É o mineral obedecendo às leis invariáveis de coesão e o vegetal respondendo, fiel, aos princípios organogênicos, na consciência humana a razão e a vontade, o conhecimento e o discernimento entram em junção nas forças do destino, conferindo ao Espírito as responsabilidades naturais que deve possuir sobre si mesmo. Por isso, embora nos reconheçamos subordinados aos efeitos de nossas próprias ações, não podemos ignorar que o comportamento de cada um de nós, dentro desse determinismo relativo, decorrente de nossa própria conduta, pode significar liberação abreviada ou cativo maior, agravo ou melhoria em nossa condição de almas endividadas perante a Lei.”

Conclusões

- 1) Pelo uso do livre-arbítrio, construímos o nosso destino, que pode ser de dores ou de alegrias.
- 2) Livre-Arbítrio, na fase evolutiva em que nos encontramos, é sempre relativo.
- 3) O determinismo, também relativo, pode ser traduzido como a consequência inaceitável de nossa conduta prévia.

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- Ação e Reação - André Luiz/Chico Xavier
- A Constituição Divina - Richard Simonetti
- Leis Morais da Vida - Joanna de Ângelis/Divaldo Franco
- Leis Morais - Rodolfo Calligaris

Capítulo 30

Lei de Justiça, Amor e Caridade

30.1 - Respeito às Leis, às Religiões e aos Direitos Humanos

Falou-nos Jesus: “*Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros*”. Neste ensinamento está resumida a lei de Justiça, de Amor e de Caridade. Com a prática deste ensinamento evangélico, os homens se respeitariam mutuamente, os vínculos sociais entre as criaturas seriam mais consolidados, as leis mais justas, a convivência humana mais pacífica.

Não haveria desrespeito algum entre os homens, cada qual compreenderia os seus direitos, os seus limites de liberdade, professariam a crença para a qual estivessem inclinados sem embargarem ou criticarem a crença dos demais, executariam as leis e normas que regem a vida em Sociedade com precisão e naturalidade, ou seja, a lei de justiça estaria sendo aplicada em sua plenitude. Tudo isto ocorreria e muitas outras coisas mais, se nos amássemos uns aos outros.

Num sentido amplo, tal não acontece, infelizmente, e por este motivo, ainda existe tanto desrespeito às leis e aos direitos humanos.

Segundo os Espíritos na Codificação [LE - qst 875] “*A justiça consiste em cada um respeitar os direitos dos demais*”, acrescentado que duas coisas determinam esses direitos: “*a lei humana e a lei natural*”. Isto porque “*tendo os homens formulado leis apropriadas a seus costumes e caracteres, eles estabeleceram direitos mutáveis com o progresso das luzes.*”

Uma lei na sociedade vivente, por exemplo, na Idade Média, pareceria, nos dias atuais, algo inconcebível, apesar de ser justa e natural naquela época. Nem sempre pois, é acorde com a justiça o direito que os homens prescrevem. Demais, esse direito regula apenas algumas relações sociais quando é certo que, na vida particular, há uma imensidade de atos unicamente da alçada do “tribunal da consciência”. Isto no que diz respeito à lei humana; com relação à lei natural disse-nos, igualmente, Jesus: “*Queira cada um para os outros o que quereria para si mesmo*”. No coração do homem imprimiu Deus a regra verdadeira da justiça, fazendo que cada um deseje ver respeitados os seus direitos. Na incerteza de como deva proceder com o seu semelhante, em dada circunstância, trate o homem de saber como quereria que com ele procedessem, em circunstância idêntica. Guia mais seguro que a própria consciência não lhe podia Deus haver dado.

Perante as leis, as religiões e demais direitos humanos devemos, sempre, agir cordialmente com respeito e fraternidade legítimas. Respeitar as idéias e as pessoas de todos os nossos irmãos, sejam eles nossos vizinhos ou não, estejam presentes ou ausentes, sem nunca descer ao charco da leviandade que gera maledicência.

Quem reprova alguém conosco, decerto que nos reprova perante alguém.

Suprimir toda crítica destrutiva na comunidade em que aprende e serve.

A seara de Jesus pede trabalhadores decididos a auxiliar.

Perdoar sempre as possíveis e im procedentes desaprovações sociais à sua fé, confessando, quando preciso for, a sua qualidade religiosa, principalmente através da boa reputação e da honradez que lhe exornam o caráter.

Cada Espírito responde por si mesmo.

Cooperar com os poderes constituídos e as organizações oficiais empenhando-se, desinteressadamente, na melhoria das condições da máquina governamental, no âmbito dos próprios recursos.

Estimar e reverenciar os irmãos de outros credos religiosos.

Em nenhuma circunstância, pretender conduzir alguém ou alguma instituição, dessa ou daquela prática religiosa, à humilhação e ao ridículo. Com relação à fé religiosa das pessoas ninguém pensa em lhes violentar a crença; concordem, pois, em respeitar a dos outros.

Podemos então concluir que as causas que geram os desrespeitos humanos, são aquelas vinculadas à própria imperfeição humana. São aquelas que dificultam o progresso, como o orgulho e o egoísmo e todas as demais paixões e imperfeições características de Espíritos em vias de melhoria moral.

À medida que o homem progride moralmente amplia sua liberdade e cresce-lhe o senso de responsabilidade, isto porque, a responsabilidade resulta do amadurecimento pessoal em torno dos deveres morais e sociais, que são a questão matriz fomentadora dos lúdicos direitos humanos.

30.2 - A Caridade Segundo a Doutrina Espírita

“Em todos os tempos, há exércitos de criaturas que ensinam a caridade, todavia, poucas pessoas praticam-na verdadeiramente. Torquemada, organizando os serviços da Inquisição, dizia-se portador da divina virtude. A caminho de terríveis suplícios, os condenados eram compelidos a agradecer aos verdugos. Muitos deles, em plena fogueira ou atados ao martírio da roda, acicatados pela flagelação da carne, eram obrigados a louvar, de mãos postas, a bondade dos inquisidores que os condenava a morrer. Essa caridade religiosa era irmã da caridade filosófica da Revolução Francesa.”

Evidentemente que não é nesse sentido que Allan Kardec, depois de aprofundar a meditação em torno dos ensinamentos dos Espíritos Superiores, que se apoiavam nas claras lições do Evangelho, concluiu com sabedoria que “*Fora da Caridade não há salvação*”, dando início a uma nova concepção religiosa.

Na sentença “*Fora da Caridade não há salvação*”, estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no Céu; na Terra, porque a sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o fecho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-se para a Terra da Promissão. Nada exprime com mais exatidão, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina. Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, do que apresentando-a como regra, por isso que é um reflexo do mais puro Cristianismo. Levando-a por guia, nunca o homem se transviará.

Para fim de estudo é preciso que se estabeleça a diferença entre Caridade, Esmola e Filantropia. A resposta à questão 886 de *O Livro dos Espíritos* fala-nos a respeito do verdadeiro sentido da palavra caridade como a entendia Jesus, ou seja, benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola; abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles inferiores, nossos iguais ou nosso superiores. Ela nos prescreve a indulgência, porque de indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer. O homem verdadeiramente bom procura elevar aos seus próprios olhos aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa.

A caridade, sendo virtude por excelência constitui a mais alta expressão do sentimento humano, sobre cuja base as construções elevadas do Espírito encontram firmeza para desdobrarem atividades enobrecidas em prol de todas as criaturas.

Vulgarmente confundida com a esmola - essa dádiva humilhante do que sobeja e representa inutilidade - a caridade excede, sobre qualquer aspecto considerado, as doações externas com que supõe em tal atividade encerrá-la..

Condenando-se a pedir esmola, o homem se degrada física e moralmente: embrutece-se. Uma sociedade que se baseie na lei de Deus e na justiça deve prover à vida do *fraco*, sem que haja para ele humilhação. Não que a esmola mereça reprovação, mas a maneira por que habitualmente é dada. O homem de bem, que compreende a caridade de acordo com Jesus, vai ao encontro do desgraçado sem esperar que este lhe estenda a mão.

Sem dúvida, valioso é todo gesto de generosidade, quando consubstanciado em dádiva oportuna ao que padece tal ou qual aflição.

Entretanto, a caridade que se restringe às ofensas transitórias, não poucas vezes pode ser confundida com filantropia, esse ato de amor fraterno e humano que identifica certos homens ao destinarem altas somas que se aplicam em obras de incontestável valor, financiando múltiplos setores da Ciência, da Arte, da Higiene, do Humanismo...

Henry Ford, John Rockefeller foram filantropos eméritos a cuja contribuição a Humanidade deve serviços de inapreciável qualidade.

Vicente de Paulo, Damien de Veuster, João Bosco e tantos outros, todavia, se transformaram em apóstolos da caridade, pois que nada possuindo entre os valores transitórios do dinheiro e do poder, ofertaram tesouros de amor e fecundaram, em milhões de vidas, o pólen da esperança, da saúde, da alegria de viver..

Para a legítima caridade é imprescindível a fé.

A Caridade é sobretudo cristã.

A filantropia, não obstante os valiosos tributo de que se reveste, independe da fé, não se caracteriza pelo sentimento cristão, é irreligiosa, brotando em qualquer indivíduo.

A caridade, bem sentida e vivida, estabelece verdadeira fraternidade entre os homens, visto que todos somos filhos de um mesmo Pai e, do mesmo jeito que os Espíritos superiores nos amparam e nos sustentam nas lutas humanas, devemos, por nossa vez, amparar aqueles nossos irmãos de Humanidade, considerados criminosos. Devemos amar os desgraçados, os criminosos como criaturas que são, de Deus, as quais o perdão e a misericórdia serão concedidos, mais cedo ou mais tarde, pelo Senhor, quando se arrependerem das suas faltas.

Evitemos julgar as ações cometidas por esses companheiros ajudando-os naquilo que nos for possível, porque a caridade que Jesus ensinou, e que o Espiritismo corrobora, deve ser impregnada de indulgência e benevolência para com as faltas do próximos.

De conformidade com os ensinamentos evangélicos, devemos amar e orar pelos caídos, por aqueles que se embrutecem e retardam sua evolução espiritual às custas de atos criminosos. Finalmente, devemos ver os criminosos como doentes, que necessitam do nosso amor e da nossa piedade.

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- Conduta Espírita - André Luiz - Waldo Vieira

Capítulo 31

O Conhecimento de Si Mesmo

31.1 - A Reforma Íntima

A reforma íntima é um processo contínuo de autoconhecimento, de conhecimento da nossa intimidade espiritual, modelando-nos progressivamente na vivência evangélica, em todos os sentidos da nossa existência. É a transformação do homem velho, carregado de tendências e erros seculares, no homem novo, atuante na implantação dos ensinamentos do Divino Mestre, dentro e fora de si.

a) Por que a Reforma Íntima?

Porque é o meio de nos libertarmos das imperfeições e de fazermos objetivamente o trabalho de burilamento dentro de nós, conduzindo-nos de forma compatível com as aspirações que nos levam ao aprimoramento do nosso Espírito.

b) Para que a Reforma Íntima?

Para transformar o homem e, a partir dele, toda a Humanidade ainda tão distante das vivências evangélicas. Urge enfileirarmo-nos ao lado dos batalhadores das últimas horas, pelos nossos testemunhos, respondendo aos apelos do Plano Espiritual e integrando-nos na preparação cíclica do Terceiro Milênio.

c) Onde fazer a Reforma Íntima?

Primeiramente dentro de nós mesmos, cujas transformações se refletirão depois em todos os campos de nossa existência, no nosso relacionamento com familiares, colegas de trabalho, amigos e inimigos e, ainda, nos meios em que colaboramos desinteressadamente com serviços ao próximo.

d) Quando fazer a Reforma Íntima?

O momento é agora e já; não há mais o que esperar. O tempo passa e todos os minutos são preciosos para as conquistas que precisamos fazer no nosso íntimo.

31.2 - O Conhecimento de Si Mesmo

De modo geral, vivemos todos em função dos impulsos inconscientes que se agitam no nosso mundo interior. Manifestamos, sem controle e sem conhecimento próprio, nossos desejos mais recônditos, ignorando suas raízes e origens.

Somos todos vítimas dos nossos próprios desejos mal conduzidos.

Se sentimos dentro de nós uma atração enorme e alimentamos um desejo de posse, não nos perguntamos se temos o direito de adquirir ou de concretizar aquela inspiração. Sentimos como se fôssemos donos do que queremos, desrespeitando os direitos do próximo. Queremos e isso basta, custe o que custar, contrariando ou não a liberdade dos outros. O nosso desejo é mais forte e nada pode obstá-lo, esta é a maneira habitual de reagirmos internamente.

Agindo desse modo, interferimos na vontade dos que nos cercam e contrariamos, na maioria das vezes, os desejos daqueles que não se subordinam aos nossos caprichos. Provocamos

reações, violências de parte a parte, agressões, discussões, desajustes, conflitos, ansiedade, tormentos, mal-estares, infelicidades.

Vemos constantemente os erros e defeitos dos que nos rodeiam e somos incapazes de perceber nossos próprios erros, tão ou mais acentuados que os dos estranhos. As nossas faltas são sempre justificadas por nós mesmos, com razões claras ao nosso limitado entendimento. Colocamo-nos sempre como vítimas.

Esse comportamento é típico nos seres humanos e confirma o desconhecimento de nós mesmos, das reações e manifestações que habitam a intimidade do nosso eu, sede da alma.

A grande maioria das criaturas humanas ainda se compraz na manifestação das suas paixões e não encontra motivos para delas abdicar em benefício de alguém; são os imediatistas, de necessidades mais elementares, com predominância das funções animais, como reprodução, conservação, defesa. Dentro dessa maioria, compreendemos claramente como hábitos mais evidentes e comuns a sensualidade, a gula, a agressividade que, no ser tradicional, muitas vezes ultrapassam os limites das reações primitivas animais nos requintes de expressão, decorrentes daqueles três hábitos: ciúme, vingança, ódio, luxúria, violência. Podemos dizer que há nesses tipos de indivíduos a predominância da natureza animal, orgânica ou corpórea.

Uma pequena minoria da Humanidade compreende a sua natureza espiritual, e como tal, reflete um comportamento mais racional e menos impulsivo, isto é, suas necessidades já denotam aspirações do sentimento, algum esforço em conquistar virtudes e, assim, libertar-se dos defeitos derivados do egoísmo.

Estamos todos, possivelmente, numa categoria intermediária, numa fase de transição de Espíritos imperfeitos para Espíritos bons e, portanto, ora nos comprazemos dos impulsos característicos do primeiro, ora buscamos alimentar o nosso Espírito nas realizações do coração, na caridade, na solidariedade, no esforço de auto-aprimoramento. Vamos, assim, de modo lento, nas múltiplas existências realizando o nosso progresso individual, elevando-nos na escala que vai do ser animal ao ser espiritual, alicerçando interiormente os valores morais.

Em [LE - qst 919a] Santo Agostinho afirma: *“O Conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual”*

Todo esforço individual no sentido de melhorar nesta vida e resistir ao arrebatamento do mal só pode ser realizado conscientemente, por disposição própria, distinguindo-se claramente os impulsos íntimos e optando por disposições que nos levam às mudanças de comportamento. Desse modo, “conhecer-se a si mesmo” é a condição indispensável para nos levar a assumir deliberadamente o combate à predominância da natureza corpórea.

Como Conhecer-se

A disposição de conhecer-se a si mesmo pode surgir naturalmente como fruto do amadurecimento de cada um, de forma espontânea, nata, resultante da própria condição do indivíduo, ou poderá ser provocada pela ação do sofrimento renovador que, sensibilizando a criatura, desperta-a para valores novos do Espírito. Uns chegam pela compreensão natural, outros pela dor, que também é um meio de despertar a nossa compreensão.

Um grande número de indivíduos são levados, devido a desequilíbrios emocionais, a gabinetes psiquiátricos ou psicoterápicos para tratamento específicos. Através desses tratamentos vêm a conhecer as origens de seus distúrbios, aprendendo a identificá-los e a controlá-los, normalizando, até certo ponto, a sua conduta. Porém, isso ocorre dentro de uma motivação de

comportamento compatível com os padrões de algumas escolas psicológicas, quase todas materialistas.

Na Doutrina Espírita, como Cristianismo Redivivo, igualmente buscamos o conhecimento de nós mesmos, embora dentro de um sentido muito mais amplo, segundo o qual entendemos que a fração eterna e indissolúvel de nosso ser só caminha efetivamente na sua direção evolutiva quando pautando-se nos ensinamentos evangélicos, únicos padrões condizentes com a realidade espiritual nos dois planos da nossa existência.

É preciso, então, despertar em nós a necessidade de conhecer o nosso íntimo, objetivando nossa transformação dentro do sentido cristão original, ensinando e exemplificado pelo Divino Mestre Jesus.

Conhecer exclusivamente as causas e as origens de nosso traumas e recalques, de nossas distonias emocionais nos quadros da presente existência é limitar os motivos dos nossos conflitos, olvidando a realidade das nossas existências anteriores, os delitos transgressores do ontem, que nos vinculam aos processos reequilibradores e aos reencontros conciliatórios do hoje.

As motivações que nos induzem a desenvolver nossa remodelação de comportamento projetam-se igualmente para o futuro da nossa eternidade espiritual, onde os valores ponderáveis são extremamente aqueles obtidos nas conquistas nobilitantes do coração.

Percebendo o passado longínquo de erros, trabalhamos livremente no presente, preparando um futuro existencial mais suave e edificante. Esse é o amplo contexto de nossa realidade espiritual, à qual almejamos nos integrar atuantes e produtivos.

Allan Kardec [CI - cap. VII] mostra, nos itens 16º do Código Penal da Vida Futura, que no caminho para a regeneração não basta ao homem o arrependimento. São necessárias a expiação e a reparação, afirmando que

“A reparação consiste em fazer o bem àqueles a quem se havia feito o mal”, e também “praticando o bem em compensação ao mal praticado, isto é, tornando-se humilde se tem sido orgulhoso, amável se foi rude, caridoso se foi egoísta, benigno se perverso, laborioso se ocioso, útil se for inútil, frugal se intemperante, exemplar se não o foi.”

Como podemos nos reabilitar dentro dessa visão panorâmica da nossa realidade espiritual, infinitamente ampla, é o que pretendemos, à luz do Espiritismo, abordar neste trabalho de aplicação prática.

Reabilitar-se exige modificar-se, transformar o comportamento, a maneira de ser, de agir; é reformar-se moralmente, começado pelo conhecimento de si mesmo.

Múltiplas são as formas pelas quais vamos conhecendo a nós mesmos, nossas reações, nosso temperamento, o que imprime as nossas ações ao meio em que vivemos, aquilo que é a maneira como respondemos emocionalmente, como reagimos aos inúmeros impulsos externos no relacionamento social.

Podemos concluir que a nossa existência é todo um processo contínuo de reformulação de nossos próprios sentimentos e de nossa compreensão dos porquês, como eles surgem e nos levam a agir.

Quando não procuramos deliberadamente nos conhecer, alargando os campos da nossa consciência, dirigindo-a rumo ao nosso eu, buscando identificar o porquê e a causa de tantas reações desconhecidas, somos igualmente levados a nos conhecer, exatamente nos entrecosques com aqueles do nosso convívio, no seio familiar, no meio social, nos setores de trabalho, nos transportes coletivos, nos locais públicos, nos clubes recreativos, nos meios religiosos, enfim, em tudo o que compreende os contratos de pessoa a pessoa.

Bibliografia

- Manual Prático do Espírita - Ney Prietro Peres

Capítulo 32

Os Vícios

32.1 - Introdução

Para o verbete **Vício**, os dicionários da língua portuguesa apresentam a seguinte equivalência: defeito físico ou moral, deformidade, imperfeição, falta, hábito de negativo.

Definição semelhante apresenta o Richard Simonetti ao dizer que “*vício é uma espécie de condicionamento que prende o indivíduo a determinada prática nociva.*”

Admite-se didaticamente sua divisão em dois grupos:

- Vícios Sociais: hábitos prejudiciais.
- Vícios Morais: defeitos

32.2 - Os Vícios Sociais

Os principais vícios sociais são: a **Gula**, o **Tabagismo**, o **Alcoolismo**, a **Toxicomania** e o **Jogo**.

As causas fundamentais de qualquer viciação estão relacionadas à processos complexos, existindo a respeito várias hipóteses diferentes.

Fatores sociais, familiares, psicológicos e reencarnatórios vão se somar, facultando o aparecimento de uma personalidade frágil suscetível do envolvimento vicioso.

Flávio Gikovate diz que “*o vício é uma tentativa para neutralizarmos alguma profunda insatisfação de nossa alma.*”

Simonetti acredita que “o vício é também um problema de compensação psicológica em que o indivíduo procura mergulhando no domínio das viciações atender sua fome íntima de paz.”

32.2.1 - Gula

Ação e Reação - André Luiz

“Aqueles que por vezes diversas perderam vastas oportunidades de trabalho na Terra, pela ingestão de elementos corrosivos, como sejam o álcool e outros venenos das forças orgânicas, tanto quanto os inveterados cultores da gula, quase sempre atravessam as águas da morte como suicidas indiretos, e despertando para a obra de reajuste que lhes é indispensável, imploram o regresso à carne em corpos desde a infância inclinados à estenose do piloro, à ulceração gástrica, ao desequilíbrio do pâncreas e as múltiplas enfermidades do intestino que lhes impõem torturas sistemáticas, embora suportáveis, no decurso da existência inteira.”

Diretrizes de Segurança - Divaldo Franco e Raul Teixeira

Pergunta: “A alimentação vegetariana será mais aconselhável para os médiuns, em geral?”

Raul Teixeira: “A questão da dieta alimentar é fundamentalmente de foro íntimo ou acatará a alguma necessidade de saúde, devidamente prescrita. Afora isto, para o

médium verdadeiro não há chamada alimentação ideal, embora recomende o bom-senso que se utilize de uma alimentação que lhe não sobrecarregue o organismo.

Algumas pessoas recomendam que não se comam carnes, nos dias de tarefa mediúnica, quanto outros recomendam que não se deve tomar café ou beber chocolate, alegando problemas de toxinas. É mais compreensível e me parece mais lógico que a pessoa como no almoço o seu bife, se for o caso, ou tome seu cafezinho pela manhã, do que passar todo o dia atormentada pela vontade desses alimentos.

Por outro lado a resposta dos Espíritos à questão 723 do O Livro dos Espíritos, é bastante nítida a esse respeito, deixando o espírita bem a vontade para a necessária compreensão, até porque a alimentação vegetariana não indica nada sobre o caráter do vegetariano. Lembremo-nos que o ditador era vegetariano e que o médium Chico Xavier se alimenta com carne.”

Livro dos Espíritos, questão 723

Pergunta: “a alimentação animal, para o homem, é contrária à Lei natural?”

Resposta: “Na vossa constituição física, a carne nutre a carne, pois do contrário o homem perece. A lei de conservação impõe ao homem o dever de conservar as suas energias e a sua saúde, para poder cumprir a Lei do trabalho. Ele deve alimentar-se, portanto, segundo o exige a sua organização.”

O Consolador - Emmanuel - questão 129

Pergunta: “É um erro alimentar-se o homem com a carne dos irracionais?”

Resposta: “a ingestão das vísceras dos animais é um erro de enorme conseqüências, do qual derivam numerosos vícios da nutrição humana. É de lastimar semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a cooperação de determinadas vitaminas, esses valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem vegetal, sem a necessidade absoluta dos matadouros e frigoríficos.

Temos de considerar, porém, a máquina econômica do interesse e da harmonia coletiva, na qual tantos operários fabricam o seu pão cotidiano. Suas peças não podem ser destruídas de um dia para o outro, sem perigos graves. Consolemo-nos com a visão do porvir, sendo justo trabalharmos, delicadamente, pelo advento dos tempos novos em que os homens terrestres poderão dispensar da alimentação os despojos sangrentos de seus irmãos inferiores.”

32.2.2 - Tabagismo

Entrevista com Divaldo Franco publicada pela Imprensa Espírita

Pergunta: “Após a morte, o fumante continua desejoso de fumar? E consegue satisfazer o seu vício?”

Resposta: “Indubitavelmente. Os hábitos que se nos arraigam durante a vida física prosseguem na vida espiritual. As obsessões aí estão demonstrando esse fenômeno, a sociedade. Espíritos de ex-fumantes induzem e exploram pessoas invigilantes ou em estado de desequilíbrio a fim de que prossigam no vício.”

Pergunta: “Vícios como cigarro e os tóxicos atuam também no perispírito?”

Resposta: “Sem dúvida. Tudo o que de bom ou de mau fazamos, imprime como que uma matriz no perispírito, qual se fora um filme virgem que mais adiante irá revelar a exata imagem colhida pela objetiva da câmara. Além disso os vícios do cigarro e dos tóxicos atuam nos centros vitais e nas correntes magnéticas do organismo, alteran-

do a constituição da aura da pessoa. Viciações e excessos são, também, formas disfarçadas de autocídio.”

Entrevista com Chico Xavier, no livro *Janela para a Vida*

Pergunta: “A ação negativa do cigarro sobre o perispírito do fumante prossegue após a morte do corpo físico? Até quando?”

Resposta: “O problema da dependência continua até que a impregnação dos agentes tóxicos nos tecidos sutis do corpo espiritual ceda lugar à normalidade do envoltório perispiritico, o que, na maioria das vezes, tem a duração do tempo correspondente ao tempo em que o hábito perdurou na existência física do fumante. Quando a vontade do interessado não está suficientemente desenvolvida para arrear de si mesmo o costume inconveniente, o tratamento dele no Mundo Espiritual, ainda exige quotas diárias de sucedâneos dos cigarros comuns, com ingredientes análogos aos dos cigarros terrestres, cuja administração ao paciente diminui gradativamente, até que ele consiga viver sem qualquer dependência ao fumo.” (Emmanuel).

Pergunta: “Como descreveria a ação dos componentes do cigarro no perispírito de quem fuma?”

Resposta: “As sensações do fumante inveterado, no Mais Além, são naturalmente as da angustiada sede de recursos tóxicos a que se habitou no Plano Físico, de tal modo obsediante que as melhores lições e surpresas da Vida Maior lhe passam quase que despercebidas, até que se lhe normalizem as percepções.”

Pergunta: “Sendo o perispírito o substrato orgânico resultante de nossas vivências passadas, seria certo raciocinar que uma criança nascida de pais fumantes, já teria nessa circunstância uma prova inicial a ser vencida?”

Resposta: “Muitas vezes os filhos ou netos de fumantes são aqueles mesmos Espíritos afins que já fumavam em companhia deles mesmos, antes do retorno a reencarnação. Compreensível, assim, que muitas crianças apresentem desde cedo, tendências compulsivas para o fumo, reclamando trabalho persistente e amorosos de reeducação.”

32.2.3 - Etilismo

Nos Domínios da Mediunidade - André Luiz

“Caía a noite ... Após o dia quente, a multidão desfilava na via pública, evidentemente buscando o ar fresco. Dirigíamo-nos a outro templo espírita, quando tivemos nossa atenção voltada para enorme gritaria. Dois guardas arrastavam, do restaurante barato, um homem maduro em deploráveis condições de embriaguez. Achava-se o pobre amigo abraçado por uma entidade da sombra, qual se um polvo estranho o absorvesse. Num átimo, reparamos que a bebedeira alcançava os dois, porquanto se justapunham completamente um ao outro, exibindo as mesmas perturbações.

Entramos no bar. As emanções do ambiente produziam em nós indefinível mal-estar. Junto de fumantes e bebedores inveterados, criaturas desencarnadas de triste feição se demoravam expectantes. Algumas sorviam as baforadas de fumo arremessadas ao ar, ainda aquecidas pelo calor dos pulmões que as expulsavam, nisso encontrando alegria e alimento. Outras aspiravam o hálito de alcoólatras impenitentes.”

Diretrizes de Segurança - Divaldo Franco e Raul Teixeira

Pergunta: “O uso de alguma bebida alcoólica costuma trazer inconvenientes para os médiuns?”

Raul Teixeira: “Todo o indivíduo que se encontra engajado nos laboratórios médicos deveria abdicar do uso do alcoólicos em seu regime alimentar. Isto porque o álcool traz múltiplos inconvenientes para a estrutura da mente equilibrada, considerando-se sua toxidez e a rápida digestão de que é alvo, facilitando grandemente que, de modo fácil, o álcool entre na corrente sangüínea do indivíduo, fazendo seu efeito característico.”

No Mundo Maior - André Luiz

“Numa saleta abafada, um cavalheiro de quarenta e cinco anos jazia a tremer. Não conseguia manter-se de pé.

Calderaro examinou-o detidamente e indagou do novo amigo que nos acompanhava:

Voltou aos alcoólicos há muitos dias?

Precisamente há uma semana.

Antídio, doente e desventurado, reclamava um copinho, sempre mais um copinho, trazido por um rapaz obediente. Em derredor, quatro entidades embrutecidas submetiam-no aos seus desejos. Empolgavam-lhe a organização fisiológica, alternadamente, uma a uma, revezando-se para experimentar a absorção das emanções alcoólicas, no que sentiam enorme prazer.

Semidesligado do organismo denso pela atuação anestésica do tóxico, Antídio, passou a identificar-se mais intimamente com as entidades que o perseguiram.

Os quatro perseguidores por sua vez tinham a mente invadida por visões terríficas do sepulcro que haviam atravessado como dipsomaníacos. Sedentos, aflitos, traziam consigo imagens espectrais de víboras e morcegos dos lugares sombrios onde haviam estacionado.

Entrando em sintonia com o psiquismo dos vampiros, o ébrio começou a rogar, estentoricamente:

Salve-me! Salve-me pelo amor de Deus! Oh! os morcegos... os morcegos... detenham-nos. Piedade! quem me livrará? Uma cobra, uma cobra ... O que será de mim?”

32.2.4 - Toxicomania

Entrevista com Chico Xavier e Divaldo Franco

Pergunta: “Chico, poderia comentar algo sobre os tóxicos?”

Chico: “Eu não entendo o vício como um problema de criminalidade, mas como um problema de desequilíbrio nosso, diante das Leis da Vida. O tóxico é um problema para os nossos irmãos que se enfraqueceram diante da vida, que procuraram uma fuga; não são criminosos, são criaturas carentes de mais proteção, mais amor, porque se nossos companheiros enveredaram pela estrada do tóxico, eles procuraram esquecer algo; esse algo é eles mesmos; eles não puderam suportar a carga deles próprios.”

Pergunta: “Com relação à toxicomania qual o tratamento mais efetivo?”

Divaldo: “O do lar. A exemplo no lar. O apresentado pela sociedade familiar. A que decorre do Evangelho vivido em casa. Um velho adágio popular com muita sabedoria: Casa de pai, escola de filhos. O lar não é apenas o primeiro santuário, mas, também o primeiro educandário. Há exceções, mas são o corolário da regra geral. Sendo o lar equilibrado, os jovens se desarmonizam; imaginem se eles tivessem encontrado um lar em intranqüilidade! Creio que a melhor terapêutica é o ajustamento doméstico. Nós

os espíritas possuímos a mais as terapêuticas do passe, da água magnetizada, a psicoterapia da palavra e com o recurso acadêmico das ciências da psique reunidos, podemos evitar a derrocada total.”

Bezerra de Menezes, no livro Nas Fronteiras da Loucura

“Como terapia para o grave problema das drogas, inicialmente apresentamos a educação em liberdade com responsabilidade; a valorização do trabalho como método digno de afirmação da criatura; orientação moral segura, no lar e na escola, mediante exemplos dos educadores e pais; a necessidade de viver-se com comedimento, ensinando-se que ninguém se encontra em plenitude e demonstrando essa verdade através dos fatos de todos os dias, com que evitarão sonhos e curiosidades, luxo e anseio de dissipações por parte de crianças e jovens; orientação adequada às personalidades psicopatas desde cedo; ambientes sadios e leituras de conteúdo edificante, considerando-se que nem toda a Humanidade pode ser enquadrada na literatura sórdida da ‘contracultura’, dos livros de apelação e escritos com fins mercenários, em razão das altas doses de extravagância e vulgaridade de que de que se fazem portadores. A estas terapias basilares adir o exercício da disciplina dos hábitos, melhor entrosamento entre pais e mestres, maior convivência destes filhos e alunos, despertamento e cultivo de idéias entre os jovens. E conhecimento espiritual da vida, demonstrando anterioridade da alma ao corpo e a sua sobrevivência após a destruição deste. Quanto mais materialista a comunidade, mais se apresenta consumida, desequilibrada e seus membros consumidos de droga e sexo em desalinho.”

32.2.5 - Jogo

O Consolador - Emmanuel - questão 215

Pergunta: “Os chamados ‘Homens de Sorte’ são guiados pelos Espíritos amigos?”

Resposta: “Aquilo que convencionastes apelidar ‘sorte’ representa uma situação natural no mapa de serviço do Espírito reencarnado, sem que haja necessidade de admitirdes a intervenção do plano invisível na exceção das experiências pessoais.”

O Livro dos Espíritos - questão 865

Pergunta: “Como explicar a sorte que favorece certas pessoas em circunstâncias que não dependem da vontade nem da inteligência, como no jogo, por exemplo?”

Resposta: “Certos Espíritos escolheram antecipadamente determinadas espécies de prazer, e a sorte que os favorece é uma tentação. Aquele que ganha como homem perde como Espírito: é uma prova para o seu orgulho e a sua cupidez.”

Dramas da Obsessão - Bezerra de Menezes

“Por esse tempo, o jogo absorvia-o e ele se endividava, causando sobressaltos à sua mãe, que temia vê-lo às voltas com a polícia. Mesmo assim, porém, apesar de encontrar-se sofrivelmente colocado e contando com apenas 22 anos de idade, Leonel casou-se. Os primeiros meses deslizaram normalmente mas, de súbito, Leonel entra a sonhar com grandes quantias em seu poder, oriundas do jogo. Sente-se rico em sonhos agradáveis, e rodeado de prazeres. Tais sonhos se distenderam em sugestões, durante a vigília, e um desejo ardente de ser rico. Ele tornou-se neurastênico, irritado. Não falava a amigos, não mais cumprimentava os próprios companheiros de trabalho. E a todos os instantes, com a mente assoberbada de preocupações, os perseguidores implacáveis do mundo espiritual segregavam-lhe a intuição das trevas.

Retira, retira outras importâncias ... Hás de recuperar tudo...

A sorte hoje será tua... cada uma tem o seu dia ... Hoje é o teu grande dia, para obteres fortuna e recompensas felizes ao muito que tens sofrido...

No entanto Leonel, perdia, ainda e sempre, porque o perseguidor o acompanhava à mesa das cartas para não deixá-lo ganhar.”

32.3 - Os Vícios Morais

Segundo Allan Kardec, todos as misérias morais da Humanidade têm origem em dois vícios capitais: O Orgulho e o Egoísmo.

Lembra o codificador do Espiritismo, que esses defeitos estão na base de todos os vícios morais da criatura. O ciúme, a inveja, a vaidade, a cupidez, o personalismo são, em última instância, filhos do Egoísmo ou do Orgulho.

Kardec define o Egoísmo como sendo “*O interesse pessoal exacerbado*”; é aquela condição que leva o indivíduo a pensar em si mesmo, nos seus interesses, nos seus prazeres, preterindo todos as outras pessoas.

Segundo o dicionário, egoísta “*é aquele que tem um amor exclusivo ou preponderante a sua pessoa ou aos seus interesses*”.

O orgulho, por sua vez, é definido como sendo “*o conceito muito elevado que alguém faz de si mesmo.*”

Consiste no estado de exaltação da personalidade que leva o homem a considerar-se acima dos outros. A importância que o indivíduo atribui a si mesmo faz com que ele se julgue com direitos superiores.

Os vícios morais que derivam do orgulho e do egoísmo são:

- **Avareza:** Apego exagerado ao dinheiro e aos objetos materiais.
- **Ciúme:** Estado de inquietude em decorrência do medo de perder o que tem.
- **Preguiça:** Pouca disposição para o trabalho.
- **Negligência:** Descuido com as próprias obrigações.
- **Vaidade:** Desejo de merecer a aprovação dos outros e de se destacar.
- **Inveja:** Desgosto ante a prosperidade e o sucesso de outrem ou desejo de possuir ou gozar algum bem que outrem possua ou desfrute.
- **Maledicência** ou **Calúnia:** Uso inadequado na conversação oral ou escrita com o fim de depreciar ou reduzir a importância de outrem.
- **Mágoa:** Ausência do perdão.
- **Vingança:** Desejo de ir à forra.
- **Culpa neurótica:** Emoção destrutiva e estática de autocobrança diante de um erro sem nada fazer para repará-lo.
- **Personalismo:** Conduta daquele que refere a si próprio.
- **Melindre** Capacidade de se ofender ou irritar com as mínimas coisas.
- **Impaciência:** Pouca capacidade de esperar.
- **Intolerância:** Pouca capacidade de aceitar ou conviver com o defeito dos outros.

Como combater o Egoísmo

- 1) Procurar o serviço ao próximo, com os próprios meios, empregando forças, inteligência e habilidade para realizar nossos propósitos generosos;
- 2) Trabalhar sem remuneração para os mais carentes, dedicando algumas horas semanais em atividades assistenciais;
- 3) Repartir do nosso guarda-roupa ou objetos de uso pessoal, que não nos é mais útil, ou que tenhamos em excesso;
- 4) Procurar inteirar-se das amarguras de alguém no sincero propósito de amenizar sua dor;
- 5) Dedicar nossa assistência aos serviçais e subalternos que convivem conosco;
- 6) Olhar, ouvir, falar, acariciar com o coração pleno de amor, os familiares que nos são confiados;
- 7) Interessar-se pelas pessoas recém apresentadas;
- 8) Ajudar com delicadeza nos transportes ou na rua às criaturas em dificuldades, cedendo lugar, facilitando passagem, carregando volumes.

Como combater o Orgulho

- 1) Ouvir com atenção e paciência as emoções e não revidando todas as vezes que formos por alguém criticados;
- 2) Não aceitar provocações, esquecendo as ofensas;
- 3) Não menosprezar nenhuma pessoa, por mais ignorante que seja;
- 4) Ser submisso às ordens de seus superiores;
- 5) Procurar o lado mais simples de todas as coisas, combatendo o supérfluo;
- 6) Procurar exercer as funções mais modestas;
- 7) Evitar a ostentação e a espera do reconhecimento por algo que tenha feito;
- 8) Não criticar;
- 9) Não falar excessivamente de si mesmo;
- 10) Não se queixar;
- 11) Controlar os impulsos de impaciência;
- 12) Aceitar as opiniões, idéias, pensamentos e convicções dos outros;
- 13) Fazer o bem sem comentários, ou quaisquer referência ao nosso gesto;
- 14) Dissimular o benefício quando prestado a alguém para não embaraçá-lo;
- 15) Não se referir a exemplos próprios de boa conduta para recomendar procedimentos aos outros.

(Do Livro Manual Prático do Espírita, de Ney Prietro Peres)

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- Manual Prático do Espírita - Ney Prietro Peres
- Ação e Reação - André Luiz/Chico Xavier
- Diretrizes de Segurança - Divaldo Franco e Raul Teixeira

- O Consolador - Emmanuel/Francisco Cândido Xavier
- Janela para a Vida - André Luiz/Chico Xavier
- Nos Domínios da Mediunidade - André Luiz/Chico Xavier
- Missionários da Luz - André Luiz/Chico Xavier
- No Mundo Maior - André Luiz/Chico Xavier
- Nas Fronteiras da Loucura - Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo Franco
- Psicologia Espírita - Jorge Andréa
- Dramas da Obsessão - Bezerra de Menezes/Yvonne Pereira
- Dos Híppies aos Problemas do Mundo - Espíritos Diversos
- Obras Póstumas - Allan Kardec

Capítulo 33

As Paixões

33.1 - Introdução

Genericamente, paixão é um sentimento excessivo em torno de alguém, de algum objeto ou ideal.

Alguns a traduzem como amor ardente, afeição intensa com características de parcialidade e exclusivismo.

Allan Kardec [LE - qst 907] faz uma abordagem importante deste assunto:

Esclarece, inicialmente, que as paixões em si mesmo não são um mal. A paixão está no excesso provocado pela vontade pois, o “princípio da paixão” aqui significando “amor intenso em torno de”, foi dado ao homem para o bem e as paixões podem conduzi-lo a grandes coisas.

Em [LE - qst 908] indaga:

“Como definir o limite em que as paixões deixam de ser boas ou más?”

R: “As paixões são como um cavalo, que é útil quando governado e perigoso quando desgoverna. Reconhecer, pois, que uma paixão se torna pernicioso no momento em que a deixam de governar e quando resulta num prejuízo qualquer para vós ou para o outro.”

As paixões são impulsoras do progresso e ajudam a cumprir as leis divinas se conseguirmos direcioná-las para o bem e para a evolução. Devemos, portanto, dominá-las e não permitir que elas nos dominem.

“Todas as paixões têm um princípio num sentimento ou numa necessidade da natureza. O princípio das paixões não é, portanto, um mal, pois repousa sobre uma das condições providenciais da nossa existência”

Dada a nossa condição espiritual ainda inferior, exageramos o sentimento ou a necessidade que nos leva ao desequilíbrio e às conseqüências funestas do arrastamento do mal dando vazão ao egoísmo e ao orgulho impedindo-nos de usufruir a serenidade e a paz interior.

O excesso, a parcialidade, o extremismo são fatores que tornam as paixões maléficas com implicações prejudiciais ao nosso progresso moral.

“Toda paixão que aproxima o homem da sua natureza animal, distancia-o da natureza espiritual”.

Este posicionamento retarda seu progresso espiritual, denuncia a supremacia da matéria sobre o Espírito, gerando animosidade e conflitos em sua vida social e familiar.

33.2 - Como Vencê-las

A vontade de superar suas más tendências, de demover suas tendências inferiores seria a melhor maneira de vencer o domínio das paixões e através da prece, do amor desinteressado, da abnegação e da renúncia, o homem estaria mais seguro e mais sereno nesta luta constante pelo seu aprimoramento moral.

A busca da felicidade é a grande meta do homem.

Todos os prazeres do mundo são regulados por leis divinas que estabelecem limites em função das reais necessidades humanas e dos anseios de nossa alma. Transgredir estes limites é buscar nos excessos das paixões e de outros vícios, o sofrimento e a dor.

Somente somos felizes quando agimos de acordo com a lei divina ou natural. E a lei divina é a lei do amor.

Em todos os atos de nossa vida, seja no cumprimento de um dever, na expressão de uma atividade artística ou profissional, externando nossos sentimentos evidenciamos, ainda, nossa condição inferior com abusos e extravagâncias causando danos a nós mesmos e ao meio em que vivemos.

Está no excesso, no exagero de nossas necessidades materiais ou de nossos sentimentos e aptidões a causa de paixões desgovernadas que provocam perturbações ao nosso Espírito.

Em nosso dia a dia podemos treinar o domínio sobre as paixões, a começar pelas coisas mais simples:

- No ato de alimentar, indispensável à nossa sobrevivência, quando exageramos se transforma numa paixão que é a gula ou glotonaria;
- Nas atividades profissionais ou domésticas, se desequilibradas e envolvidas por atitudes egoístas ou desencadeadoras de conflitos e desarmonia, serão transformadas em fatores de obsessão;
- O lazer, o entretenimento, a recreação que fazem parte da higienização mental; agindo como válvulas de escape e relaxação ante as agressões da vida moderna, contudo os abusos na busca de emoções novas e o exagero da participação constante, serão transformados em ociosidade ou paixões perigosas;
- Nas ligações afetivas, tão importantes no equilíbrio das emoções, se levadas aos extremos do ciúme e do egocentrismo, serão geradoras de paixões destrutivas;
- Os ideais enobrecedores da alma, seja na área da pesquisa, dos estudos, das realizações artísticas ou religiosas, se levados aos excessos do exclusivismo, poderão gerar neuroses ou desequilíbrios espirituais.

São exemplos com os quais nos deparamos em nossa vida de relação diária e que poderão gerar desregramentos transformando em paixões violentas. Se educadas, as nossas emoções e as nossas paixões poderão impulsionar e acelerar nossa evolução espiritual e favorecer o progresso intelectual e moral da Humanidade.

No autoconhecimento, no constante trabalho de reforma íntima, ao tomarmos consciência de nossas tendências, reações e modos de sentir, teremos na vontade a ação propiciadora de ajuste e transformação das potencialidades de nossa alma.

Seguindo a recomendação de Jesus, para estarmos livres das investidas de nossos próprios defeitos, é indispensável que nos vigiemos sempre.

Allan Kardec [LE - qst 912] indaga:

“Qual é o meio mais eficaz de se combater a predominância da natureza corpórea?”

R: “Praticar a abnegação.”

Abnegação:

Sacrifício voluntário do interesse pessoal, renunciando pelo bem do próximo.

A abnegação é indicativa daquilo que fazemos em favor de alguém ou de alguma causa, sem interesse próprio, com esquecimento de nós mesmos ou até com sacrifício do que possa nos pertencer.

Nós espíritas, temos nas obras assistenciais, na tarefa mediúnica, na doação de energias fluídicas, no trabalho desenvolvido em favor do próximo, oportunidades de executar a reformulação de nossas atitudes e dominar as paixões que nos arrastam ao desequilíbrio.

Vigiemos nossos atos e palavras que expressam, realmente, o que sentimos e em que condições íntimas nos encontramos. Nem sempre agir apaixonadamente é incorreto, desde que canalizemos toda a emoção, todo o sentimento que nos move para realizações que beneficiem a nós mesmos e aos que nos cercam.

Neste nível de consciência, as paixões são conduzidas e regradas sem que tragam danos ao psiquismo humano.

Age-se com serenidade e a vida estua em vibrações de paz e amor!

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- As Leis Morais - Rodolfo Calligaris
- Momentos de Saúde - Joanna de Ângelis/Divaldo Franco
- O Homem Integral - Joanna de Ângelis/Divaldo Franco
- Manual Prático do Espiritismo - Ney Preto Peres.
- O Consolador - Emmanuel/Chico Xavier

Capítulo 34

Felicidade e infelicidade relativas

34.1 - A Medida da Felicidade

Allan Kardec [LE - qst 920 seg] apresenta dois conceitos de Felicidade: Absoluta e Relativa.

A felicidade **absoluta**, segundo o codificador, é apanágio dos Espíritos Superiores, aqueles Espíritos que alcançaram a soma completa das virtudes.

Não possuindo imperfeições e necessidades físicas e não estando mais na dependência das reencarnações provacionais ou expiatória, eles desfrutam da completa felicidade, inalterável e incompreensível para nós.

A felicidade que nós é possível, no presente estágio evolutivo, é sempre **relativa** às nossas condições intelecto-morais e nosso posicionamento ante a vida.

Quando indaga aos Benfeitores quanto a medida comum de felicidade a todos os homens [LE - qst 922], Allan Kardec tem a seguinte resposta:

“Para a vida material, a posse do necessário; para a vida moral, a consciência pura e a fé no futuro.”

Condições Para a Felicidade:

- A posse do necessário a vida material;
- A consciência tranqüila;
- A fé no futuro;

34.2 - Felicidade e Jesus

Estabelecendo, conforme o Eclesiastes, que a verdadeira “felicidade não é deste mundo”, Jesus preconizou que o homem deve viver no mundo sem pertencer a ele, facultando-lhe o autodescobrimento para superar o instinto e sublimá-lo com as conquistas da razão, a fim de planar nas asas da angelitude. Não é feliz o homem em possuir ou deixar de possuir, mas pela forma como possui ou como encara a falta da posse. O homem é mordomo, usufrutuário dos talentos de que se encontra temporariamente investido na condição de donatário, mas dos quais prestará contas. O *ter* ou deixar de *ter* é consequência natural de como usou ontem a posse e de como usará hoje os patrimônios da vida, que sempre pertencem à própria vida, representando Nosso Pai Excelso e Criador.

Situando no “*amar ao próximo como a si mesmo*” a pedra fundamental da felicidade, o Cristo condiciona a existência humana ao supremo esforço do labor do bem em todas as direções e latitudes da vida, dirigido a tudo e a todos, e elucida que cada um possui o que doa. A felicidade é o bem que alguém proporciona ao seu próximo. O *eu* se anula então, para que nasça a comunidade equilibrada, harmônica e feliz. A alegria de fazer feliz é a felicidade em forma de alegria.

Construída nas bases da renúncia e da abnegação a felicidade não é imediata, fugaz, arrebatadora e transitória. Caracteriza-se pela produtividade através do tempo, vazada na elaboração das fontes vitais da paz de todos, a começar de hoje e não terminar nunca. Por isso não é “deste mundo”.

Vivendo as dores e necessidades do povo, Jesus padronizou a busca da felicidade no amor por ser a única fonte inexaurível, capaz de sustentar toda aflição e vencê-la, paulatinamente. E amando, imolou-se num ideal de suprema felicidade.

34.3 - Felicidade e Espiritismo

Concisa e vigorosamente fundamentada no Cristianismo, a Doutrina Espírita apresenta a felicidade e a desgraça como sendo a consequência das atitudes que o homem assume na rota evolutiva pela cadinho das incessantes reencarnações.

O Espírito é a soma das suas vidas pregressas.

Quanto haja produzido, reaparecer-lhe como título de paz ou promissória de resgate, propondo, o homem mesmo, as diretrizes e as aquisições do caminho a palmilhar. Quanto hoje, amanhã será completado. O excesso, hoje desperdício, é ausência na escassez do futuro. Todo o bem que se pode produzir é felicidade que se armazena.

A filosofia da felicidade à luz do Espiritismo se compõe da correta atitude atual do homem em relação à vida, a si mesmo e ao próximo, estatuinto vigorosos lances que ele mesmo percorrerá no futuro. As dores, as ansiedades e as limitações são exercícios de morigeração a seu próprio benefício, transferindo ou aproximando o momento da libertação dos males que o afligem.

A consciência da responsabilidade oferece ao homem a filosofia ideal do dever e do amor.

Respeito à vida com perfeita integração no Espírito da vida - eis a rota a palmilhar.

Serviço como norma de elevação e renúncia em expressão de paz interior. Servindo, o homem adquire superioridade e, doando-se, conquista liberdade e paz.

Nem posse excessiva nem necessidade escravizante.

Nem o poder escravocrata nem a indiferença malsinante.

O amor e a caridade como elevadas expressões do sentimento e da inteligência, conduzindo as aspirações do Espírito, que tem existência eterna, indestrutível, sobrevivendo à morte e continuando a viver, retornando à carne e prosseguindo em escala ascensional, na busca ininterrupta da integração no concerto sublime do Cosmo, livre de toda dor e toda angústia, da sombra e da roda das reencarnações inferiores, feliz, enfim!

Bibliografia

- O Livro dos Espíritos. - Allan Kardec
- Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- Estudos Espíritas - Joanna de Ângelis/Divaldo Franco

--- Fim ---